"A rebeldia cúmplice de dois adolescentes transformada pouco a pouco numa indomável história de amor." – *La Repubblica*

Paola Predicatori

MEU INVERNO EM ZEROLÂNDIA



SUMA de letras

Paola Predicatori

MEU INVERNO EM ZEROLÂNDIA

Tradução

Joana Angélica d'Avila Melo



© 2012 RCS Libri S.p.A., Milano

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
Il Mio Inverno a Zerolandia

Capa
Marcela Perroni sobre layout original de
Francesca Leoneschi/ The World of DOT

Revisão
Ana Grillo
Cristiane Pacanowski
Eduardo Rosal
Livia Cabrini

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Freitas Bastos

PRISA EDIÇÕES

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P941ml

Predicatori, Paola

Meu inverno em Zerolândia [recurso eletrônico] / Paola Predicatori ; tradução Joana Angélica d'Avila Melo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2014.
recurso digital

Tradução de: *Il Mio Inverno a Zerolandia*
Formato: ePub Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
225 p. ISBN 978-85-8105-229-8 (recurso

eletrônico)

1. Ficção italiana. 2. Livros eletrônicos. I. Melo, Joana Angélica d'Avila. II. Título.

14-12064 CDD: 853 CDU: 821.131-1-3

Sumário

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Dedicatória
Epígrafe
Minha mãe
27 de Setembro
20 de Outubro
25 de Outubro

31 de Outubro
5 de Novembro
Invisível
9 de Novembro
Nos seus olhos
16 de Novembro
Você iria gostar de Gabriel
17 de Novembro
Balanço das coisas no seu quarto
21 de Novembro
22 de Novembro
26 de Novembro
Balanço das coisas que não fiz por você
Ainda 26 de Novembro
27 de Novembro
28 de Novembro

A casa de Teresa
30 de Novembro
Aquela vez em que te dei banho
Primeiro de Dezembro
Quando você se apaixonou
2 de Dezembro
3 de Dezembro
7 de Dezembro
12 de Dezembro
Quando você dormir
13 de Dezembro
14 de Dezembro
Lembra-se de Franco?
15 de Dezembro
21 de Dezembro
Ontem à noite sonhei com você
23 de Dezembro

24 de Dezembro
Natal
26 de Dezembro
Flutuar no espaço
26 de Dezembro – Dois
2046
27 de Dezembro
28 de Dezembro
29 de Dezembro
30 de Dezembro
31 de Dezembro
2 de Janeiro
9 de Janeiro
10 de Janeiro
11 de Janeiro
13 de Janeiro
21 de Janeiro

24 de Janeiro
Despedida
Ainda 24 de Janeiro
Dois arco-íris
25 de Janeiro
26 de Janeiro
27 de Janeiro
2 de Fevereiro
17 de Fevereiro
7 de Março
Quando a felicidade voltar, vou fingir que não é nada
23 de Março
10 de Abril
28 de Abril
30 de Maio
3 de Julho

27 de Julho
7 de Agosto

à minha mãe,
todos os dias da minha vida

A praia, vazia, infinita. Já não é sequer um espaço, mas o plano inclinado do tempo onde a memória desliza.

Aparecem fragmentos de coisas, de pessoas, o enquadramento muda continuamente, muitas vezes fica fora de foco. Uma moça caminhando com uma menina nos braços. A moça acaricia docemente os cabelos escuros da

menina, depois lhe dá um beijo na têmpora. O rosto da menina, depois o da moça. O vento joga-lhe os cabelos sobre a face. Ela sorri, move os lábios. Está dizendo algo à menina, mas não há som: apenas silêncio. E tempo. Tudo aparece e desaparece naquele espaço sinuoso, distante, inalcançável. A praia, as nuvens, a moça que caminha. De repente não se vê mais nada.

Minha mãe

Ainda recordo o dia em que me pegaram roubando. Eu tinha 8, talvez 9 anos, e o supermercado era um daqueles pequenos, de bairro, nos quais, das caixas registradoras, é possível ficar de

olho em todas as gôndolas. No setor de papelaria, eu tinha notado uma borracha cor-de-rosa em forma de coração e não consegui resistir. Uma das caixas veio e me mandou entregar imediatamente aquilo que eu tinha surrupiado, porque ela havia visto tudo. Sem sequer olhá-la nos olhos, devolvi a borracha e fugi.

O medo é tal como eu o recordo naquele dia. O coração que começa a bater forte, um ruído ensurdecedor que partindo do peito chega até dentro dos ouvidos, e a gente já não escuta nem mesmo as próprias palavras. Tudo é de repente tão real que não parece verdadeiro. Daquele momento, tenho claro cada detalhe. A caixa usava saia

vermelho-escura e mocassins pretos. Junto das borrachas em forma de coração havia uns estojos de brim azul. As pessoas que faziam fila diante das registradoras se voltaram para me olhar. Fugi com o coração cheio de medo. No tempo que levei para chegar em casa, o medo se transformou em vergonha, e decidi que jamais contaria aquilo a ninguém.

Quando disseram a mamãe que ela estava com câncer de rim, o medo chegou pontual como daquela vez: me pegou pela garganta, misturou-se ao sangue e quando chegou ao coração dilacerou-o. Minha mãe tinha 37 anos,

chamava-se Ana. Dois anos depois, morreu.

Viver no medo, agora eu sei, é o pior dos pesadelos, e foi assim que mamãe viveu por todo aquele tempo, com aquele pensamento de morte dia após dia, hora após hora. Criou o hábito de manter acesa a lampadazinha sobre a mesinha de cabeceira a noite toda e de não fechar mais as persianas. Começou a dizer que nossa casa era escura, que não entrava luz suficiente. Iniciou sua batalha contra a escuridão mandando tirar as cortinas da sala; logo ela, que sempre havia amado a noite, passou a odiá-la.

Minha família nunca foi daquelas tradicionais, papai-mamãe-irmãos-irmãs. A mamãe e a vovó são toda a família que eu tive. Meu avô morreu quando eu ainda era pequena, e meu pai eu nunca conheci. Foi embora quando mamãe engravidou. Agora, restamos só duas, e pensar no futuro me apavora.

Entre as coisas que conservo de quando era pequena, inclui-se o vídeo que o vovô fez no dia do meu terceiro aniversário, quando comemoramos também a formatura de minha mãe em Letras. Está na estante do meu quarto. Depois da morte dela, eu o revi um monte de vezes. Há um momento, quando estou para soprar as velinhas,

em que se vê a mamãe atrás de mim, e sobre a mesa à nossa frente há uma torta enorme. Estou em pé na cadeira e ela me abraça pela cintura. Está dizendo alguma coisa ao meu ouvido, uma daquelas coisas que se dizem às crianças, tipo "veja que torta linda", o áudio é péssimo, não se consegue escutar e infelizmente não se pode fazer nada, assim me disse o técnico da loja onde levei o vídeo. Eu levanto uma das mãos e lhe toco uma bochecha, enquanto olho a torta à minha frente. Sei que pode parecer impossível, mas me lembro daquele momento. Sempre que me revejo, penso a mesma coisa: que o tempo não passou, eu ainda estou ali,

com a voz de minha mãe me acariciando a face. E é a única coisa que eu queria. Voltar atrás. Parar o tempo.

Depois do diagnóstico, ela foi operada com urgência e começou logo a terapia, mas todos os médicos que a examinaram e leram seu prontuário nos disseram que não havia esperança, restava-lhe pouco tempo de vida. Ninguém podia dizer quanto, alguns disseram meses, outros ficaram em silêncio. Continuaram o tratamento porque ela ainda era jovem. Minha mãe quis saber desde o início e, quando todos soubemos que ela sabia, foi como estar numa montanha-russa sem conhecer

o tempo da corrida. Como sentir-se agarrar pelo coração.

Quem me contou foi a vovó. No dia seguinte, não fui à escola — eu tinha 16 anos e frequentava a terceira série do liceu[1] —, e nem no outro. Quando Sonia e Barbara, minhas colegas de turma, me telefonaram, inventei uma desculpa e pedi que avisassem aos professores que eu estava me sentindo mal, mas voltaria logo. Não contei nada sobre o câncer de minha mãe, não queria responder às perguntas delas, e sobretudo não queria que todos soubessem. Naquele momento, compreendi que havia feito a primeira coisa de adulta: tinha silenciado para protegê-la e porque sentia necessidade

de estar sozinha, longe das bobagens que se dizem em certos momentos, longe da tagarelice inútil, para entender realmente o que estava acontecendo. Depois da vovó, a mamãe também me chamou e me disse como estavam as coisas, e naquele momento só esperei que meu medo não fosse visível. Ela também fazia de tudo para parecer tranquila, mas as olheiras e a pele retesada do rosto mostravam o contrário. A mamãe me repetiu o que a vovó me dissera, mas, quando ouvi a palavra câncer pronunciada por ela, meus olhos se encheram de lágrimas. Ela então me abraçou com força e disse que havia tratamento, que comigo ao seu

lado iria conseguir. Naquele momento, *eu* se tornou *nós*, e o câncer dela passou a ser meu também. Eu sabia, era uma coisa pavorosa, o pai de um amigo meu tinha morrido disso poucos anos antes. Naqueles dias, minha cabeça se encheu de perguntas: os sintomas? Seria possível que ela não os tivesse percebido? Em que momento tudo tinha começado? Por que ninguém dera importância ao seu emagrecimento repentino? Por que ela, quando havia algum problema comigo, sempre percebia tudo, e eu, que também a amava, não tinha pensado em nada? Se a gente ama uma pessoa, tem que cuidar dela. Será que eu não a tinha amado o

suficiente, já que meu amor havia sido tão irresponsável?

Eu e mamãe nunca conversamos muito, e não mudamos nem mesmo no período de sua doença, mas começamos a nos buscar com o olhar, a nos apertar as mãos enquanto víamos um filme juntas, a nos sorrir silenciosas, sorrisos cálidos, cheios da esperança que ninguém nos tinha dado. Testemunha de tudo foi minha avó, que cumpriu todas as decisões de minha mãe quanto à terapia e, no fim, as últimas vontades dela. Em dois anos, nunca vi vovó chorar. Em certos momentos, ela até me parecia outra. Sua força se firmara em outros silêncios, em um tempo distante e jovem

sobre o qual ninguém sabia nada, e que de repente retornava.

Poucos dias antes da operação, não consegui mais me segurar e contei às minhas amigas de escola. No dia em que minha mãe foi operada, recebi uma enxurrada de torpedos e e-mails, até de garotas e garotos com quem não falava havia um tempão. Eu não tinha dito a ninguém que a cirurgia não adiantaria nada, não eliminaria o problema, e assim todas aquelas mensagens cheias de confiança e de vida me causaram o efeito contrário, e a cada vez que chegava uma nova eu precisava reprimir o impulso de jogar o celular contra a parede. Quando voltei à escola, alguns

dias mais tarde, o efeito novidade já começara a diminuir. Todos me perguntaram como havia sido a cirurgia, como estava minha mãe, e só. Mais tarde, quando parei de ir à escola, ninguém me perguntou mais nada. Minhas amigas pararam de vir à minha casa e eu de ir à casa delas. Com a desculpa de que nessas situações é melhor não perguntar e não incomodar, fez-se o vazio ao meu redor. Os dois anos que se seguiram, passei-os como dentro de uma sombra. Testes, arguições, algum sábado na boate, piscina, passeios no centro, mas, em cada coisa que eu fazia, havia minha mãe que estava morrendo. A morte dela

estava em toda parte: na mochila entre os livros da escola, no ar rosado e límpido dos ocasos de primavera, mas sobretudo em seus olhos conscientes e resignados. Recordo haver desejado a cada dia que ela superasse aquilo contra todas as previsões: sim, teríamos tempo, ainda, e aprenderíamos a não o desperdiçar, a não esperar sabe lá qual futuro para as palavras importantes.

Se alguém me perguntasse o que recordo daqueles dois anos, eu responderia: nada de especial, à parte os gestos, os sorrisos, as pequenas coisas de todos os dias — a vida é assim, agora compreendi, o que importa são os instantes, e não as coisas. Penso

que até meu modo de respirar mudou: posso afirmar que aprendi a prender o fôlego, como se tivesse passado todo aquele tempo embaixo d'água, à espera de tomar ar de novo. Por todo aquele tempo, senti apenas medo.

Recordo um filme com uma mulher que antes de morrer chama as filhas para perto de si e, uma a uma, e faz uma espécie de discurso de despedida. Mamãe não fez nada disso. A única coisa que me disse até o fim, que não se cansou nunca de me repetir, foi que me amava e que eu tinha sido a coisa mais bonita de sua vida. Quando estávamos juntas, me fazia falar muito: da escola, das minhas amigas, das coisas que eu

queria fazer. E depois, perto do fim, quando começou a ficar muito cansada, simplesmente me pedia para me sentar ao lado dela, na cama. Então eu me deitava ao seu lado e lhe segurava a mão, ou então ela pousava a sua sobre meus cabelos, e dormíamos um pouco assim, como se escavássemos mais tempo dentro do tempo, como se criássemos saídas, vias de fuga.

Morreu numa manhã em que eu estava na escola. Já fazia alguns dias que não se levantava mais. O médico havia aumentado a dose de morfina e ela dormia quase o tempo todo. Falava pouquíssimo, e, se eu lhe segurasse a mão, já não a apertava como antes. Eu

não queria ir à escola naquele dia, mas vovó me obrigou. Dizia que eu devia me distrair ao menos por algumas horas, que se fosse o caso me chamaria imediatamente. Quando meu celular vibrou e li o nome da vovó no visor, eu já sabia o que iria ouvir. Disse ao professor que precisava ir imediatamente para casa e saí correndo sem olhar para ninguém. Ainda me amaldiçoo por não ter ficado em casa naquele dia. Por não ter estado presente. Corri como uma louca na minha motoneta, pensando que não podia ser verdade, e me dei conta de que jamais havia acreditado totalmente que aquele momento chegaria. Naqueles dois longos

anos, eu me habituara a vê-la doente e por fim me convencera de que as coisas seriam assim para sempre, não de que pudessem acabar. Quando a vi imóvel, a boca entreaberta, os braços abandonados ao longo do corpo, o medo fez de novo seu circuito e, no final dessa corrida, eu me senti esvaziada. Tinha havido dias, claro, nos quais eu pensara em como seria vê-la morta, mas mesmo naquele momento, com sua morte diante dos meus olhos, simples e assustadora, eu continuava a não acreditar. Aproximei-me e, contendo a respiração, fitei seu rosto imóvel, depois peguei suas mãos e as apertei com força, chamei-a, me inclinei para beijá-la e

encostei minha fronte à dela. A vovó, de pé junto à porta, sussurrou "não existe mais" com um sorriso de lágrimas. Não existia mais. A terra me faltou sob os pés e de novo o medo me envolveu contra seu peito e eu respirei apenas o ar venenoso que ele exalava. Minha mãe não existia mais.

Quando a sepultaram, além de mim e da vovó estavam também Angela e Claudia, as amigas da vida inteira de minha mãe. A fotografia que escolhi para a lápide tinha sido tirada por mim: ela me sorria e um cacho de espessos cabelos escuros lhe caía sobre a testa. Era lindíssima quando sorria. Era um dia de outono e os raios de sol do

entardecer tornavam tudo ainda mais triste. Toda aquela luz dourada. Eu e a vovó não conseguíamos nos fitar nos olhos. Ambas nos sentíamos confusas, expostas. Havíamos apertado mãos demais, respirado o odor denso de todas aquelas flores. Da igreja recordo o rangido dos bancos, o murmúrio abafado e uma confusão de rostos por trás das lágrimas e dos óculos escuros, mais nada. Quando tudo acabou, peguei minha avó pelo braço e nos encaminhamos devagar para a saída do cemitério, sem dizer uma palavra.

Nos dias seguintes, tentamos arrumar as coisas dela, embora nos faltasse coragem para isso. Todas as roupas que

durante meses tinham permanecido sobre as poltroninhas do quarto foram lavadas, dobradas e por fim guardadas no armário. A cama foi desfeita e refeita; as persianas, cerradas. Minha avó chamou uma senhora para nos ajudar. Na verdade não precisávamos, mas acho que ela fez isso porque, no momento em que colocou os pés no quarto da mamãe, toda a dor daqueles dois anos lhe caiu em cima. A senhora Rosa parecia nunca ter feito outra coisa além de assistir famílias de luto recente. Fez tudo em silêncio. Preparou um chá quente para a minha avó e, com uma desculpa, fez com que ela se reclinasse no sofá, para ver um pouco de televisão.

Por todo o tempo, não perguntou nem uma vez como arrumar as coisas de minha mãe, dirigiu-se à vovó somente para questões tipo: não seria melhor deslocar as plantas para onde dava mais sol? Queria que ela batesse o capacho da entrada? Antes de refazer a cama no quarto da mamãe, me sussurrou que era melhor arejá-lo um pouco. Disse isso apertando minha mão entre as dela, fitando-me com sincera compreensão, o olhar de quem não teme a tristeza dos outros. O quarto logo se encheu de frio, mas eu ainda sinto aquele odor de remédios e de morte. Minha avó ficou à parte, o rosto contraído, o olhar dirigido fixamente para a copa da árvore que se

vê de uma das janelas da sala. Dei a Rosa todas as indicações para repor as coisas em seus lugares, fui eu a sacerdotisa que se ocupou do templo, em silêncio, como temendo que, se falasse em voz muito alta, eu e minha avó pudéssemos acordar e perceber que minha mãe tinha morrido.

---

1 No sistema educacional italiano, escola secundária superior. Corresponde aproximadamente ao nosso atual ensino médio, antigo segundo grau, com a diferença de que dura cinco anos. Ao término do *liceo*, o aluno é submetido a um *esame di maturità* e recebe um diploma que o habilita a matricular-se num curso universitário. (N. T.)

27 DE SETEMBRO

Hoje é o primeiro dia de aula depois da morte de minha mãe. Enquanto subo a escada que leva à minha sala, sinto sobre mim os olhares de todos. Esforço-me o máximo possível para mostrar uma

expressão normal, embora durante alguns segundos me sinta como alguém cujo segredo mais íntimo acaba de ser revelado ao mundo. Passo por algumas colegas ao longo do corredor e finjo não as ver, mas ainda assim elas me saúdam com vozes meigas e olhares roubados ao Ursinho Pooh. Diante da porta há um grupinho de garotos. Dois são meus colegas e, quando me veem, me cumprimentam embaraçados. Um deles esboça meio passo em direção a mim, mas, quando me vê retroceder, se retrai e volta ao grupo. Sorrio amargurada: ninguém nunca sabe o que fazer ou dizer em certas ocasiões. Melhor assim, não sei como lidar com frases de

circunstância. Assim que entro na sala, percebo que este é o último lugar do mundo onde eu gostaria de estar hoje. Detenho-me por um momento e dou um suspiro profundo: me sinto a anos-luz de distância de tudo. A morte de minha mãe me transformou em gigante: daqui de cima, qualquer pessoa me parece insignificante, igual às outras. Aí estão eles, meus colegas de escola, ainda filhos de alguém, todos vestidos do mesmo jeito, todos com as mesmas caras, sem saber o que dizer. Eu preferiria que fossem verdadeiros estranhos, pelo menos me poupariam o trabalho de cumprimentá-los. Sonia, já sentada à nossa mesa de dois lugares,

me olha e esboça um sorriso incerto. Na igreja, soluçava. Quando relembro, sinto náusea. Poucos passos ainda me separam dela e já imagino os cuidados de que serei objeto por dias e dias, sua delicadeza melosa. Já a imagino perfeitamente encaixada no papel de consoladora da menina aflita e sinto que não é justo, que não tenho forças, mas sobretudo que não é razoável me pedirem que me submeta a tudo isso. Estou bloqueada no meio da sala, como se o tempo tivesse parado, e neste preciso instante me ocorrem duas possíveis saídas de emergência. A primeira é recuar e ir embora; a segunda, nem preciso imaginá-la porque

está ali, diante de mim, como uma visão surgida do nada. Lentamente, dirijo-me ao meu lugar, mas, em vez de parar e me sentar, continuo o trajeto. Não consigo acreditar, mas é tudo verdade: antes mesmo de concluir o pensamento daquilo que estou fazendo, vejo-me ignorando o lugar vizinho a Sonia e seguindo para a mesa dupla no fundo da sala.

Viro-me para o nada e atraio todos os olhares: sinto metade da turma prender a respiração, pensando que o que veem é só fruto de sua imaginação, enquanto eu me movo em câmera lenta e percorro os poucos passos que me restam até a zona vermelha, e ali me

sento, deixando todos de boca aberta, Sonia em primeiro lugar.

"Oi, Gabriel", eu gostaria de dizer a ele, mas em vez disso me sento e não digo nada. "Oi, Alessandra", ele poderia me dizer, mas em vez disso não diz nada, porque ele é Zero.

Gabriel Righi, apelido Zero. Tínhamos começado a chamá-lo assim, eu inclusive, naquela vez em que durante o recreio ele arrombou a fechadura de uma das gavetas da escrivaninha dos professores para pegar o celular que a professora de matemática lhe tomara. Quando esta voltou, 15 minutos depois, disse que iria suspendê-lo, que o mandaria para a recuperação com zero.

Ele, bancando o idiota, respondeu: “Com quem, professora?” E ela, boba: “Zero, Righi, vou deixá-lo em dependência com zero, você entendeu muito bem.” “Eu não conheço esse zero, professora”, rebateu ele, sem expressão, e ela, sibilando, fitando-o nos olhos como se quisesse incinerá-lo e contraindo os lábios numa careta de desprezo, disse: “Zero é você, Righi.” Nós todos rimos, cobrindo a boca, como um monte de macaquinhos numa árvore, mesmo sabendo que a professora havia pesado um pouco a mão. Mas quem iria defender um cara assim? Desde aquele dia, ele foi Zero para todos, e a lenda nasceu.

Falávamos dele quando não sabíamos de quem falar, mas de sua vida sabíamos muito pouco, e esse pouco era desolador: morava num conjunto habitacional, no bairro mais feio e cinzento de toda a cidade, junto da estação; o pai era mais dedicado à bebida do que a toda a família e trabalhava como operário somente quando não bebia, enquanto a mãe trabalhava por dois, era periodicamente recompensada pelo esposo com tanta fúria que até o pessoal do pronto-socorro havia percebido, e justamente por isso, dizia-se, eram acompanhados pelo serviço social. Além do mais, coisa gravíssima, ofensa ao estilo do

rebanho, nenhuma das roupas dele era de grife. Cerejinha em cima da torta: havia sido visto comprando fumo dos sujeitos da pracinha atrás da escola, e isso, para todos os da minha turma que se drogavam e bebiam até morrer nas noites de sábado, não era legal. Não dava para andar com um cara assim, quem andasse era considerado um verdadeiro fodido, alguém que nenhum outro aceitaria no seu grupo. E de qualquer jeito nenhum de nós jamais o tinha visto circulando com alguém da escola. Em poucas palavras, Zero servia à turma somente para darmos umas risadas e nos recuperarmos do tédio de certos dias. Tinha ficado em

recuperação um monte de vezes e fora reprovado pelo menos uma, e a cada ano os professores esperavam que ele não voltasse à escola. Que nada, aparecia com a mochila de sempre e o olhar baixo de quem só quer ser deixado em paz. Por dois anos nós o tínhamos visto chegar e sentar-se no mesmo lugar, e ríamos sem saber por quê. Ele nem sequer nos olhava, assim como não olhava os professores que esperavam explicações pelas tarefas não feitas, que o fitavam em silêncio durante as provas orais cheias de perguntas para as quais ele não tinha resposta. Agora estávamos no último ano, provavelmente seria aprovado e levaria seu silêncio para

outro lugar. Se alguém estava com Zero, também era zero, mesmo que tivesse dinheiro, mesmo que fosse o melhor da classe, o mais bonito, o mais legal. Existem coisas que, se a gente as faz, é como quando usa uma máscara: desaparece por trás dela e não vale mais nada.

Instalo-me ao lado dele, na outra cadeira, e sinto como se estivesse fora de mim. Meus ouvidos zumbem, meu coração dispara, e nem sei por que estou fazendo isso. Raiva, dor? Não, banal demais, o que me move não é a dor, nem sei ainda que forma tem essa dor, onde se escondeu. É que depois de sua morte, mãe, nada pode ser como antes, eu sou a

aprendiz de feiticeiro para quem ninguém poderá consertar nada. Não tenho nada a redimir, não me sinto culpada, sinto apenas que algo aconteceu e que a vida muda, torna-se outra coisa na qual não pensei, torna-se justamente aquilo que eu via acontecer aos outros, mas que desta vez me coube, então tenho de fazer algo, me livrar das certezas, deixando para trás as coisas que sempre fiz sem me perguntar por quê, e me habituar ao imprevisto, à pequena louca que está dentro de mim e que deseja apenas começar a gritar quando ninguém espera.

Agora que me sentei, sei que foi um gesto impulsivo, uma daquelas coisas

que, alguns meses atrás, só de pensar me pareceria absurda, que eu nunca poderia fazer, nem mesmo se fosse uma drogada. E no entanto aqui estou, esmagada de tristeza misturada com uma ridícula dose de loucura, colada à mesa, com a contagem regressiva já iniciada. Três, dois, um. Zero.

Assim é que começo o último ano de liceu, traçando uma linha entre mim e os outros. Entre mim sem você e o resto do mundo.

Quando me instalo ao lado de Gabriel, ele sequer se volta para me olhar, como se eu fosse invisível. Fica perfeitamente imóvel, não contrai um só músculo do rosto. Provavelmente pensa

que estou pirando porque perdi minha mãe, se é que a notícia chegou ao planeta dele. Não lhe peço licença para me sentar, nem me passa pela cabeça a ideia de que minha presença possa incomodá-lo. Sento-me e pronto. A partir de agora, somos Ale e Gabriel, como dois nomes dentro de um coração.

Toda a classe ainda me olha, lívida, e alguém começa a rir como se eu tivesse feito a coisa mais engraçada deste mundo. Escuto alguém murmurar: "Ela enlouqueceu?", e depois cada um se instala no próprio lugar para a aula. Os professores que se sucedem durante a manhã me lançam uma olhada rápida e, afora algum que arrisca um rápido

“bem-vinda de volta”, ninguém me diz nada. Apenas Sonia, durante a aula de matemática, vira-se para trás e me acena com a mão, arregalando os olhos como se dissesse “mas que diabo você está fazendo?”. Eu a encaro, levanto um pouco o queixo, balanço a cabeça e finjo que não entendi. Quando toca o sinal do recreio, saio apressada, evitando todos, vou primeiro ao banheiro e depois para o fundo do corredor, onde ficam as primeiras séries e praticamente não conheço ninguém. Encosto-me à parede junto da janela e assim permaneço por dez longuíssimos minutos, durante os quais me esforço por não pensar em nada. Pois é, penso, posso muito bem

continuar assim até o fim do ano, e depois adeus, pessoal. Ilaria, Barbara, Sonia. Não tenho mais vontade de me relacionar com ninguém. Ninguém. Quero que tudo seja diferente, embora ainda não saiba como. Quem diz que a vida continua é um idiota. Não, a vida se detém. O tempo continua, mas a vida se detém várias vezes dentro de si mesma e vira uma coisa que a gente já não sabe reconhecer. A parte mais difícil é justamente aquela na qual a pessoa fica parada e espera. Eu hoje decidi esperar, sentada aqui, na última mesa. Resisto, não quero que minha vida vá a lugar algum sem você.

Quando soa o sinal, me encaminho para a sala e, assim que entro, basta uma rápida olhada para perceber que no intervalo alguém apanhou minha bolsa e colocou no meu antigo lugar, sobre a mesa que eu dividia com Sonia. Atraindo os olhares de toda a turma pela segunda vez naquela manhã, pego-a e bato-a com força sobre a mesa de Zero, que, apesar do rumor e da pancada, mal levanta o olhar para mim, limita-se a se inclinar devagar para recolher um lápis que com o choque foi parar no chão. Ouço a voz de Ilaria dizendo baixinho: "Ora, garota, vamos deixá-la em paz..." De fato, penso, é melhor vocês irem cuidar das suas vidas. Terminado o

último tempo, junto minhas coisas às pressas e saio sem falar com ninguém. Quando passo diante de minha velha mesa, lanço uma rápida olhada a Sonia, que me saúda como se nada tivesse acontecido, como se tivesse sido uma manhã igual a tantas outras, como se faz com os malucos, convencida de que minha atitude é só um desabafo temporário e que, mais dia menos dia, recordaremos este momento ruim em seu quartinho de móveis brancos da Ikea, abraçadas na borda da cama, cada uma chorando no ombro da outra.

Bye-bye, my friend.

À tarde vou à piscina e finalmente, na água, consigo me deixar levar.

Somente dentro daquela líquida massa azul consigo não pensar mais em nada, esquecendo até os que nadam na minha raia.

Tenho um caso de amor com a água. A paixão fulminante aconteceu por volta dos meus 12 anos, por mérito da minha mãe. Naquela época eu tinha uma amiga chamada Cecilia. Era uma garotinha magra e tranquila, e nos dávamos muito bem. Um dia em que fui à sua casa para fazermos os deveres — éramos da mesma série —, encontrei-a com uma amiga dela do curso de dança. Estavam falando do ensaio, e sobre a cama havia uma sainha rosa de tule que sua mãe costurou especialmente para ela. Sem

pensar, peguei-a e a olhei extasiada. Depois perguntei se podia experimentá-la. Não percebi sua expressão alarmada e o sorrisinho pérfido da amiga. Cecilia riu baixinho e, retomando a saia, respondeu que não, que eu iria alargá-la. Morri de vergonha, principalmente porque aquela outra me olhava como se eu fosse uma porquinha redonda. Eu nunca havia pensado em mim e em Cecilia como a gorda e a magra, éramos amigas, que importância tinha nossa aparência? O que nossos corpos tinham a ver?

Quando voltei para casa, mal abri a porta e já fui caindo no choro. Minha mãe não conseguiu me consolar. A partir

daquele dia, fui oficialmente gorda, embora estivesse apenas cheinha, um pouco por causa da idade, dos hormônios e tudo o mais. Até as tranças, que eu fazia cuidadosamente todas as manhãs para ficar arrumada, de repente me pareceram gordas.

Quando minha mãe sugeriu a natação, a ideia de me mostrar ao mundo de maiô me pareceu quase horripilante, mas depois, desesperada, aceitei. À parte o lance do peso, acho que me sentia inadequada para qualquer outro esporte. Não sei bem o que a água me restituía, mas funcionou. Não demorei a perceber que, de touca e óculos de natação, somos todos feios, e que, coisa bem

mais importante, a água acolhia meu corpo, testava sua força, a resistência, não o repelia. Bastava me concentrar no movimento, e não na forma, e eu me sentia em casa. A água me amava e eu a amava. Admirava aqueles que nadavam devagar e, piscina após piscina, não paravam nunca, como se estivessem no Caribe, curtindo a coisa mais bonita do mundo. Desejei me sentir também assim, o corpo se esquecendo de si mesmo e se tornando apenas movimento, infinito.

Como sempre, deslizo sobre a água sem parar nunca, me concentro na respiração, nas bolinhas azuis que se formam a cada braçada. Gosto de imaginar que de repente as paredes da

piscina vão desaparecer: posso finalmente respirar embaixo d'água e vou em frente assim, sem emergir mais.

20 DE OUTUBRO

Passou-se quase um mês desde minha mudança de carteira, e de Zero nem um sinal de vida. Eu poderia me sentar sobre seus joelhos, e para ele daria no mesmo.

Chega à escola mais ou menos 15 minutos depois de mim, joga a mochila no chão, uma Eastpak que já conheceu tempos melhores, e depois, sem sequer tirar a jaqueta, dobra os braços sobre o tampo da mesa e apoia a cabeça neles. Eu vejo apenas sua nuca, coberta pelos bastos cabelos castanhos, e sinto o odor de frio que emana de sua jaqueta, aquela que, como observaram várias vezes as escrotas da classe, a mãe dele comprou nos chineses por 15 euros, uma imitação da original, que a gente só usa se a tiver roubado ou se a família pode se permitir gastar aquele dinheiro todo numa jaqueta. Eu tenho uma assim. Foi presente da minha mãe. Lembro que,

quando ela me deu, pulei no seu pescoço, de tanta alegria, e ela balançou a cabeça sorrindo, como se eu fosse maluca, e me disse: “Deve ser suficiente por um tempo.” Agora sei que deverá ser suficiente por toda a vida.

Matemática, italiano e história. Quando toca a campainha do intervalo, já estou tão cansada que queria ir para casa. Estou para me levantar quando Gabriel, de surpresa, vira-se para mim e me pede um cigarro. Olho para ele e por um instante sou quase tentada a fazê-lo repetir, para confirmar que não foi apenas fruto da minha fantasia. Eu fumo pouquíssimo por causa da natação, mas sempre compro cigarros porque não

gosto de pedir. Espero que não perceba que fiquei surpresa. Debruço-me sobre a mochila pousada no chão. Pego o maço, passo-o para ele com indiferença fingida e espero que se sirva. Não preciso olhar ao redor para saber que todos estão nos olhando. Assim que recebo o maço de volta, meto-o na mochila e saio. Passada a porta, tento sumir no meio dos outros ao longo do corredor. Ele me agradeceu? Não sei, talvez sim, com um débil aceno de cabeça. De qualquer modo, se o fez, nem sequer me olhou. Onde vai fumar? No banheiro? No pátio? Bah. Respostas Zero.

Em passos lentos, vou me plantar diante da minha janela costumeira e

começo a não pensar. Olho sempre a mesma árvore, sigo a linha dos ramos, observo as últimas folhas amareladas: é o meu intervalo zen.

25 DE OUTUBRO

Gabriel Righi, apelido Zero. Parece não estar nem aí para o jeito como o chamamos, como o vemos. Desde quando me zerei, eu também acho que ficar sozinha, à parte, não é tão ruim

assim, e não sinto mais a necessidade de conversar sobre roupas, garotos e outras besteiras. Sonia ainda não desistiu e tenta me arrancar daquela mesa, da minha ilha, mas ainda não entendeu que quanto mais insiste, mais eu me afasto. Infelizmente, para mim, deve ter decidido que sou sua melhor amiga e, por conseguinte, desde quando passei a evitá-la, também sua missão particular. Com uma Joana d'Arc dessas, não vou ter vida fácil. Fala de mim com todas as garotas que conhece, me escreve e-mails, me manda torpedos idiotas e, através de pessoas que nunca vi nem conheci, me chegam convites para festas às quais nunca irei. Quando penso no

assunto, não consigo recordar sequer um dos motivos que antes me fizeram ser sua amiga. Não a suporto mais, e no entanto ficava horas ouvindo-a falar das aulas de dança, dos garotos de quem ela gosta, dos problemas com a mãe superloura, supermagra, superneurótica e o pai supergato, supersilencioso, supermédico de doido. Eu estava fingindo? Não, sim, talvez, não me lembro.

Agora estou em Zerolândia. Novo país, novas pessoas, praticamente duas, eu e Gabriel Righi, o único, exclusivo e autêntico Zero, o rei absoluto de um reino deserto, bobo da corte a contragosto numa turma que não perde

nunca a ocasião de dar risada às suas custas. E ele corresponde, nunca nos decepcionou. Quando o chamam para a prova oral, todos se voltam para ele à espera do show de sempre. Quando está a fim, levanta-se e, olhando para a janela, diz o costumeiro "professor, eu não estudei"; outras vezes, e esta é a melhor parte, nem sequer fica totalmente de pé: mantém as pernas flexionadas e os braços apoiados na mesa, recita a frase de sempre e senta-se de novo. Os professores o encaram, ele os encara. Eles balançam a cabeça, ele dá de ombros. Miraculosamente, às vezes soa a campainha e então ele se levanta e, sem sequer escutar a sentença — Righi,

vou te dar quatro; Righi, assim você vai levar bomba; Righi, na próxima vez te mando à sala do diretor —, sai para o passeio habitual nos jardins de Zerolândia, ou seja, o pátio da escola, um preso na hora do banho de sol. Encostado ao muro, fuma seu cigarro e olha ao redor. Não fala com ninguém e ninguém se aproxima dele, e não pelo fato de as notícias que circulam a seu respeito não serem absolutamente atraentes, ou porque ele tenha um ar particularmente ameaçador, mas quando olha uma pessoa, esta logo compreende que, se não tem convite, é melhor ir a outro lugar. De sua família, vi uma vez a mãe, não parece ter irmãos ou irmãs.

Righi é de fato uma peça única. Aconteceu no dia das reuniões dos pais e professores, mais ou menos três anos atrás: pequena, rosto magro e olhos escuros, doces. Vestia uma calça preta larga e um cardigã azul grande demais. Os cabelos estavam escondidos por uma boina escura de lã, em trança de tricô, e também esta parecia tomada de empréstimo a algum dos homens da família. Mantinha-se encostada à parede do corredor sem olhar para ninguém, e só levantava a vista e sorria timidamente, tentando mascarar o embaraço, quando passava alguém. Usava uma daquelas bolsas de plástico compradas nos marroquinos do mercado

e a mantinha tão apertada e próxima ao corpo que parecia se agarrar a ela. Naquele dia, minha mãe também estava, e quando percebeu que eu fitava aquela mulher me mandou parar. “E agora, o que foi que eu fiz?” “Não se deve encarar as pessoas desse jeito”, me disse ela em tom severo. “É a mãe daquele reprovado”, respondi, quase para me justificar. “E daí?”, retrucou a mamãe, num tom que não admitia réplicas. “Daí que não estou fazendo nenhum mal”, explodi, e acrescentei “e também todo mundo está olhando”. “Por isso mesmo você deve parar, eu só queria te ver no lugar dela.” Que lugar?, pensei, mas decidi que não valia a pena

brigar e o assunto acabou ali. Olhei-a de novo e compreendi que ela não devia viver bem: a bolsa, as roupas, os sapatos pareciam os de certas pessoas idosas, mas a impressão não era a de uma mulher velha, e sim de uma mulher pobre. Desviei o olhar e observei minha mãe e em seguida todos os que esperavam ali ao redor. Deve ser difícil, recordo ter pensado, não sentir constrangimento quando você começa a comparar sua vida com a dos outros e compreende que levou a pior.

Quando entramos para ver a professora de matemática, ela entrou conosco e se sentou diante da de italiano, bem perto. Ouvi que falava de

Gabriel, dizia que ele era um bom garoto mas muito fechado, e não se entendia com o pai. Tinha a voz doce e percebemos que amava o filho. Escutou sem interromper nenhuma vez o que a professora lhe disse de Gabriel: que ele não estudava, que faltava muito, que não dava a mínima para a escola. Enquanto a olhava, eu me perguntava o que ela fora fazer ali. Não parecia alguém que pudesse fazer alguma coisa, que ao voltar para casa ficaria esperando o filho para lhe dizer "acabou a moleza, agora chega de mordomias". Dava-me pena, parecia uma pessoa que não tinha nada nem ninguém. Quando a professora concluiu as reclamações, ouvi a mãe de

Gabriel pedir-lhe que tentasse conversar com ele, que era preciso ter paciência, que ele era um rapaz inteligente e desenhava muito bem: a professora já tinha visto os desenhos de Gabriel? Quando a miserável, levantando o tom de voz, respondeu que na vida os desenhos não bastam e que todos naquela escola, inspetores inclusive, já tinham tido paciência até demais, eu me senti encabulada por ela. Ouvi-a pedir desculpas e dar razão à professora antes de ir embora, enxotada como um cão. Quando também saímos, nós a encontramos parada no saguão, lendo alguma coisa numa folha de papel. Quando nos viu, aproximou-se e

perguntou se sabíamos em que sala estava o professor de desenho. Enquanto falava, cobria a boca com uma das mãos e percebi que tinha os dentes todos estragados. Senti uma pontada de compaixão e me envergonhei de ter escutado todas as maldades que se diziam sobre Gabriel. Minha mãe lhe indicou a sala e ela agradeceu. Saímos, mas continuei pensando naquilo por um bom tempo.

Olho Sonia e a vejo falar com Ilaria. Agora estão sempre juntas, e me faz rir sobretudo a ideia de que a ex-melhor amiga de Ilaria, a doce e loura Barbara, tenha sido dispensada só por ter dado uma olhada num garoto da quinta série

de quem a escrota gostava. Ilaria os viu conversando diante da escola e a amizade acabou em poucas horas, por alta traição: os garotos são de quem os vê primeiro, e não de quem está a fim deles. Com Sonia, porém, Ilaria está em segurança. Não se sente pressionada pela competição, já que Sonia não é tão bonita quanto ela. Até alguns meses atrás, as duas se odiavam ferozmente, e agora parecem unha e carne. Durará até o próximo garoto, até a próxima festa, quando uma disser uma piadinha estúpida e a outra se ofender mortalmente.

Já Barbara agora está sempre com Silvia: na classe chamam-nas de casal

estranho, e não porque haja algum lance entre elas, mas porque Barbara é bonita e Silvia não. Ninguém sabe como pode ter surgido a aproximação, já que Silvia não é só feinha, mas também muito antipática, e Barbara geralmente não anda com gente feia, como declarou certa vez num passeio, levantando um grande coro de assovios e despedaçando o coração de alguns infelizes sonhadores que provavelmente continuarão pensando nela até a aposentadoria.

Por isso eu adoro Zerolândia. A única regra a respeitar aqui é um rigoroso silêncio monástico: se você quiser falar, pode fazê-lo por acenos ou então usando o alfabeto Morse, se o

conhecer. Ninguém jamais te pedirá nada além do respeito a essa santa regra, nem sequer perguntará como você se chama. Qualquer notícia e fofoca que venha do resto do mundo se atenua na fronteira, e quando chega aqui é como uma lufada de vento sobre um pântano deserto.

I love Zerolândia.

31 DE OUTUBRO

Teste oral de inglês: ofereço-me como voluntária e me saio bem. Respondo corretamente a todas as perguntas sobre o romantismo. Ontem à tarde fiquei melancólica ao pensar em

Mary Shelley e em todos os seus fantasmas. Enquanto a professora me interroga, olho Gabriel algumas vezes. Está voltado para a janela, sei lá no que pensa. Quando volto ao meu lugar, vejo que ele está lendo uma revista em quadrinhos e não para nem mesmo quando, ao me sentar, involuntariamente bato com o joelho na perna de nossa mesa, deslocando-a. Como se eu não existisse, como se em torno dele não houvesse nada nem ninguém.

Não o vi falar nem mesmo com os inspetores, juro. Não se junta aos garotos quando conversam sobre futebol. Quando nos olha um pouco mais demoradamente, faz isso como se

estivesse nos observando do alto do seu trono, na sala maior e mais sombria de seu castelo de Zerolândia, e compreende-se muito bem que o que ele vê o deixa entediado, e basta.

Zerolândia tinha um rei calado e desconfiado que nunca ultrapassara as fronteiras do seu reino. Jamais havia declarado guerra. Era um rei difícil de compreender, porque não tinha desejos...

Mas não, de alguma coisa ele deve gostar. Com frequência eu me pergunto em que pensa durante as horas de aula, a cada dia, entrincheirado atrás desta mesa, sem ninguém com quem trocar ao menos duas palavras. Talvez acompanhe

alguma aula; talvez, de todas as palavras que se vertem aqui dentro, alguma consiga atravessar seu córtex cerebral. Desenha demais, em arte é muito bom, e não sou a única que pensa assim. Um dia o professor lhe pediu que fizesse a caricatura de outro mestre. Ele escolheu a de matemática, a obesa carrancuda, e desenhou-a com aquela bundona gorda entre a escrivaninha e a lousa, os pedaços de giz boiando sobre o enorme decote e o apagador batendo como um coração no meio daquelas tetas gigantescas. Todos rimos, mas sobretudo o professor, que, com o papel na mão, disse a ele "parabéns", fitando-o bem nos olhos e depois repetiu, só para si,

“parabéns, Gabriel”. Não demorou a circular o boato de que o professor era bicha e queria comer Righi, por isso o elogiara tanto. Eu, como toda a turma, sabia que não era verdade e que era só inveja, porque é difícil admitir que alguém a quem chamamos Zero possui um talento, sabe fazer alguma coisa, enquanto muitos de nós passam horas em cima dos livros sem conseguir aprender nada.

Quando, naquele dia, ele me pediu um cigarro, fiquei quase contente. Achei que fosse uma desculpa para puxar conversa, e no entanto, já que ele não disse mais uma única palavra, acho mesmo que só queria um cigarro.

Em Zerolândia, tudo ainda está calado.

5 DE NOVEMBRO

Hoje Zero não veio. Ninguém fala comigo e eu faço o papel do meu rei. Cochilo fingindo tomar notas. Somente durante a aula de italiano é que desperto, até faço algumas perguntas: ao

que parece, sou a única a ter terminado *O apanhador no campo de centeio*. Aquele livro se tornou a minha bíblia. "Enquanto eles não me conheciam e eu não os conhecia, o que eu devia fazer, pensei, era fingir ser surdo-mudo. Assim, me pouparia de todas aquelas malditas fofocas idiotas e insípidas." Provavelmente, Zero também gostaria do livro, eu poderia emprestá-lo a ele.

Ontem li a tarde inteira e, quando Rosa chegou, fiz chá para todas. Quando Rosa está, a casa se reanima. Eu a ajudo a dobrar a roupa lavada, faço-lhe companhia enquanto ela passa a ferro. Nestes dias minha avó parece sempre cansada. Fala pouco e, quando o faz, se

esforça por parecer serena, mas não consegue. Vejo-a cada vez mais tensa, como se de uma hora para outra pudesse explodir em lágrimas ou começar a gritar. Acho que foi por isso que pediu a Rosa para vir duas vezes por semana, assim se distrai e talvez consiga se desabafar com ela, coisa que comigo não faria nunca.

Eu me pergunto o que Gabriel faz quando não vem à escola, onde será que passa seus dias. Talvez tenha uma namorada e, quando não vem, é para ficar com ela. Ou, quem sabe, sai por aí com uns fodidos, uns bagunceiros do bairro, e fala da escola. Imagino-o dizendo que somos um bando de

racistas, que os professores são um monte de fracassados, e, enquanto conversa, desenha, e depois diz que uma colega dele, cuja mãe morreu, se sentou ao seu lado e não fala nunca. E alguém comenta: “Então você deve ajudá-la”, com a expressão típica dos machinhos que sabem das coisas, e aí todos começam a rir, e Gabriel diz: “Eu? E o que tenho a ver com isso?” Então outro rebate, no mesmo tom do anterior: “Talvez, se você tentar, ela recupere a fala: pelo menos é bonita?” Todos riem de novo, tão alto que não escuto a resposta de Gabriel. Imagino seus amigos rindo e dizendo besteira; enquanto isso ele desenha e já não pensa

neles. Eu o invejo por aquela coisa que ele sabe fazer tão bem e que no entanto não exibe nunca, não explora nunca, por aquele seu talento que esconde nas mãos fechadas e metidas nos bolsos de um casaco de 15 euros. Se ele não tivesse aqueles modos de autista, talvez alguém até se aproximasse. Nem sequer é feio: alto, físico sólido sem ser pesado, olhos cor de mel, boca bem desenhada, fina. Uma vez fizemos uma classificação da turma, uma daquelas besteiras femininas, e ele se situou num honrado sexto lugar numa lista de 12 garotos. Obviamente, nenhuma de nós disse que ficaria com ele, mas só porque nenhuma teve coragem. E de qualquer modo tenho

certeza de que Zero não está esperando por nós para ficar com uma garota.

Enquanto volto para a sala depois do recreio, passo diante do trio Martini-Giacchetta-Luciani, os idiotas da aldeia global, tipo as hienas de Scar em *O rei Leão*, e ao ouvi-los rir não posso deixar de prestar atenção. Repetem estupidamente dois nomes — Zero e Zeta,[2] que seria eu — e riem tanto que me dão pena. Seja como for, gosto desse apelido. Zeta: como Catherine Zeta-Jones ou como Z, a formiguinha? Tanto faz, penso, e afinal, com a falta de cérebros que há na minha turma, podia até ser pior para mim. Depois de alguns

minutos, já não os escuto. Mergulho no silêncio tranquilizador de Zerolândia.

Zero e Zeta, uma dupla nos extremos: o garoto invisível e a garota sombra combinam muito bem, não se pode negar.

---

2 Nome da letra "z" em italiano. (N. T.)

Invisível

A sepultura de minha mãe é vizinha à de uma moça, Maria, morta em 1950, aos 28 anos. Na foto Maria sorri, inclina levemente a cabeça e apoia delicadamente numa bochecha os dedos

de uma mão. Uma pose que seguramente lhe foi sugerida pelo fotógrafo. Sempre gostei de pensar que aquele era o retrato para um noivo distante, mas nunca saberei a verdade.

Nunca vi flores frescas em seu túmulo, apenas e sempre as mesmas velhas flores de plástico que resistiram a todas as intempéries e se tornaram de um indistinto cinza-pó, inclusive a haste, e por isso sempre compro no florista umas a mais, para ela. Talvez os parentes de Maria já tenham morrido todos, ou talvez só estejam longe, não me importa, agora é como se ela fosse um pouco alguém da minha família.

Acima das sepulturas das duas se ergue um cipreste gigantesco. Os ramos verde-escuros se alongam vários metros acima. É belíssimo, solene, e isso também é uma coisa que me agrada muito. A coisa mais bonita, porém, é que Maria esteja junto dela. Não sei por quê, não acredito que os mortos possam se ver entre si ou algo semelhante, mas acho que diante do túmulo de Maria minha mãe iria parar e se perguntar quem teria sido ela, de que tinha morrido.

Eu e vovó vamos ao cemitério todos os domingos, e nenhuma de nós diz uma só palavra. Cada uma executa suas tarefas em silêncio: ela vai buscar água

e joga fora as flores secas, eu arrumo as frescas e varro embaixo da lápide.

Quando criança, todas as vezes que eu ia ao cemitério com minha mãe, para visitar o vovô, como dizia ela, tudo era diferente. Falávamos sem parar e observávamos as estátuas sobre os túmulos mais antigos. Olhávamos os altos ciprestes recortados contra o azul do céu e o grande pinheiro-manso que ultrapassa a altura do muro entre o cemitério e a horta dos frades. Não era nem um pouco triste, e morrer parecia uma coisa doce, como as flores, como o sorriso daquelas estátuas das quais tanto gostávamos. O cemitério não era um lugar tão solitário e eu pensava que os

mortos eram felizes e que nenhum se sentia sozinho, eram apenas invisíveis, e se divertiam.

Hoje que a invisível é ela, procuro sempre o caminho mais longo para a saída e tento descobrir algo de novo naquele tempo imóvel.

Quanto a Maria, gosto de pensar que era uma moça alegre como minha mãe, que tanto quanto ela gostava das coisas simples e do cinema, ou talvez, melhor dizendo, do cinematógrafo.

Às vezes imagino-as passeando em silêncio: de vez em quando minha mãe passa a mão entre os cabelos escuros e Maria leva os dedos aos lábios, com o olhar de assombro pela vida perdida.

9 DE NOVEMBRO

Gabriel voltou à escola depois de três dias de ausência. Surpreendendo até a mim mesma, sem dúvida totalmente ignorante do que acontece no meu cérebro mesmo depois que o aciono,

pergunto por que ele não veio, como se na véspera tivéssemos passado horas ao telefone ou batendo papo no Facebook como bons amigos. De repente ele planta os olhos nos meus e me fita como se quisesse compreender se eu estou curtindo a sua cara. “E então?”, insisto. “Por que faltou tanto?” Para fazê-lo compreender que não estou brincando, uso um tom meio de durona e como resposta só obtenho um certeiro “não é da sua conta” que me envergonha e faz com que eu me sinta muito mal. Que ideia foi essa a minha? E, mais importante ainda, por que achei que podia ousar tanto? Ficarmos juntos na mesma mesa escolar não significa nada,

faz algum tempo que entendi isso, e além do mais quem se autoconvidou fui eu. Ele fez bem em me responder assim, e me sinto realmente uma idiota. Meu Deus, que papel ridículo. Juro a mim mesma que nunca mais farei algo semelhante. Nunca mais.

Assim que soa a campainha, me levanto e fujo para me esconder no pátio. Detenho-me com as garotas da quarta série e escuto os papos sobre plástica de seios e narizes. A certa altura vejo Sonia se aproximar, mas em vez de escapulir, decido que hoje até posso aguentar um pouco de conversa. Mas juro que, se ela recomeçar com o costumeiro "Afinal o que está

acontecendo com você...", desta vez lhe dou um cascudo. Em vez disso, ela banca a espirituosa e me pergunta, com um sorriso cúmplice, como está a temporada no Sul. Não entendo logo e levo alguns instantes para compreender que ela está se referindo ao meu novo lugar na sala de aula. "No Norte, você quer dizer", rebato em tom grosseiro, para fazê-la notar que sua tirada não foi particularmente feliz. Em Zerolândia temos um humor decididamente mais refinado, mas Sonia não pode saber disso. Por sorte, a conversa acaba aí, e justamente quando estou para ir embora chega Micali (Lucio), da turma C, que envolve meus ombros com um braço e

diz: “Princesa Zeta, bem-vinda de volta... finalmente, de novo entre nós, depois da experiência em território bárbaro e inimigo.” Eu o encaro, prestes a mandá-lo àquele lugar, mas me seguro a tempo e por fim exibo um sorriso luminoso, sem responder. Gosto de princesa Zeta, por que ficaria furiosa?

Depois do recreio estou melhor, mas, quando volto a me sentar, ainda me sinto terrivelmente constrangida.

Queria ser invisível. Uma coisa que sobrevive por si só, em algum lugar, simplesmente.

Nos seus olhos

Já faz um mês que você morreu, mãe, e no rosto da vovó só vejo a mesma expressão ausente. Falamos pouco, e ela cozinha, lava, em suma, faz as coisas que sempre fez, mas parece alguém de

quem levaram tudo, alguém que sofreu uma violência sem igual: o rosto sombrio, os lábios contraídos numa careta amarga. Quando volto para casa, ela se esforça para ser gentil e me pergunta como foram as coisas na escola, mas vê-se quanto isso lhe custa. Não a censuro, no fundo é assim também para mim.

Agora que você não está mais aqui, as coisas que eu fazia antes parecem desprovidas de sentido, como se eu seguisse um roteiro que eu sei de cor, agora a espontaneidade é coisa rara.

Ver a vovó assim me faz mal, faz com que eu me sinta ainda mais vulnerável, mais sozinha. Para ela, o fato de eu

existir não melhora a situação. Não se substitui uma filha com coisa alguma, e, embora ela me queira muito bem, não é a mesma coisa. Certas vezes eu a olho e a imagino sentada no alto de um telhado depois de uma tremenda tempestade, as coisas que ela amava submergidas pela água e pela lama, sem desejo de ser salva, cheia de raiva por ter sobrevivido. Faz com que eu me sinta desgraçadamente triste, e não é aquela tristeza que a gente pode transformar em outra coisa, algo mais doce, mais leve. É uma coisa semelhante à pedra, que não se deixa arranhar, só serve para a gente não se mover. Eu queria ajudá-la de algum modo, mas não consigo fazer

nada, ou melhor, prefiro ignorá-la. Sua angústia é o espelho da minha, e eu não quero ver, não quero cair naquele espelho enfeitiçado. Então fingimos que não é nada, nos arrastamos cada uma ao longo das paredes da nossa solidão, tomando cuidado para não cruzarmos os olhares.

Você sempre dizia que eu e a vovó nos parecíamos. As condessas emburradas. Chamava-nos assim quando, ao voltar para casa, encontrava uma de um lado e uma do outro, prisioneiras dos nossos pensamentos. Era sempre você quem afastava as sombras e quebrava os silêncios. Ainda recordo quando ouvia a chave girar na

fechadura e você entrava: pousava a bolsa, abria as portas, espalhava sua voz por toda parte, retomava as conversas interrompidas, encontrava as palavras, depois tirava os sapatos, sentava-se no sofá, como se recolhesse os seus e os nossos pensamentos, e nos olhava.

Naqueles momentos ficávamos juntas dentro dos seus olhos e percebíamos, eu e a vovó, o quanto éramos semelhantes.

16 DE NOVEMBRO

De alguns dias para cá, começou a fazer frio e eu já não vou à piscina com muita frequência. Se não tiver nada para fazer, como hoje, pego a motoneta e dou um passeio até o mar, assim mesmo,

sozinha, vento no cabelo, areia entre os dentes e aquele cheiro, aquelas cores que me tranquilizam. Dou voltas com a motoneta por horas inteiras, sem uma meta, sem ver ninguém. Habito o instante, sem olhar para a frente ou para trás. Simplesmente sou.

Entre a cidade e a praia são mais ou menos três quilômetros. Uma longa alameda bordeada por altos pinheiros-marítimos corta o parque em dois, e justamente quando estou no meio do caminho de volta a motoneta começa a derrapar, a roda traseira parece estar desgovernada. Era só o que me faltava, um pneu furado. A ansiedade logo me invade. Já começa a escurecer, a esta

hora o parque não é propriamente frequentado por escoteiros. E, pior, não se veem muitos carros circulando, e os que passam reduzem a velocidade, fazendo meu coração bater com força. Prossigo muito devagar sem olhar ao redor, empurrando meu cavalo de lata. Dois quilômetros não são muita coisa, mas parecem não acabar nunca se a estrada em questão não tem casas, e já é quase noite. A certa altura ouço o ruído de duas motonetas vindo atrás de mim e, quando me ultrapassam, os dois condutores mal se viram para me olhar, mas não reduzem, seguem direto. Ainda os estou observando quando de repente um dos dois dá uma buzinada e acena ao

outro para diminuir a marcha. Param muito adiante e, enquanto falam, voltam-se para me olhar, em seguida o da esquerda inverte o sentido do trajeto e retorna, bem na minha direção. E agora? Meu coração bate forte, mas tento não me deixar invadir pelo pânico e sigo ainda mais devagar, meto a mão na jaqueta e aperto o celular. Quando chega a poucos metros de mim, ele para e levanta a viseira do capacete. Eu também paro e olho para ele. Tenho o coração na garganta e aperto o celular com tanta força que quase o esmago. A certa altura, ele tira o capacete e, justamente como um ladrão que na hora H tira a máscara, revelando sua

verdadeira identidade, me deixa boquiaberta. Quase esfrego os olhos de tanta surpresa, mas me contenho. Bem na minha frente, mais silencioso do que nunca, está ele, Zero, também chamado Gabriel Righi, o meu Caravaggio mudo, o meu pintor solitário. Imóvel em sua superdesconjuntada motoneta, espera que eu lhe diga alguma coisa. “Ah, mas é você...”, desembucho, cuspindo todo o ar que prendera. “Fiquei com medo”, acrescento com um sorriso. Finalmente posso relaxar. “Furei um pneu”, digo, e acrescento em seguida, com olhos suplicantes: “Me dá uma ajuda?” Devo lhe provocar uma pena enorme, porque, sem pronunciar uma palavra, ele salta da

sua motoneta com gestos medidos e lentos, firma-a sobre o cavalete, aproxima-se da minha e se agacha para observar melhor o pneu. “Você tem o spray reparador?”, me pergunta, continuando a olhar o pneu. Sim, mas não sei usar, e enquanto ele se levanta ergo o selim e aponto o vedante. Ele cuida de todo o resto, e dez minutos depois tenho um pneu novo em folha, ao menos por enquanto, e gotejo gratidão por todos os poros. Agradeço um monte de vezes, ele dá de ombros e depois me pede um lenço. Enquanto procuro os kleenex, encontro também os cigarros e pergunto se ele quer um. Ele balança a cabeça, pega os lenços e começa a

limpar as mãos, lentamente, erguendo o olhar só umas duas vezes para cruzar o meu. Só agora percebo que sua atitude não é a costumeira indiferença com que ele me trata na escola, desta vez me parece meio constrangido, então paro de fitá-lo e olho para o parque. “Não é um bom lugar para vir passear a esta hora”, me diz ele a certa altura, com expressão séria, jogando o lencinho além da borda da estrada. “Na verdade, eu estava voltando para casa”, respondo apressada, “mas depois...” e indico a roda com a ponta do pé. Por um instante, ambos olhamos para minha motoneta, como se esta pudesse falar, dizer também sua versão, depois voltamos a

nos fitar, embaraçados. É diferente, agora que não há uma turma inteira nos espiando. “Então ok”, digo, “obrigada pela ajuda, obrigada mesmo”, e lhe dirijo um meio sorriso. “De nada”, responde ele, recuando até sua motoneta, e pela primeira vez também sorri para mim. É um sorriso médio, não daqueles abertos, que afastam as bochechas e apertam os olhos, mas é decididamente bom, solidário, e me aquece. “Obrigada de novo”, repito, “a gente se vê amanhã na escola”. “Ok”, diz, depois se volta e monta em sua motoneta. Espera que eu parta primeiro e vai atrás de mim até chegarmos ao centro, depois numa rotatória dá duas buzinadas e, quando

olho pelo retrovisor, vejo-o levantar a mão para se despedir e fazer o retorno.

Penso nele a noite inteira, como se se tratasse do garoto que eu persigo a vida toda e que hoje pela primeira vez me dirigiu a palavra. Inclusive, quando Angela e Claudia telefonam para saber como eu vou, percebo estar longe e respondo por monossílabos, dando a impressão de que você não me importa nada. Sinto-me uma estúpida, mas estou também um pouco eufórica. Gosto dele, ou apenas estou contente porque ele foi gentil? Em Zerolândia, rufam os tambores: desrespeitamos a sagrada lei do silêncio.

Você iria gostar de Gabriel

Tenho certeza. A mãe — lembra? — era aquela que você viu no dia da reunião de pais e mestres, aquela que

nos perguntou onde estava o professor de desenho. Sim, você gostaria dele. Você adorava os tipos assim, aqueles que estão se lixando para o mundo inteiro, a quem os outros vivem criticando, e que depois puxam um lápis da jaqueta de plástico e pronto, servem-lhe o mundo numa simples folha de papel, só para você. Você diria a ele que gosta do inverno e pediria um desenho da cidade em certas noites frias, com as luzes se refletindo no asfalto brilhante de chuva. E a você ele não se recusaria, você sabia pedir as coisas. Tenho certeza, pediria a cidade, só para você, numa folha de papel, e no final diria que ele era muito habilidoso, com os olhos

cintilando de admiração. De coração. Eu odeio essa expressão, mas para as coisas relativas a você não sei encontrar uma melhor.

Eram justamente essas as coisas que lhe agradavam: as pessoas incomuns, as surpresas, as coisas insólitas. Você não as temia e, com alguém assim, não perderia tempo. Seria gentil e pronto, depois o cobriria de perguntas, sem preconceitos bobos nem temores. Talvez o convidasse imediatamente para o cinema ou para dar uma volta. Como naquela vez em que comentei que um certo garoto me atraía e você me disse que o convidasse para o almoço, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Respondi irritada que não se pode fazer sempre assim, que com as pessoas existem modos e maneiras — logo eu, a grande especialista —, que ninguém se comporta como você fazia sempre. Às vezes você se entusiasmava tanto pelas coisas, pelas pessoas, e tinha aquele jeito tão ingênuo de demonstrar isso, que com frequência me dava vergonha, sobretudo quando minhas amigas vinham à nossa casa. Eu queria que você fosse uma mãe como todas as outras, daquelas que ficam sempre à parte, e em vez disso parecia que você queria fazer de tudo para demonstrar justamente o contrário e se mostrar diferente. Naqueles momentos eu a odiava, me

dizia que era só culpa sua se meu pai não tinha ficado conosco. Como se pode conviver com alguém assim? Quando minhas amigas iam embora, brigávamos sempre, e você respondia bufando às minhas críticas, como se eu fosse a pessoa mais chata desta terra. “Mas o que foi que eu fiz?”, repetia, “o que foi que eu disse?”, e, quanto mais eu me enfurecia, mais você me fazia passar por uma louca furiosa. Terminada a briga, nos dias seguintes eu não suportava nem que você me perguntasse como tinha sido na escola. Na realidade, você estava só fingindo, não se aborrecia nunca. Mesmo quando surgia o assunto do meu pai e eu lhe jogava em cima

todas as minhas idiotices, você preferia calar e se fechar, em vez de me responder. Por um instante, se entristecia e revivia instantes dolorosos e longos dos quais eu jamais saberia nada, mas no fim sua parte melhor vencia sempre. A raiva se rendia à doçura, à sua alegria, e você voltava a ser aquela de sempre, um pouco complicada, insuportavelmente afetuosa.

Se eu tivesse conhecido uma garota da minha idade com o seu temperamento, ela se tornaria minha melhor amiga. Tenho certeza, e eu seria mais tolerante com ela do que era com você.

Sua alegria me agradava, embora às vezes eu a repelisse, fingindo achá-la boba e inútil. Minha raiva, ao contrário, me parecia profunda, justificada.

Sinto muita falta daquela alegria, agora, como da amiga que nunca tive.

17 DE NOVEMBRO

Apesar do que aconteceu ontem, decidi que Gabriel não me interessa. Mas hoje, para ir à escola, escolhi uns jeans bem justos e um sueterzinho violeta que mal me cobre o umbigo. É a

primeira vez, depois de tanto tempo, que me visto olhando no espelho. Nunca pretendi ser sexy, mas os cabelos compridos e todos os anos de natação fazem juntos um belo efeito.

Quando Gabriel chega, me encontra debruçada sobre o livro de história, empenhada em responder aos questionários no final da página. Levanto o olhar e o cumprimento baixinho, para não ser ouvida pelos outros, esboçando um sorriso tímido. Ele se senta de lado na cadeira, dando-me as costas, e se comporta exatamente como todas as manhãs. Põe a mochila no chão e depois puxa o bloco multiuso de sempre, sem se dignar a me dirigir

sequer um olhar. O sorriso morre nos meus lábios e fico toda vermelha. Por mais que eu tenha falado em voz baixa, é impossível que ele não tenha escutado, e de repente me sinto encabulada e ridícula como nunca e me pergunto se era mesmo ele, ontem, ou outro. Não respondeu sequer com um aceno e, depois da perplexidade inicial pela dolorosa decepção, sinto uma raiva tão grande que gostaria de lhe gritar na cara quanto ele é um merda. Passo as primeiras horas remoendo isso e praticamente não acompanho um só minuto de aula. Não suporto quando alguém faz com que eu me sinta tão estúpida, e juro que ele vai me pagar.

No intervalo não sai, continua sentado. Eu o imito e espero, não sei o quê. A certa altura vejo Pietro, filho de um dos advogados mais ricos de nossa cidade, se dirigindo para nós até parar bem na minha frente. Fazendo-se ouvir perfeitamente por Gabriel, me convida para uma festa em sua casa, amanhã à noite: uma megafesta em sua megacasa. Eu gostaria de dizer não, porque já imagino o tipo de noitada, mas tenho tanta vontade de me vingar do Grande Zero que respondo: “Ok, obrigada pelo convite”, e balbucio alguma coisa que não dá para entender se é sim ou não. Não tenho a menor intenção de ir, mas também não quero dar satisfação ao

Caravaggio aqui ao lado, que talvez pense que eu sou uma fodida que ninguém quer. Ele, porém, continua desenhando sem pestanejar, e quase me dá vontade de pegar seu bloco para todas as matérias e atirá-lo pela janela. Só resisto porque ele não merece tantas atenções assim.

No final da manhã, meto minha tralha na mochila e vou embora, furiosa e decepcionada: por que imaginei que hoje seria diferente? Ora, o que eu esperava de um cara a quem chamam Zero? Sou uma idiota, repito para mim mesma sem parar, uma verdadeira idiota.

Balanço das coisas no seu quarto

A cada vez, voltar para casa é o mais difícil. Encontro tudo tão silencioso, organizado, o tempo parou naquele dia.

A porta do seu quarto está sempre fechada, sempre. Rosa é a única que entra para abrir as janelas. Minto, não é a única. Eu também faço isso, às vezes.

Seu robe ainda está pendurado atrás da porta, e embaixo da cama ficam suas velhas sandálias Birkenstock. No armário, todas as roupas, menos uma: um vestido de seda azul-claro com blazer da mesma cor. Você o chamava de seu conjunto Armani, embora não o fosse, e ficava muito bem com ele. Este não se encontra mais aqui. Era seu vestido preferido, você me disse algumas semanas antes de morrer. "Aquele é o vestido mais bonito que eu tenho", comentou: recordo as palavras,

mas não sua voz, e nunca saberei se você falou por falar ou se estava imaginando sua morte. De qualquer modo, foi terrível e eu tive de me virar para lhe esconder as lágrimas que não conseguia conter.

Em um canto do armário, embaixo à direita, está sua bolsa. Dentro, todas as suas coisas: a carteira, a agenda, cadernetas variadas, canetas e todo o resto. O celular, óbvio. Ainda está tudo ali, dentro da bolsa, como na última vez em que você a usou para ir ao hospital. Depois, suspenderam a terapia e nos disseram que era inútil voltar, que bastava uma enfermeira para as coisas que ainda podiam ser feitas. Poucas, só

uma: esperar. Depois daquela vez, você não pegou mais a bolsa. Às vezes enfio a mão nela e toco as coisas que há dentro porque sempre penso que sobre aqueles objetos ainda existe algo de você. Uma vez liguei para seu celular e esperei, imaginando sua voz que ainda dizia "Aqui é a mamãe, Alessandra, onde você está?".

Ao lado da bolsa há um frasco de perfume pela metade. Um presente meu, que você adorou. Muitos de seus suéteres conservam aquele perfume. Sobre o criado-mudo, os últimos livros que você me pediu para comprar. Não os leu até o fim. Encostada ao gaveteiro fica a bengala que você usava para

caminhar. Muitas vezes me sento numa das poltronas ao lado da cama e imagino você dormindo. Fico ali sentada, sem saber o que pensar. Sinto-me como seu robe, como sua bolsa, seus sapatos.

Chutada pelo seu amor.

21 DE NOVEMBRO

Eu adoro o inverno, adoro esse frio urbano cheio de névoa e chuva que me envolve e me protege, mas não posso dizer isso a ninguém. É sinal de equilíbrio mostrar um saudável amor

pelo calor, pelo verão e pelas sandálias, e se você se arriscar a dizer o contrário será vista como deprimida.

Exceto quando estou na escola, agora passo as tardes sozinha, e não sinto falta de ninguém. Com Righi continuo a saborear o lado tranquilizador de nossa fria convivência nos pântanos desolados da Zerolândia.

Fantasias à parte, acho que meus colegas têm razão, Zero não é normal, falta-lhe alguma coisa, e em certos dias parece alguém de outro planeta: Zerolândia, justamente, onde as palavras sempre foram proibidas. Em nossa sala, ao contrário, agora se fala muito porque, como todo ano, dentro em pouco haverá

a festa no Mouse, uma boate do bairro geralmente frequentada por bêbados e drogados, mas que, em ocasiões como esta, de um dia para outro torna-se *in*, e quem não comparece é considerado um fodido. Os do último ano — ou seja, nós — alugam o espaço e gerenciam a venda dos ingressos, procurados por metade da cidade. O resultado é uma baderna infernal de corpos, música ensurdecedora e gente dormindo ou trepando nos banheiros, ou que acaba em coma nos cantos menos iluminados. A tradição manda que cada garota vá acompanhada por um garoto, e então uma semana antes da festa desencadeia-se uma caçada ao homem, que gera

fofocas intermináveis e produz os casais mais improváveis: menos da metade sobrevive à noitada, vinte por cento festejam um mês de vida e só uns modestos cinco por cento se consolidam como casais estáveis. No ano passado, eu não quis ir para poder ficar com minha mãe, mas este ano decidi não perder a festa por nada neste mundo. Parece uma estupidez, mas quero isso. Tenho vontade de também escolher um acompanhante, de me vestir bem, de ser buscada em casa, de pirar um pouco e, quem sabe, talvez de algo mais (refiro-me ao sexo, óbvio, drogas nem pensar).

Passo em revista a fauna masculina que poderia me servir, mas os únicos

que me vêm à mente são também os menos prováveis. O primeiro é Roberto. Turma A, físico enxuto e cabelos louros, tipo juventude hitlerista, educado, tranquilo, só usa pulôveres de caxemira, não fuma, não bebe, fala baixíssimo. Conclusão: com um cara assim, você não vai a uma festa, fica no laboratório de ciências fazendo experimentos com rãs. Depois, haveria Luca. Turma B, físico normal, não muito alto, olhos e cabelos castanhos, sempre disponível, bom mas meio mala, controla sempre o que você faz, quanto você bebe, uma espécie de padre, em resumo: um cara desses já deve ter dito sim a todas as garotas da escola que ninguém quis

convidar, e muito provavelmente eu sou a vigésima primeira. Por último, grau de dificuldade altíssimo, há Giovanni. Turma A, atlético, cabelos castanho-escuros, olhos verdes, inteligente e também irônico, arrogante ou simpático, dependendo de quem está à sua frente e do que ele quer fazer. No ano passado flertou um pouco comigo e quando, na saída da escola, eu parava com alguma colega da minha turma, ele sempre estava por perto. Uma vez até me perguntou se eu queria uma carona de moto. Com as garotas, realmente sabe lidar, e não há nenhuma, repito, nenhuma que consiga falar com ele sem mergulhar na onda verde daqueles olhos

belíssimos. Naturalmente, um cara assim tem muitas admiradoras, e o risco de ouvir um não-querida-desculpe e acabar na boca de todo mundo só por ter tentado é altíssimo. A competição seria forte demais, e eu quero, sim, perder um pouco a cabeça, mas também quero uma coisa tranquila, caseira, por assim dizer. Com alguém como Giovanni a gente sempre se sente no centro das atenções, e eu só preciso me deixar levar um pouco. Portanto, acabo achando que ficarei em casa também este ano, mas veremos. Ainda faltam alguns dias, quem sabe se não aparece um desesperado como eu que me convide no último instante.

22 DE NOVEMBRO

Ontem eu estava convencida de que ficaria em casa também este ano, e no entanto hoje, no intervalo, chegou a surpresa. A Providência veio em meu socorro e lançou aos meus pés Marco,

recém-largado por Mara da turma C. Preso há um ano naquela relação chove não molha que, como dizem as más-línguas da escola, durou até demais, ele finalmente encontrou o estímulo certo — assim ele me disse — e terminou de uma vez por todas. Qual foi o estímulo, ele não me diz e eu não pergunto, e não me interessa se é mesmo o fim ou não. Diante da sorte que tive, não faço comentários. O que mais eu podia desejar? Marco é simpático e não é um canalha, e além do mais, estando ainda apaixonado, com certeza não vai dar em cima de mim logo de cara. Ainda faltam três dias, mas programamos a noite: aperitivo na pracinha às sete, pizza e

cerveja na taberna do Lucio às nove. Depois, o redemoinho das danças.

Enquanto falo com Marco, surpreendo Sonia me fitando. Talvez esteja pensando que meu período de depressão acabou e que eu estou voltando ao normal. Mas minha recuperação ainda está longe, e aquilo que a ela parece um sinal evidente de progresso é para mim apenas um momento de euforia passageira. Se conversasse um pouco mais com seu pai, respeitado psiquiatra, saberia que eu sou um caso clássico de bipolaridade e, além de sossegar, deixaria de me encher o saco tagarelando ao meu redor o tempo todo.

No que diz respeito ao meu ilustre vizinho, Sua Majestade, o rei Zero, ninguém lhe pergunta nada, como sempre, e ele, acho, não convida nenhuma garota. Sei lá o que me responderia, se eu tivesse me candidatado. Enquanto falo com Marco, Zero me olha algumas vezes, na segunda mais demoradamente, depois se inclina sobre o costumeiro bloco que usa para todas as matérias e rabisca alguma coisa: será que hoje o inspiro e ele está fazendo meu retrato? Descubro-me sorrindo sozinha: Zeta, a Musa, ou melhor, a carrancuda.[3] Na terceira vez, eu também o encaro e não desvio o olhar. Ele não cede, e eu muito menos.

Marco fala agora no meu ouvido direito e eu não quero perder o desafio, mas me rendo porque pareço alguém que está se oferecendo e, ao contrário, não quero absolutamente que Zero pense tal coisa. Continuo falando com Marco ainda por alguns minutos e depois o acompanho à sua sala. Quando volto, Zero está brincando com o celular e me ignora. Que novidade. Seu bloco está fechado, e assim não vejo o que ele estava desenhando. Claro que não era eu, o que me deu na cabeça? A tentação de perguntar se ele também vai à festa é muito grande, mas depois opto pela indiferença total e, quando soa a campainha, corro para fora antes de

fazer outras besteiras.

No segundo lance de escada já estou arrependida: que mal havia em perguntar? Até porque já recebi um chega pra lá, um a mais não iria me matar. Olho atrás de mim, mas não o vejo descer. Hesito ainda alguns instantes e depois me deixo arrastar para fora.

---

3 No original, *musona* (de *muso*, focinho), um trocadilho que se perde em português. (N. T.)

26 DE NOVEMBRO

No início corre tudo como previsto: o aperitivo, ou melhor, os aperitivos, depois a pizza, as cervejas e os licores pós-café sem café. Quando chegamos ao Mouse já estamos bem altinhos e, uma

vez lá dentro, continuamos a encher a cara, eu com vodca e Marco com tequila. Ficamos conversando e bebendo, apoiados no balcão do bar, quando a certa altura aparece Mara, que me fulmina com o olhar e grita alguma coisa para Marco. A briga logo explode e poucos minutos depois ela se afasta e ele vai atrás, me deixando sozinha no bar, como uma babaca. Enquanto olho ao redor em busca de rostos conhecidos, de repente sinto alguém me abraçando por trás e um "oi" sussurrado bem dentro do meu ouvido. Não preciso me voltar para saber quem é. Giovanni está ligeiramente bêbado, mas ainda em condições decididamente melhores do

que as minhas. Pergunta se estou me divertindo, continua a soprar sua voz cálida no meu ouvido, como perfeito e irresistível (Don) Giovanni,[4] e me confessa que está com raiva de mim porque gostaria de ter me acompanhado à festa, mas Marco tinha se antecipado. Estou para chamá-lo de mentiroso, mas, assim que me volto e o fito nos olhos, aquela mentira começa a me agradar, e muito. Enquanto ele fala, com seu corpo contra o meu e suas mãos nos meus quadris, sinto-me como que hipnotizada por sua voz e atordoada por aquele perfume que senti nele mais de uma vez, em perfeita sintonia com a camisa branca e os olhos verdes. E toda a

vodca que tenho no corpo lhe diz isso, embora me seja um pouco difícil formular uma frase completa. Quando ele pede mais duas doses, penso que eu talvez devesse parar, mas quando vejo o copo à minha frente, bebo todo o conteúdo de uma só vez. A música está altíssima; o local, superlotado; e Giovanni continua falando comigo, embora eu só escute pela metade as coisas que ele diz: que sou bonitinha, mas muito tímida (?), e também que lamenta o que aconteceu à minha mãe. Nesse exato instante, o pensamento de que quando voltar para casa já não a encontrarei acordada me esperando a qualquer hora da noite me parece

insuportável e tenho dificuldade de conter as lágrimas. E assim, eis que toda a tristeza que procurei manter longe com a vodca me vem como uma enchente que rompeu as margens do rio. Só percebo o rumor ensurdecedor da música e o corpo de Giovanni que me comprime. Começo a transpirar e meu estômago queima. Com um gesto brusco, afasto-o e abro caminho entre as pessoas, em busca de um lugar para me sentar. Enquanto caminho, me dou conta de que realmente bebi demais, quase não consigo botar um pé diante do outro. Choco-me contra dois rapazes que me empurram com grosseria, por sorte atrás de mim vem ele, que rapidamente me segura por um

braço e me leva até um dos sofazinhos dispostos nas áreas mais escuras do local. Sentada, cabeça inclinada para trás, fecho os olhos. Quando os reabro, poucos segundos depois, vejo o rosto de Giovanni sobre o meu. Ele começa a me acariciar os cabelos e a me beijar. Correspondo mecanicamente aos seus beijos e o deixo agir, mesmo quando ele enfia a mão sob meu suéter e os dedos por dentro do sutiã. Depois a mão começa a descer e sinto-a no meio das pernas. Então tento afastá-lo, mas ele não quer nem saber, cola os lábios ao meu ouvido e me cochicha para ficar quieta. A certa altura se detém e, afastando-se um pouquinho, me passa a

mão pelos cabelos, num gesto desajeitado que pretendia ser uma carícia, e me diz apenas “levante-se, vamos lá para fora”. Finjo não entender e o encaro, olhos semicerrados e um sorriso de bêbada gravado na cara. Já que não me movo, ele me segura pelo braço e diz em tom irritado: “Vamos, de pé.” Quanto mais o encaro, mais continuo não querendo me mover. De repente lhe digo, assim como antes disse que gostava do seu perfume: “Não vou te acompanhar lá fora, quem você pensa que é, caralho?” A frase me ocorre assim, sem mais nem menos, pescada pelo álcool em algum canto da mente onde eu a deixara de lado, à espera do

momento certo. É este o momento certo. A boca de Giovanni me brinda com o melhor dos sorrisos, mas seu olhar está superfurioso quando ele me responde: "Vá se foder, sua escrota, feia e deprimida", e se afasta. Estou sozinha — mas sozinha mesmo — nesse sofazinho de merda, rodeada por gente de merda, e me sinto tão mal que um instante depois já estou vomitando no carpete vermelho-escuro do Mouse.

---

4 Ou seja, Don Juan. (N. T.)

Balanço das coisas que não fiz por você

Você gostava de circular por mercadinhos, feiras, lugares assim, mas na verdade bastam os dedos de uma mão

para contar as vezes em que fui junto, e só depois de muitos pedidos, após a promessa de um presente ou da permissão para fazer alguma coisa ou para ir a algum lugar com meus amigos. Na maioria das vezes, você acabava indo sozinha ou então se fazia acompanhar por pessoas aparecidas no último minuto. Poucas semanas antes de morrer, pediu para dar uma volta no comércio, queria comprar um robe mais leve, mas o médico disse que era melhor não. Vovó, te conhecendo, logo ficou alarmada, e eu com ela. Sobre seus olhos desceu um véu de tristeza e você deu ouvidos ao doutor, tranquilizando-nos. Mais uma coisa que você fez por

nós. Hoje sei que errei. Devia tê-la carregado nos ombros e levado até lá, a qualquer custo.

Às vezes você pedia para ir à piscina comigo, embora mal soubesse nadar. Quando não lhe respondia com um não seco, eu achava mil desculpas para ir sozinha. A realidade era que não queria ser vista em sua companhia. Sei que isso te desagradava, mas você nunca se aborreceu, nunca insistiu, nunca. Eu sabia ser dura e arrogante, quando queria. Nem sei do que queria me defender agindo assim, do que me envergonhava. Se chovia, você ia me buscar mas não entrava. A verdade era que eu temia que você começasse a

conversar sei lá com quem, me fazendo passar vergonha com os garotos do curso de natação, ou que resolvesse nadar como certas senhoras que eu via nas raias dos menos experientes. Não queria que a vissem comigo e que talvez começassem a dizer que você era alguém que estava sobrando, não queria que falassem mal de você e de mim. Ao mesmo tempo, sabia que qualquer um que conversasse com você acabaria me dizendo que eu tinha uma mãe simpática e também bonita. Quando você me perguntava como ficava de maiô, eu sempre respondia com ar de suficiência que estava bom, e não que você ficava bem, como se isso fosse absolutamente

supérfluo, como se eu não estivesse nem aí. E não era totalmente verdade, porque de maiô você ficava realmente bem, com as curvas certas nos pontos certos.

Às vezes, enquanto nado, penso que você está ali e me observa, pronta a erguer o braço para me saudar quando, no final da piscina, me volto para a arquibancada, à sua procura. Imagino que você me sorri e diz mamãe está aqui. Vejo-a dentro do seu casaco 3/4 escuro. Gostaria que todos te vissem, agora, mas só eu te vejo.

Falar do meu pai era absolutamente proibido, regra imposta por mim. A única vez que você tentou, eu te ataquei como cem inimigos. Você havia dito que

ele se negou a ficar ao seu lado, não quis que ele cuidasse de nós de modo algum, nem mesmo mandando dinheiro de vez em quando. Ele não morava na nossa cidade. Mandaria dinheiro, você me explicou, mas nunca viria me conhecer, ele jamais tinha querido uma filha. Por essa rejeição, eu te acusei de haver pensado só em você, em seu orgulho ferido, e não em mim. Era apenas culpa sua, se ele não aparecera mais, de novo você tinha feito as coisas do seu jeito, sem refletir, sem pensar nas consequências, especialmente para mim, e essa era a mentira na qual eu sempre quis acreditar, e não no fato de que o homem que era meu pai tinha

desaparecido da nossa vida porque nunca se importara com a existência de uma filha. Depois daquela vez, não falamos mais disso e no fim eu não quis nem ver a fotografia dele, saber onde morava, e não quis mais escutar suas razões. Na realidade, eu bem sabia que tinha sido a melhor atitude, que você me poupara de um tempo de esperas, de ausências, de raivas dolorosas. Você havia permitido que ele me ferisse uma só vez e depois nunca mais. Havia feito isso por mim. Só entendi muito mais tarde, e nunca lhe disse.

Ainda 26 de novembro

Quando reabro os olhos, de início não entendo nada. Vejo corpos se movendo ao meu redor e ouço a música ecoando em minha cabeça. Alguém me levanta com força e me arrasta, abrindo

espaço pelo local superlotado de gente. Ponho um pé diante do outro e, enquanto caminho, olho o vômito grudado nas minhas botas e nos sapatos de quem está me arrastando, dois pesados tênis velhos e brancos. Em um lampejo me dou conta do espetáculo patético que estou oferecendo aos que me rodeiam, e a vergonha me impede de erguer a cabeça. A única coisa que posso esperar é que eles tenham bebido ao menos a metade do que eu bebi. A certa altura, tropeço e sinto uma violenta ânsia de vômito que, por sorte, não produz nada, porque tudo o que eu tinha no estômago já foi parar em algum lugar sobre o carpete do Mouse ou secou sobre minhas botas.

Levanto um pouco a cabeça para ver quem é o meu herói, mas, quando intercepto os olhares enojados de um grupo de garotas, me apresso a baixá-la, envergonhando-me como nunca. Mais empurrões, vozes, música, fedor de urina quando passamos diante dos banheiros, e depois, de repente, um vazio e o ar fresco. Então faço um esforço e levanto a cabeça, que no entanto se bloqueia de imediato quando reconhece os olhos de Gabriel Righi e vê os lábios dele me perguntando onde deixei a motoneta. Se a gente pudesse morrer quando deseja, eu agora estaria morta, de verdade. Baixo de novo a cabeça e estou prestes a chorar quando

de repente levanto-a de novo e pergunto: "Zero mais zero, quanto dá? Porque esta noite eu sou mais zero do que você", e em seguida me sobem aos olhos duas copiosas lágrimas que não consigo deter. Que pergunta de merda, e de fato ele não me responde; aliás, já que o ofendi, de repente pode me largar aqui e ir embora. Enquanto ainda deliro em voz alta, Gabriel aproxima o rosto do meu e de novo pergunta onde parei a motoneta. Sua voz é calma e gentil. Significa que ele não se ofendeu e não me deixará aqui: nem tudo está perdido ainda.

Esforço-me por recuperar o fio dos acontecimentos da noite e em seguida lhe aponto o estacionamento, do outro

lado da rua. “Não vou conseguir dirigir”, digo, enquanto me abraço para me proteger do frio. “Eu dirijo”, diz ele, tranquilo. “Se minha avó me vir assim, vai ter um troço”, balbucio. “Tudo bem, então eu não te levo logo para casa, antes vamos dar uma volta. Sua jaqueta está no vestiário?” Aceno que sim, meto uma mão no bolso traseiro dos jeans, recupero o tíquete e o dou a ele. “Espere aqui, e não se mova.” Ele me encosta num carro e se afasta rapidamente. Ora, me mover?, penso. Como? O único ato que eu ainda poderia executar em plena autonomia seria me desmanchar toda na terra.

Ergo a vista e contemplo o céu: está escuro e cheio de estrelas. Fecho e reabro os olhos várias vezes: é verdade que você morreu?

Após um tempo interminável, Gabriel retorna com minha jaqueta e me ajuda a colocá-la. Deixo-me vestir como uma menina: apoio a cabeça no peito dele e levanto os braços como uma marionete. Automaticamente, pesco as chaves da motoneta num bolso da jaqueta e entrego a ele. O motor pega com um ruído que entra direto no meu cérebro e, ainda que ele não me diga isso, compreendo que está esperando que eu sente. Aonde vamos? Não sei e não pergunto, encaro-o por um instante

e, em seguida, me seguro no seu braço e subo atrás. Enquanto seguimos — ambos sem capacete —, escuto o motor pipocando, sinto o ar frio no rosto e nas pernas envolvidas pelos jeans. Mantenho os olhos fechados, minha cabeça está rodando demais. Não sei por quanto tempo andamos assim, e só depois de algum tempo um cheiro forte e familiar me obriga a reabri-los. À minha direita está o mar: a espuma branca aparece e desaparece, enfeitando de branco uma imensa faixa escura. No céu acima de nós, agora se alargam densas nuvens de chumbo. Pode chover de uma hora para outra, mas a esta altura nada me importa. Fecho de novo os olhos e

me aperto ainda mais a Gabriel. Dois zeros em fuga na noite, o infinito, nós também somos o horizonte de algo que combina com a escuridão.

Estou salva, penso, não pode me acontecer mais nada. A mesma sensação que eu experimentava quando criança, quando tinha dor de ouvido e minha mãe me levava para sua cama. Circundava meus ombros com um braço e mantinha minha cabeça sobre seu peito, enquanto com a outra mão segurava um livro. Eu sentia as gotinhas quentes no ouvido protegido pelo algodão, o rumor da respiração dela e de vez em quando o atrito das páginas do livro, enquanto o abajur lançava sua luz suave sobre o

colchão. O mundo ainda estava em ordem, a dor sob controle, minha mãe o carvalho secular no alto da colina, eu a cálida semente do inverno, rodeada pelo mais poderoso dos escudos.

Estou tonta e em pedaços e tenho a cabeça cheia de pensamentos confusos, mas agora só desejo que este passeio nunca acabe. De repente sinto a motoneta desacelerar e em seguida a voz de Gabriel acima do rumor: "Está melhor?" Aceno que sim com a cabeça, o rosto afundado em sua jaqueta acolchoada e meio coberto pelos cabelos. "Sim ou não?", ele me pergunta de novo. "Sim", grito. "Então vou levar você para casa", diz, e em seguida

inverte o sentido da marcha e retornamos em direção à cidade.

Qual é a distância para Zerolândia? Vamos fugir, Gabriel, vamos procurar Zerolândia. Prometo que não falarei com você nunca mais.

Quando chego à minha casa, olho para o terraço bem a tempo de ver minha avó entrar de volta. Desço da motoneta lentamente, tentando me recompor da melhor maneira. “Como estou?”, pergunto, dirigindo-me a Gabriel. “Normal”, responde, mas pela sua expressão compreendo que devo estar nojenta. “Fique com a motoneta”, digo, “outro dia você me devolve”. Ele me fita direto nos olhos, como se não

tivesse certeza de que estou fazendo a melhor coisa, mas depois concorda e diz apenas: “Ok, devolvo hoje à tardinha.” Tem os cabelos completamente desgrenhados, expressão cansada, olheiras. Tudo isso por mim, penso, e me vejo sorrindo, embora a situação não seja lá muito cômica. Ele me encara como se estivesse para me dizer alguma coisa, depois sobe na motoneta e liga o motor. “Tchau”, me diz, com um meio sorriso. “Até mais tarde”, respondo, e retribuo.

Quando entro em casa, encontro a vovó na cozinha. Certa de não ter sido vista, ela mente e me diz que acabou de se levantar. “Divertiu-se?”, pergunta.

“Uma porcaria”, respondo, tirando a jaqueta e jogando-a sobre o banco do vestíbulo, “um lugar de idiotas, música pior ainda”. Estou para entrar no banheiro quando me chega a pergunta que eu já esperava: “Aquele rapaz é seu colega de escola?” A voz da vovó é doce, enrouquecida pelo cansaço da espera. “Sim, a motoneta dele quebrou e então eu lhe emprestei a minha e ele me trouxe aqui. Hoje à tarde me devolve.” “Fez bem”, responde ela, aparecendo no corredor, o sorriso cálido de minha mãe no rosto cansado. Sabe que não falei a verdade, estou tão mal que até um cego perceberia que quase não me aguento de pé, mas falta-lhe coragem para me

repreender. Diz: “Claudia ligou ontem à noite, queria falar com você. Lembre-se de telefonar para ela, assim que acordar.”

Aceno que sim, e em seguida ficamos nos olhando, suspensas naquele instante. Entre nós duas, a porta de um quarto silencioso. Por um momento, embora eu me sinta em pedaços, me vem à mente a história de Perséfone e me pergunto que estação é aquela que estamos atravessando.

27 DE NOVEMBRO

“Obrigada”, digo, enquanto ele desce da motoneta me estendendo as chaves. Envergonho-me como um cão e não consigo fitá-lo nos olhos. “Foi realmente muita gentileza”, continuo a dizer,

esperando ouvir sua voz me tranquilizando, “se não fosse por você, eu ainda estaria no sofá do Mouse”. Ele sorri para mim. Mantém as mãos enfiadas nos bolsos da jaqueta e olha ao redor o tempo todo, provavelmente também constrangido. Ainda assim, não tanto quanto eu. Quando me lembro do espetáculo que dei, fico pensando que seria bom arranjar uma dublê a partir de agora e para os próximos vinte anos. “Se não tivesse sido eu”, rebate, “seria alguma de suas amigas”. “Ah, é? Qual? Porque já não tenho muitas”, digo, “e você sabe quanto elas estão se lixando”, concluo amarga. Terminada a frase, cai um silêncio embaraçoso. Vejo-o

deslocar várias vezes o peso de uma perna para outra. “Ok”, diz afinal, recuando um passo, “agora é melhor eu ir embora”. Ofereço-me para levá-lo. “Bem”, diz ele, divertido, “assim vamos passar a noite toda nos dando carona”. Caio na risada, e não pela brincadeira, mas porque estou contente por vê-lo finalmente alegre. “Pode deixar, eu vou a pé”, continua, “são dois passos, não é longe”. “Mas está muito frio, não acha?”, insisto, e acrescento sorrindo: “Não vou permitir isso.” De repente não quero que ele vá e me deixe sozinha. Ele não recusa de imediato e me olha indeciso, com a expressão divertida. Depois, sem ligar para o mico que posso

estar passando, arrisco: “Vamos, te convido para uma pizza, assim me sinto menos culpada pela noite insone que fiz você passar.” Ele sorri de novo, afundando o queixo no cachecol verde-oliva que lhe cobre o pescoço. “Então, vai ter que me pagar uma pizza gigante”, rebate, curtindo com a minha cara.

São bonitos os seus olhos, enquanto ele fica ali plantado, ainda sem decidir se fica ou se vai. “Pago duas”, tento de novo, e de repente me sinto contente. Ficamos alguns segundos assim, nos encarando, ainda encabulados pela nova situação que se criou. “Então é sim”, concluo, “vou subir para pegar a jaqueta, só um minuto”. “Ok, eu espero”,

diz, embora o olhar que me dirige não seja muito convicto, mas não importa, estou simplesmente feliz porque ele aceitou.

Vamos ao Blue Moon, uma grande pizzaria no centro, frequentada por famílias. É um lugar muito barulhento, cheio de crianças que circulam pela ampla sala, cuja televisão fica sempre ligada. Claro, não é o máximo para duas pessoas que queiram conversar, mas pelo menos é seguro que não encontraremos nenhum dos nossos colegas de escola. Não me importa que nos vejam juntos, mas ao menos por essa noite eu preferiria não topar com os olhos deles me encarando.

Estamos sentados um diante do outro e fingimos interesse nas pessoas que ocupam as mesas vizinhas. De vez em quando nos lançamos olhares furtivos, esperando que o outro não perceba. A conversa é reduzida às palavras essenciais, e de repente me dou conta de que, por trás da boa ação, eu posso descobrir uma pessoa que no fim das contas não me agrade nem um pouco. E se os outros tiverem razão? Não penso que ele seja uma espécie de delinquente fracassado: por que se daria o trabalho de me ajudar, se realmente fosse assim? Na verdade é justamente o que eu quero saber, por que ele fez isso, mas provavelmente o deixaria embaraçado,

então deixo para lá. Aí começo a falar da escola, dos professores, de coisas que não interessam mesmo a ninguém, nem sequer a mim, mas faço isso apenas para quebrar o silêncio, que é mais ruidoso do que a bagunça ao redor. Enquanto falo, eu o fito nos olhos, mas ele raramente retribui, parece concentrado no televisor. Está constrangido, e eu também, aliás, embora faça de tudo para me mostrar à vontade. A certa altura pergunto com quem ele foi ao Mouse ontem à noite. "Com um amigo", responde, dando de ombros, e acrescenta que só estava lá porque, na última hora, esse amigo quis dar um pulinho na festa. "Obrigada por

ter me ajudado", digo suavemente. Ele me encara por um instante, sem dizer nada, e depois olha ao redor, como se estivesse procurando alguém. "Afinal, não existem garçons aqui?", pergunta de repente, voltado para a sala. Olho para ele, que não me olha, e penso que talvez ele não seja sensível como eu tinha imaginado, que sua atitude não é de constrangimento, mas de tédio. Talvez tenha me ajudado só porque eu lhe dava pena, penso, mas não está nem aí para mim. Agora sou eu a mais constrangida. Queria desaparecer agora mesmo e me arrependo da minha iniciativa, a enésima idiotice sem sentido. Por um instante, sonho que o garçom venha à

nossa mesa e diga que o lugar está reservado, que nos enganamos, que não servem pizza, só peixe de cem euros o prato e champanhe. Em vez disso, chega uma garçonete toda afobada e anota o pedido. Depois do primeiro instante de pânico, tento não perder a calma e conduzo a conversa como posso, como se costuma fazer. Pergunto onde ele mora, o que faz nos fins de semana, se gosta de fazer alguma coisa em especial, e por um instante pareço uma daquelas assistentes sociais a quem confiaram o enésimo caso desesperador. Quando ele começa a falar, espero que me conte um pouco de sua paixão pelo desenho, mas ele responde desinteressado,

economizando as palavras. Diz que mora num conjunto habitacional, mas só quando seu pai não está, do contrário dispõe de um quarto na casa de Petrit, um amigo albanês, que de vez em quando lhe arruma algum trabalhinho. Sou tentada a perguntar de que tipo, mas me seguro a tempo, antes de me ver escutando coisas das quais não quero saber nada. Agora, enquanto fala, ele me olha para estudar minha reação, mas eu tento permanecer o máximo possível neutra e o deixo continuar. Diz que para ele o fim de semana é como os outros dias, que passeia um pouco com os amigos, nada de especial. “Gente da escola?”, pergunto, embora já conheça a

resposta, e de fato ele começa a rir e responde que não. “Nunca”, diz, e me encara divertido. “Por que você diz isso?”, disparo, e também começo a rir. “Meus amigos não vão à escola”, diz, “eles trabalham”. “Trabalham em quê?” “Operário, pedreiro, coisas assim”, responde, erguendo os ombros, e olha de novo ao redor. “E você, que trabalho gostaria de fazer?”, pergunto. “Não sei, pedreiro também me serve.” “E o desenho?”, indago, decepcionada. “O desenho o quê? Por quê? Os pedreiros não podem desenhar?” Estou para rebater quando chegam as pizzas e a conversa morre ali. Cheguei com Caravaggio e vou sair daqui com

Gabriel, o pedreiro. Realmente me enganei, meus colegas de escola têm razão: não existe nenhum artista, fui eu que imaginei tudo. Devia estar mesmo muito de porre, na noite passada.

À parte algum comentário sobre a pizza e sobre a bagunça que as crianças da mesa ao lado estão fazendo, comemos em silêncio e eu não lhe dirijo mais nenhuma pergunta. Assim que terminamos, vou logo à caixa para pagar, e finalmente o pesadelo acaba. Ele me agradece e eu lhe agradeço também. A sensação é a de que somos mais estranhos do que antes. Foi realmente excessivo, após meses de silêncio, passarmos mais de uma hora

juntos, como pessoas normais. Acho que para ele também foi demais e de fato sua cara é a de quem não vê a hora de escapulir. Provavelmente eu também o decepcionei, talvez a versão embriagada lhe agradasse mais.

Ofereço-me para levá-lo em casa, mas ele aceita só uma carona até a praça e depois diz: “Posso ir a pé.” Desta vez não insisto e o deixo na praça, colocando a palavra fim na minha tentativa de estabelecer uma amizade com alguém que provavelmente só existe na minha cabeça. “Então, até amanhã”, digo, ainda assim confiando em que nos próximos dias terei na escola um companheiro de mesa um pouco menos

estranho, que não me ignore completamente. “Amanhã eu não vou”, ele corta. Parece uma decisão tomada aqui, agora mesmo, como que para colocar novamente alguma distância entre nós, e conclui: “A gente se vê nos próximos dias.” Não que a noite tenha sido boa, mas depois desse epílogo me parece ainda pior, e eu gostaria de perguntar o que ele vai fazer amanhã, por que não vai, mas a cara dele não é nem um pouco a de quem quer dar explicações. “Ok, até a próxima”, digo apenas. “Até a próxima”, repete, depois se vira e se afasta.

Vejo-o atravessar a praça, as mãos metidas nos bolsos da jaqueta, a cabeça

baixa e os ombros curvados. Físico de pedreiro ele tem, e o cérebro também, penso. Enquanto estou ali, olhando-o caminhar, a certa altura ele se volta e se detém. Em seguida levanta o braço, me acena e por alguns instantes fica me olhando de longe. Eu também aceno e sorrio. Estou longe demais para ver-lhe o rosto, e ele tampouco pode ver o meu. No mesmo instante em que recomeça a caminhar, sei que este é o verdadeiro Gabriel, aquele que me agrada um pouco, o senhor de Zerolândia, silencioso e esquivo, Caravaggio com macacão de pedreiro.

Gostaria de dizer seu nome em voz alta no ar frio, mas em vez disso ainda o

observo um pouco e em seguida volto para casa, mais confusa do que nunca.

28 DE NOVEMBRO

Na escola, todos ficam me olhando hoje. Eu queria me enterrar, de tanta vergonha. Assim que ponho os pés na sala, as mais canalhas se aproximam para perguntar como estou. “Por quê?”,

reajo aborrecida, em tom duro. “Anteontem à noite você estava com uma cara...” diz Silvia em tom sacana, lançando uma olhada satisfeita à Barbara, que, de um canto, curte a cena. “Por quê? Nunca viram ninguém de porre?” Defendo-me com arrogância, como se tivesse feito a coisa mais legal do mundo, mas me sinto constrangida e espero que não percebam. De qualquer modo, a verdadeira pergunta é outra, e de fato vem logo depois: “E Gabriel?”, prossegue a víbora. “Gabriel o quê?”, pergunto por minha vez, lançando-lhe um olhar carregado de ódio. “Foi ele quem te levou lá para fora, não?”, insiste Silvia, com um sorrisinho babaca

nos lábios. “E daí?”, rebato, tentando manter a calma e fitando-a direto nos olhos. “Nada, falei só por falar”, diz a idiota, e acrescenta, com uma risadinha de verdadeira escrota: “É que vocês formavam um belo casal”, e olha ao redor para ver o efeito daquela piadinha deplorável. “Ah, é, e você acha graça?”, detono, enquanto me aproximo perigosamente dela e daquela sua cara demasiado larga, rosada e espinhenta, e tento ver se me ocorre alguma coisa suficientemente venenosa para feri-la. “Puxa”, contemporiza ela, recuando, “eu estava só brincando”. E acrescenta como desculpa: “É que estamos preocupadas.” “Sem dúvida”, rebato,

“estou vendo quanto vocês estão preocupadas”. Ela está prestes a rebater, mas eu me antecipo, irritada por me ver no centro das atenções. “Vá cuidar da sua vida”, digo, raivosa, “se tivesse acontecido com você, no dia seguinte nem mesmo o pessoal da faxina te levava para fora”. Vejo-a empalidecer, depois balançar a cabeça e fazer um gesto com a mão, como se dissesse que estou completamente fora de mim e que qualquer conversa é inútil. Continuo a encará-la, imóvel, ainda por alguns instantes, para deixar claro que na próxima gracinha eu vou partir com tudo. Pelo jeito como me olha, sei que ela compreendeu e sabe muito bem que

seria um alvo muito fácil. Ainda me lembro de sua expressão quando, na terceira série, depois de sua enésima tirada cheia de veneno, a vítima se vingou com um golpe baixo, escrevendo na lousa: “Silvia, você é nojenta também por dentro.” Naquela vez, ela fez de tudo para se mostrar indiferente, mas via-se perfeitamente que ficou péssima. Nosso silencioso duelo foi interrompido quando o vão da porta se encheu com o imponente corpanzil da professora de matemática. Batemos em retirada, cada uma para sua mesa. A professora começa logo a nos interrogar e chama justamente Silvia, a escrota, que dá umas respostas de merda e volta ao seu

lugar com um quatro. Fico superfeliz, ou melhor, mais ainda, e me esqueço de tudo: de Gabriel, da pizza, do mico que paguei naquela noite.

Durante o intervalo, evito os olhares de todos, escapulindo da sala e me metendo no banheiro. Retorno com a aula de italiano já começada. Passo o tempo inteiro procurando sinais de Gabriel sobre a mesa, enquanto as escrotas à minha frente ainda trocam sorrisinhos e olhares, segurando com dificuldade aquelas risadinhas de macacas na jaula do zoo. De repente me sinto ainda mais sozinha do que quando comecei a me sentir sozinha, e, para piorar, agora me aborrece que alguém

possa pensar que eu e Gabriel estamos juntos. Mas não o odeio por isso, odeio-o porque ele não está ali comigo. E se foi de propósito que ele não veio? Se é assim, significa que também se importa com o que os outros dizem. E seus amigos operários e pedreiros, será que sabem de nossa voltinha pela praia? Ninguém sabe nada, digo a mim mesma, é um segredo, são apenas essas escrotas que hoje não têm nada melhor a fazer, mas ao mesmo tempo penso que se ele estivesse aqui ninguém se atreveria a me perguntar nada. Claro, haveria os olhares, as risadinhas de sempre, mas ninguém ousaria tanto. Que covarde,

penso, e decido: amanhã não venho à escola.

Bye-bye Zero, Zeta vai à cidade.

A CASA DE TERESA

Em certos momentos me dou conta de que você está morta e aceito tudo: a casa que não reconheço mais, as coisas que lentamente escorregam para uma distância de objetos esquecidos. Agora

percebo que em cada coisa se repete a sua morte, até em mim: sua morte é a minha morte.

Recordo aquela amiga da vovó, Teresa, que ficou sozinha naquele seu enorme apartamento. Quando eu era pequena e minha avó ia visitá-la, às vezes me levava junto. Depois que os filhos de Teresa saíram de casa e o marido morreu, grande parte dos aposentos ficava sempre fechada, com as venezianas encostadas. Dentro, uma semiescuridão eterna e um silêncio de objetos que tinham absorvido o odor daqueles espaços sem vida. Os únicos cômodos que ela ainda usava eram a cozinha e o quartinho no fundo do

corredor, onde dormia. Todo o resto era ligado a um passado distante e mudo que gritava sua nostalgia naquela escuridão. Havia tanto silêncio que em certos momentos tinha-se a impressão de ainda escutar as vozes, os rumores de quando tudo estava apenas no início, com os adultos falando e as crianças brincando.

Pobre Teresa, me deixava triste. Contei isso à mamãe e ela respondeu que eu não era obrigada a ir, e depois ouvi que repreendia a vovó. Pensei que ela havia ficado com raiva, mas em vez disso voltou a mim e disse: “Mas por que você não falou logo com a vovó?” Eu não tinha falado nada porque a senhora Teresa me dava pena. Acho que

mamãe sentiu isso, e então me contou uma história sobre a senhora Teresa e seus netos, que iam visitá-la e lhe levavam massas. Eu sabia que não era verdade, mas mesmo assim me senti mais aliviada.

Morre-se também assim, acho: não se usam mais certos objetos, não se entra mais em certos aposentos. Aprisionamos o passado para que ele não nos alcance mais com o peso das lembranças.

30 DE NOVEMBRO

Hoje não vou à escola: quando avisto o portão, viro à esquerda e me afasto. Afinal, é meu aniversário e me concedo um pouco de distração, embora me sinta culpada.

A verdade é que este é meu primeiro aniversário sem você, e não tenho vontade de ver ninguém. A vovó também percebeu, porque esta manhã, quando veio ao meu quarto para me dar os parabéns, me abraçou com força sem dizer nada. Só depois, na cozinha, me perguntou qual presente eu queria. Não tinha me comprado nada por medo de errar, disse, e preferia que eu escolhesse. Mas não sei direito o que quero, então respondi que ia pensar, e a única coisa que pedi foi uma bela torta para sábado, quando Angela e Claudia virão e vamos comemorar juntas. Foram as primeiras a me dar parabéns, me ligando às sete da manhã e

autoconvidando-se para este fim de semana: 18 anos são um grande acontecimento, disse Angela ao telefone, não dá para fazer de conta que não é nada. Eu não disse a verdade, agradeci e falei para a vovó que no sábado vamos almoçar juntas.

Hoje está fazendo sol, então vou logo tomar o café no bar da praça; depois, um longo passeio na praia. Já que, a partir de hoje, sou maior de idade, não me preocupa que alguém possa me ver e ir contar: a quem, afinal? É uma sensação estranha, de repente me sinto livre demais. Isso não me agrada, é como se eu pudesse me perder e não voltar.

O tempo está bonito e perto do mar me sinto superbem. Tento não pensar em nada, nem na escola nem em casa, em nada, mas, quanto mais me esforço, mais me cresce por dentro uma sensação de solidão. Depois de meia hora, já estou na motoneta, voltando para a cidade. Entro na OVS e passo uma hora lá, experimento roupas, uns suéteres, mas não estou no humor adequado e saio sem comprar nada. Dali vou à perfumaria, onde começo a me lambuzar com perfumes, sombras e tudo o que uma garota pode passar no rosto a fim de parecer mais bonita. As vendedoras, pouco mais velhas do que eu, tagarelam entre si e, depois das primeiras

perguntas de praxe, me ignoram completamente. Confusa, entediada e com a cara toda manchada de maquiagem, volto para casa pouco antes de uma da tarde. Enquanto subo a escada chegam duas mensagens de Sonia: na primeira, me dá os parabéns e, na segunda, pergunta se eu quero que ela me traga os exercícios da escola. No fundo, está só tentando ser gentil: decido submetê-la à prova e marco encontro na minha casa para hoje à tarde.

No almoço, a vovó me apresenta todos os pratos de que mais gosto e se esforça por parecer alegre. Embora eu não tenha lhe pedido nada, quando chegamos à sobremesa ela me entrega

um estojo pequenininho, de joalheria. Comprou para mim uns brincos de brilhantes, verdadeiros, dá para ver. Coloco-os na mesma hora e depois me estico por cima da mesa para abraçá-la e lhe dar um beijo. Saiu melhor do que a encomenda, penso. Num dia como esse, o fato de nenhuma das duas ter chorado me parece uma coisa boa, ou talvez fosse isso o que eu mais queria.

Sonia chega com meia hora de antecedência e, assim que entra no meu quarto, me abraça e me entrega um embrulho. Abro-o e encontro um par de fones de ouvido com protetores auriculares em pelúcia cor-de-rosa, daqueles que a gente pode acoplar no

iPod para ouvir música com as orelhas quentinhas. Agradeço e digo que são lindos, embora não me recorde de ter sido algum dia alguém que poderia sair por aí com dois discos rosa-chiclete sobre as orelhas. Com Sonia, porém, os agradecimentos não bastam: ela quer que eu os experimente. Contra a minha vontade, coloco-os e depois me volto para me olhar no espelho: eles dão uma aparência de menina, e então mostro a língua e faço outras caretas inúteis, que a divertem e a deixam satisfeita.

Pouso delicadamente os fones de ouvido sobre a cama e depois pergunto a Sonia se temos muitos deveres. Como se fosse minha secretária particular, ela

pega a agenda e me informa de tudo: lições, testes orais e deveres para o dia seguinte. Por sorte, o grosso dos deveres é de matemática e história, as duas matérias de que eu mais gosto. Decidimos fazer juntas os de matemática, e logo abrimos os livros. Entre um exercício e outro, ela me pergunta sobre a noite da festa, mas isso não me aborrece: estou tranquila, não tenho nada a esconder, porque afinal entre mim e Gabriel não aconteceu nada. Também me informa que naquela manhã ele estava na escola. Melhor assim, penso, ao menos ninguém pode achar que estamos juntos. A essa altura, porém, aproveito para dar minha versão

dos fatos e conto que ele apenas me acompanhou lá fora para eu tomar um pouco de ar e depois, quando me senti melhor, fui para casa por minha própria conta. Ao que parece, ela engole, mas isso não a impede de querer saber mais coisas, e então me pergunta por que mudei de mesa. Dou de ombros e não sei o que dizer. “Por nada, de brincadeira”, digo apenas, “eu estava entediada e quis ver o que acontecia”. Ela me encara e espera. Bem sei que não é uma resposta, não seria nem mesmo para mim, então resolvo ser sincera pela metade. “Escute”, digo, “nem eu mesma sei. Não estou numa das minhas melhores fases, podemos deixar para lá? Gabriel não me

importa nem um pouco, eu queria apenas tomar distância daquela turma de idiotas", e acrescento, para ela não ficar ofendida, "você não tem nada a ver, claro. Agora estou assim, depois passa, não é uma coisa pessoal". Ela fica mais tranquila, e de fato recomeçamos a fazer os exercícios e por um instante quase me parece que tudo voltou ao normal, como dois anos atrás, quando éramos amigas e não tínhamos uma só preocupação no mundo. Mas a certa altura ela se detém, me encara longamente e depois, com expressão séria, diz: "E Giovanni?" Pronto, agora sei qual é o assunto que de fato lhe interessa. Compreendi por aquele olhar pensativo. Nem preciso

responder, porque ela faz tudo sozinha. Confessa que naquela noite, quando me viu beijando-o no sofá do Mouse, achou que eu ficaria com ele. Agora que sei que ela não está nem aí quanto a mim e Gabriel, me sinto aliviada, e de bom grado lhe explico que Giovanni é só um escroto e que comigo o assunto está encerrado. Eu estava de pileque, explico, provavelmente teria beijado qualquer um. Ela relaxa. "Mas não me diga que gosta daquele retardado", comento então, espantada. Ela enrubesce e me confessa que é louca por ele. Conta que no verão passado namoraram um mês, mas depois apareceu uma garota de fora, de férias, e os dois terminaram

porque ele transou com a outra. Diz que não me contou nada por causa da minha mãe: não podia me incomodar naquele momento com seus problemas bobos. Mas eu sei por que ela não me disse, e agora sei também por que saía com ele no verão passado sem me falar. Que covarde, penso, só por medo de que Giovanni pudesse estar interessado em mim. No fundo, porém, fico até contente, agora sei por que ela veio. Ao menos não vai continuar a me encher com aquele papo sobre Gabriel. Deixo-a contar até o fim, e a única coisa de que me dou conta é que, de mim e do motivo que me fez mudar de mesa, ela não quer nem saber. Melhor assim, digo a mim

mesma, será mais fácil se lixar para valer quando estiver ainda pior do que agora por causa daquele canalha. Conclui dizendo que, desde quando romperam, não se falaram mais, e isso a deixa péssima. Segundo ela, Giovanni tem uma queda por mim e provavelmente não encarou bem o fato de eu tê-lo rejeitado. Escuto-a sem falar nada, embora seja fortíssima a tentação de dizer que provavelmente ela tem razão, e por fim a tranquilizo e repito que ele não me atrai nem um pouco, e que portanto ela pode arquivar definitivamente a ceninha de nós dois no sofá do Mouse.

Quando terminamos os exercícios, já é tarde. Antes de ir embora, Sonia se despede da vovó na cozinha e depois, na porta, me cochicha: “Como está ela?” Como se minha avó tivesse perdido a filha e eu, apenas o gato. Nem mesmo o meu futuro pedreiro seria tão insensível. “Uma merda”, respondo friamente, e corto o papo porque já compreendi que ela veio me ver só por interesse, e pode até se poupar de todo o resto da encenação. Fecho a porta, dou um suspiro de alívio e volto para o meu quarto.

Finalmente, em Zerolândia acendem-se as luzes da noite: e são apenas estrelas.

AQUELA VEZ EM QUE TE DEI BANHO

Eu tinha voltado da piscina e encontrado a casa mergulhada na escuridão, exceto por um fio sutil de luz

que se filtrava por baixo da porta do banheiro. Repentinamente alarmada por todo aquele breu, falei “mamãe” em voz alta e me aproximei da porta. “Estou tomando banho, sua avó saiu”, você respondeu. Aliviada por ouvir sua voz, perguntei se estava tudo bem. Você disse que sim e, um instante depois, pediu que eu a ajudasse a lavar as costas. Já fazia vários anos que a intimidade entre nós se interrompera, e nenhuma das duas entrava no banheiro quando a outra estava lá dentro. Assim, entrei hesitante. Vi você dentro da banheira cheia d’água, os joelhos encostados ao queixo, os cabelos úmidos. Você se virou e me agradeceu com a voz meio cansada,

estendendo-me a esponja. Arregacei as mangas do moletom e peguei-a. Você estava muito magra e dava para contar suas vértebras. O pescoço era fino, e sobre a nuca os cabelos molhados formavam curtas linhas escuras. De repente, achei-a superfrágil. Fiz tudo com o máximo capricho. Depois das costas, lavei também seus cabelos, procurando, como você fazia comigo quando eu era pequena, não deixar cair água nos seus olhos. Enquanto a lavava, pensei que aquele não era mais o corpo que eu conhecia. Relembrei a cirurgia, as contínuas consultas, os exames, os tratamentos, os médicos e as enfermeiras que a tinham visto, aquele corpo que

parecia ter encolhido, como que para se defender e pedir delicadeza. Levantei você devagar e a envolvi no roupão que eu tinha colocado em cima do aquecedor. Recordo que, a cada vez que eu acabava de fazer alguma coisa — lavá-la, enxugá-la, penteá-la —, você me dizia "obrigada, Alessandra" com um sorriso, como se quisesse me liberar, mas eu continuava, como se estivesse convencida de poder dividir com você a minha força, como se minhas mãos pudessem lhe restituir alguma coisa, voltar atrás no tempo, cancelando, junto com a doença, aquela horrível cicatriz que ia de suas costas até o abdome. Eu não conseguia parar de fazer coisas para

você. Eu tinha encontrado minha terapia, tinha sentido o meu amor.

Primeiro de dezembro

Entro na sala de aula e encontro Gabriel já sentado. Surpreendendo-me totalmente, ele me cumprimenta e desloca seu bloco a fim de abrir espaço para as minhas coisas. Respondo ao

cumprimento, tiro a jaqueta, sento-me e, só para fazer algo, abro a agenda. Enquanto folheio distraída as páginas, ele se vira para mim e apoia uma das mãos no espaldar da minha cadeira. De repente esse gesto me deixa envergonhada, porque tenho certeza de que todos já estão nos observando. “Como vai?”, ele pergunta baixinho. “Bem”, respondo, e em seguida, olhando ao redor para ver se alguém está nos espiando, acrescento, de um só fôlego: “Todos acham que estamos juntos.” Eu não queria que a frase saísse assim, naquele tom meio irritado, mas agora já falei. De repente ele solta o espaldar e apoia as duas mãos na borda da mesa,

como se quisesse empurrá-la para se levantar. “E daí?”, me diz em tom gélido, virando-se para me encarar. “Falei só por falar, para você ficar sabendo”, respondo, fingindo ler. “Ora, estou cagando para o que esses escrotos pensam. Por quê? Isso te incomoda?”, pergunta, agressivo. “A mim? E por que deveria?”, contesto em tom de desafio, voltando-me para ele a fim de olhá-lo direto nos olhos, e lhe recordo, irritada: “Se me incomodasse, eu não iria comer pizza com você.” Levantei demais a voz e nesse preciso instante percebo que temos os olhos de todos grudados em nós. Sonia é a única que tenta bancar a indiferente, talvez em sinal de amizade

depois da reaproximação de ontem. Gabriel se entoca de imediato em seu silêncio de chumbo e começa a desenhar, lixando-se para todos, para mim inclusive. Por sorte, entra a professora de italiano, a aula começa e os olhares que antes estavam sobre nós se deslocam lá para a frente. Enquanto a professora escreve no quadro, com o rabo do olho vejo Gabriel se inclinar para mim. “Quer matar aula comigo, amanhã?”, sussurra, sem tirar o olho da professora. Enrubesço na mesma hora, e me alegro porque ele não está me vendo. Pois é, por essa eu não esperava. E eu achando que ele estava aborrecido. E agora? Respondo “sim” bem baixinho,

sem sequer saber se é isso que eu quero mesmo.

Quando você se apaixonou

Uma vez minha mãe se apaixonou para valer. Foi muitos anos depois do meu pai, depois que ela digeriu aquele

caso intenso e doloroso do qual eu tinha sido o fruto e sobre o qual não sei praticamente nada. Claro, depois dessa relação houve outras, mas nenhuma tão importante quanto a que ela teve com Alberto.

Ele era advogado e, além de ser inteligente, era também divertido e, sobretudo, fascinante. Um daqueles tipos que têm explicação para tudo, que sabem o que é o Dow Jones, que surpreendem você respondendo a todas as perguntas do seu livro de história, que sabem como agir em cada coisa que fazem e nunca passam despercebidos. No começo foi uma coisa arrebatadora para os dois, parecia que eles tinham

encontrado a metade da qual haviam sido separados no nascimento. Eu jamais tinha visto minha mãe tão feliz, tão segura de si. Quando não estavam juntos, passavam horas ao telefone, trocavam mensagens, eram oxigênio puro, era o amor, em suma.

No entanto, havia alguma coisa que não batia, e penso que a vovó também pensava um pouco como eu: de fato, sempre se mostrou educada com ele, mas nunca lhe deu confiança; ficou, por assim dizer, observando, talvez preocupada com o que sua filha pudesse sofrer de novo pelo homem errado. Quanto a mim, é difícil dizer o que não me convencia nele — eu ainda era

menina, frequentava o ensino fundamental —, mas não conseguia vê-lo como um adulto de verdade e muito menos como os pais das minhas amigas, embora ele tivesse mais ou menos a idade deles. Ao relembrar agora, acho que o compararia a alguém da minha turma de escola, só que com o dobro da idade e muito mais dinheiro.

Quando, depois de pouco mais de um ano, ele começou a dar sinais de impaciência, e aquilo que deveria ser o amor com maiúscula se consumiu até se tornar a lembrança do que havia sido, foi o inferno. Com maiúscula. Eles terminavam e recomeçavam, e a essa gangorra emocional minha mãe

sacrificou sua parte mais autêntica, aquele contentamento, aquela alegria de viver que sempre havia sido sua qualidade mais bonita. Quando reatavam, ela ficava cheia de vida e de entusiasmo; quando ele a deixava, ela se tornava irreconhecível. Isso atingiu até seu emprego de secretária numa clínica dentária, o único que ela havia conseguido depois de muitas breves substituições nessa ou naquela escola, quando a esperança de se tornar professora efetiva já havia naufragado. Várias vezes chegou atrasada ao trabalho e fez confusão com uns fornecimentos que deveria acompanhar, e por isso os donos da clínica

mandaram-na embora. Por um período que me pareceu interminável, ela fez um monte de trabalhos muito mal remunerados. Se não tivéssemos um teto e a vovó que nos ajudava, a coisa teria ficado realmente feia. Foi naquele momento que comecei a odiar ferozmente os dois, ele — agora sei — por ter se revelado um narciso banal, com um talento inato para o egoísmo, mas sobretudo ela, por ter se mostrado tão fraca, tão pouco esperta que em certos momentos eu me dizia que era isso mesmo, que ela merecia sofrer.

Minha avó, que até aquele momento ficara só observando, a certa altura resolveu enfrentar o problema. Recordo

que um dia, ao voltar da escola, ouvi as duas discutindo. Não perceberam que eu havia chegado, e então me aproximei devagarzinho da porta da sala, para escutar. A vovó estava dizendo que ela devia refletir; o tom era firme, quase duro, e mesmo estando no corredor e não podendo ver, eu a imaginava, braços cruzados sobre o peito, de pé junto à porta-balcão da sala, o olhar dirigido lá para fora, a memória numa cena de muitos anos antes, que devia lhe parecer a mesma. Minha mãe repetia "não se meta nisso" com a mesma dureza, e achei que de um momento para outro uma das duas ia começar a gritar. Quando a certa altura minha avó,

exasperada por aquela ladainha obsessiva, disse, levantando a voz: “Pare de bancar a ridícula, você tem uma filha perfeitamente capaz de entender tudo”, pronto, foi o estopim. “O problema não é Alessandra, mas você!”, respondeu minha mãe, aos berros. “Você sempre me julgou, tanto naquela época quanto agora!”, e nessa frase estavam todas as feridas do passado, aquelas que o tempo não cicatrizara e que eu podia apenas intuir. Eu nunca as ouvira brigar assim e não aguentei. Depois de alguns instantes, retrocedi e, batendo deliberadamente a porta da casa, dei fim àquela discussão inútil.

A relação entre Alberto e minha mãe não durou muito mais e chegou ao fim da linha quando ele lhe anunciou que tinha outra. Quando ela nos contou, eu e a vovó trocamos uma rápida olhada, temendo o pior. Ainda me lembro, era um almoço de domingo, e ela pronunciou aquelas palavras como uma sentença de morte, algo inelutável, o ponto de não retorno.

Por sorte, naquele período havia arrumado trabalho como corretora de imóveis, e ficar fora o dia inteiro, percorrendo a cidade de alto a baixo, mostrando casas a jovens casais enamorados ou a solteiros empenhados na carreira profissional, era algo que a

distraía. Finalmente, aquele emprego lhe agradava de fato, ela gostava das casas que vendia, mas ficava impressionada demais tanto pela felicidade de uns, quanto pela solidão dos outros, na qual no fundo se reconhecia. Conosco, trocava no máximo algumas palavras, e para falar a verdade eu temia que ela pudesse fazer alguma besteira. Durante algum tempo não quis ver nem mesmo Angela e Claudia, mas vovó tratava de contar tudo a elas, quando telefonavam.

Eu, do meu canto, continuava a pensar que ela havia procurado aquilo, a culpá-la por tudo, mas no fundo sabia que não era verdade, que não se pode decidir quando parar de amar alguém,

nem por quem se apaixonar. Estava só preocupada, e com minha atitude esperava levá-la a escapar daquilo que me parecia um sofrimento inútil. Quando, por fim, numa noite de sábado, ela se arrumou e saiu sozinha para ir dançar, pensei coisas horríveis: que ela era superficial, que só conseguia arranjar confusão e não cresceria nunca. Mas a verdade era outra: seu sofrimento me era insuportável. Vê-la assim me lançava no desconforto, me tornava vulnerável, como se alguém tivesse soprado com força sobre a casinhola que me protegera até então, fazendo-me compreender quanto minha mãe era frágil. Eu a queria forte, à altura das

situações, uma daquelas pessoas que, aconteça o que acontecer, permanecem sempre de pé. Queria uma mãe como as das minhas colegas de turma, bem-cuidadas, serenas em sua vida doméstica, de algum modo realizadas, completas. Seguras, mesmo que não fosse verdade, e não importava se eram quão hipócritas ou egoístas.

Minha mãe levou bastante tempo para superar aquela relação, ou talvez não a tenha superado nunca. Numa manhã de domingo em que estávamos tomando o café da manhã no bar da praça, ao vê-la particularmente alegre perguntei-lhe se ainda pensava em Alberto. Ela me encarou e me dirigiu um

dos seus sorrisos incríveis. “Sempre”, murmurou, e depois se debruçou para mim a fim de me fazer uma carícia. “Você ainda é apaixonada por ele?”, perguntei, preocupada. “Não, não mais”, disse ela sem me olhar, e o assunto acabou ali. Sei que ela estava dizendo a verdade, mas o que me doeu foi a tristeza do seu olhar. Naquele momento me senti culpada por certas coisas que tinha dito, que deixara escapar como uma menininha boba. Olhei-a e pela primeira vez me dei conta do quanto ela devia ter se sentido sozinha e de como provavelmente continuava a se sentir assim. Mas ela era tão jovem, pensei,

tinha todo o tempo para se apaixonar de novo.

2 DE DEZEMBRO

O que estou fazendo às oito e meia da manhã em frente ao mar, sob um céu de chumbo, com um cara que mal conheço e que há anos ninguém chama pelo verdadeiro nome? Talvez, como

dizem todos, ele seja mesmo meio delinquente, embora, pensando bem, se fosse assim não teria me ajudado naquela noite no Mouse. Um cafajeste não se dá o trabalho de levar você para uma volta na praia e depois a acompanha até sua casa, quando você melhora. Um cafajeste faria como Giovanni, teria me largado ali. Mas não me sinto à vontade e não acho nada para dizer. Realmente fiz uma besteira, contando-lhe o que os colegas de turma falam de nós. Talvez ele tenha cismado que eu o quero. Talvez seja isso mesmo. Em que você pensa, Zero, enquanto caminhamos sem dizer uma palavra, você com seu cigarro, eu olhando ora o

céu, ora a ponta dos meus sapatos? Sinto um estranho formigamento no estômago, e não é porque não comi nada esta manhã, mas porque estou emocionada. Talvez seja melhor não falarmos: quando estou assim agitada, minha voz treme e eu sorrio como uma bobalhona para tentar disfarçar.

Na primeira vez que beijei um garoto, estava emocionadíssima e trêmula. Estou com frio, me lembro de ter dito a Francesco, pressionando o rosto no seu ombro, e ele me deu um abraço apertado, mas não adiantou nada, continuei a tremer do mesmo jeito. Por sorte, era inverno, e fazia tanto frio que não podia parecer mentira. Em

compensação, na primeira vez que fiz amor, eu tinha bebido um pouco e tudo correu melhor. Estávamos numa excursão a Roma e, no hotel onde nos hospedamos, conhecemos uns garotos de Florença. Gostei de Marco logo de cara, era bonito e me fazia rir. Minha primeira vez foi com ele, e fiquei contente por ter acontecido com alguém que não voltei a ver. Não foi tão bom assim, mas eu queria saber como era, todas as minhas amigas (quase todas) já tinham transado e, quando falavam disso, eu me sentia uma idiota. Marco foi gentil (bastante) e afetuoso, mas era um estranho, e enquanto o tocava e o abraçava eu também tinha a impressão de ser outra

pessoa, uma garota desconhecida que eu estava observando. Na manhã seguinte, quando partimos de volta, ele me mandou um monte de torpedos babacas e, quando cheguei em casa, me ligou dizendo que queria ir me encontrar. Eu disse que precisava estudar e desliguei. Ele me enviou outros torpedos, mas não respondi.

Gabriel acabou de fumar. Acompanho a curva da guimba que cai no chão: se ele tentar alguma coisa agora, o que é que eu faço?

Mas ele não faz absolutamente nada, fica em silêncio. Então eu também não falo, me sintonizo no Canal Zero. No

fundo somos Zero e Zeta, como Diabolik e Eva Kant.[5] Palavras? Que desperdício.

A certa altura, enquanto caminhamos, ele me pergunta se quero um fumo. Quando me vê arregalar os olhos, começa a rir e puxa do bolso da jaqueta um maço normalíssimo de cigarros. Acende um (de novo, mas quanto fuma, afinal?) e ri. Está aqui, diante de mim, com aquele sorriso divertido estampado no rosto e o sol que, surgido de repente de uma larga nuvem cinza, ilumina seus olhos.

É bonito quando sorri. Agora consigo vê-las, todas as garotas que ele teve. Seguramente, com mais palavras do que eu, palavras meio bobas ou talvez não,

mas palavras verdadeiras, e não esse silêncio ao qual me obrigo por orgulho e por medo, para tentar me assemelhar a alguém que não existe.

Depois de um tempinho, nos sentamos no chão, ele fuma e eu olho o mar.

Eu queria saber tudo, as coisas certas a fazer, a dizer. Queria que não fosse tão difícil ter vontade de errar. Não consigo me concentrar no que tenho à minha frente, nas ondas fustigadas pelo vento, na espuma branca que sobe e desce sobre esse mar cinzento. Volto-me e o vejo dar uma tragada. Ele também se volta e dessa vez nos olhamos sem rir, nos encaramos para compreender se

ainda não estamos arrependidos de ficar juntos aqui, e não na escola, arrependidos de todo esse silêncio. Ele joga a guimba na água e se volta de novo para me olhar.

O que você vê realmente em mim? Eu agora estou bem, e você?

Levanto a gola da jaqueta e me aninho toda no seu lado. Gabriel com seu braço me envolve os ombros, depois se inclina sobre mim e pergunta se estou com frio. Eu nego com a cabeça. Estou bem, me sinto em segurança, agora, mas isso eu não lhe digo. Ele não tenta me beijar, me mantém abraçada e pronto.

Agora o mar está lindíssimo, e eu adoro esse céu de chumbo.

É Gabriel quem começa a falar. Conta que ele e um amigo foram à Grécia no verão passado. Diz que, lá, o azul do mar é de enlouquecer. Sorrio quando ele pronuncia essa palavra, porque parece quase um menino que acabou de descer do carrossel. Diz que, quando terminar a escola, quer voltar lá, mesmo sozinho, não lhe importa. Eu digo que nunca estive na Grécia e que gostaria muito de ir. Terminada a frase, espero que me faça um convite, mas ele não diz nada, está perdido nos seus pensamentos, está dentro do azul do seu mar e não precisa de ninguém. É essa a sensação que Gabriel dá: ele é alguém que não precisa de nada. Inclusive

quando estávamos na pizzaria, tive a mesma sensação: se eu não estivesse ali, não faria diferença.

Mas minha mãe tinha ido à Grécia, quando ainda estudava na universidade. Quando falava daquele mar, seus olhos também se iluminavam. Ela o chamava o mar dos deuses porque, me disse uma vez, é impossível não pensar em algo de eterno quando ele cintila sob o sol. E disse igualmente que era o mar mais azul que tinha visto.

Fito as ondas diante de mim e imagino minha mãe na margem de um mar longínquo. Recolhe conchas brancas como sal. A admiração por aquelas maravilhas é o que não a deixa voltar

para mim. Como a bruxa que penteou Gerda[6] com o pente mágico e a fez adormecer, mergulhando-a no esquecimento.

A certa altura, um trovão quebra o silêncio. Ambos erguemos os olhos para o céu, que nesse meio-tempo, às nossas costas, se tornou ainda mais ameaçador e escuro. "Talvez seja melhor a gente ir embora", diz Gabriel baixinho. De má vontade, eu me solto do abraço e nos levantamos. Agora o vento me joga os cabelos no rosto. Pego um elástico no bolso dos jeans e, enquanto os recolho para prendê-los, Gabriel me puxa para si e me beija. É um beijo suave e, quando nos separamos, tenho a sensação

de que durou muito tempo. “Se ficarmos aqui, vamos tomar uma chuvarada”, digo, para dissipar o embaraço. “Se você quiser, podemos ir para a casa de Petrit, o meu amigo. Ele agora está no trabalho”, me diz Gabriel, e afasta os cabelos do meu rosto. Não respondo logo, e acho que está escrito na minha cara que a ideia não me entusiasma. “Calma”, diz ele em tom divertido, “não vou pular em cima de você”. Fico vermelha até a raiz dos cabelos e digo que tudo bem, embora esteja convencida do contrário. Ele me dá mais um beijo e vamos pegar as motonetas.

O apartamento em questão fica num prediozinho anos 1960, na mais distante

periferia da cidade. Uma daquelas construções nem velhas nem novas às quais, se for até lá numa tarde de domingo, você se arrisca a morrer de tristeza. Em alguns pontos a pintura sumiu das paredes e embaixo das sacadas se veem os vergalhões. Por fora, é realmente feio, mas quando entramos dou um suspiro de alívio, porque, ao contrário, o apartamento é luminoso e arrumado e percebe-se que alguém deu um trato nele recentemente, ainda se sente o cheiro de tinta fresca e as paredes são branquíssimas. A decoração é feita de pouquíssimos móveis, todos de estilo variado: o efeito é o de uma casa de onde alguém acaba

de se mudar, deixando para trás as poucas peças que não valiam nada.

Enquanto me mostra seu quarto, Gabriel me explica que atualmente fica sempre aqui, indo pouquíssimo à sua casa, porque não se entende com o pai. Quando pergunto por quê, sequer me responde. Nesse exato instante me lembro de sua mãe no dia do encontro entre pais e mestres, e não insisto porque, pelo jeito como ele encerrou a história do pai, este não me parece um dos seus assuntos preferidos.

Seu quarto é de fato simples, e dizer que é mobiliado não é exatamente correto. A cama é formada por dois colchões um em cima do outro e

apoiados diretamente no chão, sem estrado. Junto da cama há um criado-mudo que na realidade é uma mesinha de centro, larga e redonda. Num lado do quarto há um banco comprido e baixo, sobre o qual se amontoam umas roupas. O piso é recoberto por um grande tapete de tons rosa e verde, e atrás da cama há pilhas e pilhas de revistinhas. Constrangida, resolvo me sentar sobre o tapete sem tirar a jaqueta. Finjo observar ao redor para evitar encontrar o olhar dele, e enquanto isso penso que acompanhá-lo até ali não foi uma grande ideia. Vejo-o despir a jaqueta e jogar os cigarros sobre a cama, depois pega alguma coisa na prateleira mais baixa da

mesinha e me pergunta se sei jogar baralho. Olho para ele, surpresa e ao mesmo tempo aliviada. “Eu me viro”, respondo com um sorriso divertido. Óbvio que estou mentindo, mas não me importa. “Sete e meio?” “Ok”, digo, e também tiro a jaqueta. Começamos a jogar. Enquanto isso, faço algumas perguntas sobre a casa e sobre Petrit, e descubro que os dois trabalharam juntos em um canteiro de obras no verão passado, pouco antes de Gabriel partir para a Grécia. Ele fala de Petrit como de um grande amigo, ou melhor, como de um pai. Eu queria perguntar de novo por que não se dá com o dele, mas deixo para lá. Ele não me faz nenhuma

pergunta e parece concentrado apenas nas cartas, como se eu tivesse me transformado de repente num dos amigos do bar. O beijo, o passeio na praia: já desaparecidos.

Em pouco tempo ele percebe que eu e as cartas não nos entendemos. Mais de uma vez me critica, divertido pelos meus erros grosseiros. Gosto de olhá-lo quando ri, seu rosto muda, como o de minha mãe, que quando ria parecia outra pessoa. Quando o vejo embaralhar as cartas pela enésima vez, começo a protestar: cansei, digo, mas ele não me dá ouvidos e continua. O gelo já se quebrou, o clima está mais relaxado e tenho vontade de beijá-lo de novo. Mas

só beijar. Ele passa o maço de cartas de uma mão para outra, só para me deixar nervosa, e enquanto isso ri. “Bom, vamos mudar de jogo, por favor”, sugiro, exausta, e proponho uma escopa.[7] Logo me arrependo, pensando na alusão banal. Um babaca se aproveitaria para uma piadinha igualmente banal. Gabriel, não. Sorri, mas só porque, diz, é um jogo difícil. “Você não sabe jogar sete e meio, imagine escopa”, comenta, balançando a cabeça. Finjo ter me ofendido e insisto, quero jogar. Ele distribui as cartas e começamos. A cada rodada, o maço dele vai crescendo, enquanto o meu permanece parado em poucas cartas

sortudas. Perco todas as partidas e em menos de meia hora ele me pergunta se ainda estou convencida de saber jogar. Eu me rendo bufando, depois arranco as cartas de suas mãos e jogo-as em cima dele, rindo. Ele se debruça para mim e me segura os braços, atraindo-me para si. Desabamos no tapete e começamos uma luta de beijos e carícias. De repente cai um silêncio, e só se escutam as respirações e o roçar das roupas sob nossas mãos.

Quando nos separamos, estou com o sutiã solto, a camiseta levantada e o moletom embolado sob o pescoço. Gabriel, por sua vez, tirou o suéter e ficou de camiseta. Sento-me, antes que

tudo se precipite. Estico o moletom e depois me volto para ele. Ainda está deitado, um braço sob a cabeça, e me olha, esperando que eu diga o que quero fazer, com uma cara de quem diz "para mim, tanto faz". Não sei o que falar, mas está claro que não quero continuar ali, com ele em cima de mim. Não sei o que me deu, mas de repente acho tudo errado: o passeio à beira-mar, esta casa, mas sobretudo Gabriel, que agora me parece mais estranho do que antes. O silêncio é embaraçoso, mas só para mim, que tenho vontade de me levantar e ir embora. Para ele, tenho certeza, dá no mesmo. Vê-se que não é um cara de explicações, um cara que corre atrás de

você e insiste. Finjo olhar ao redor, mas não encontro nada para olhar. Instintivamente, estendo a mão para uma das pilhas de revistinhas e pego uma. "Você só lê esse troço?", pergunto, virando distraidamente as páginas. "Troço?", repete ele, indignado, depois se levanta e arranca a revista das minhas mãos. "Esse troço é três mil vezes melhor do que as besteiradas que ouvimos na escola. Isso, sim, é gente de talento, mas talento de verdade, nada a ver com aqueles quatro fodidos que nos dão aula." É a primeira vez que o escuto falar de modo tão apaixonado, defender alguma coisa com energia. Nunca o vi reagir assim, nem mesmo quando na

escola os professores o tratavam mal e depois algum de nós começava a rir, com aquela alegria violenta que esconde a ofensa. “Você gostaria que algum dia alguém publicasse seus desenhos?”, pergunto, contente por aquela reação insólita. “Não sou tão competente assim”, retruca, pegando o suéter e vestindo-o. “Quem foi que disse?”, insisto. “Eu estou dizendo”, responde, categórico. “E o que você sabe disso?”, teimo. “Qualquer um sabe se é competente ou não, são coisas que a gente sabe.” “Para mim, você é competente”, digo, tentando parecer convincente. “Ora, mas se você nem viu meus desenhos”, rebate, divertido.

“Claro que vi, aqueles que você levou para o professor na escola.” “Aquilo não é desenhar”, esquiva-se, “os desenhos de verdade são outra coisa. Aqueles que levei para a escola, até você poderia fazer”. Caio na risada. “Eu? Se eu soubesse desenhar assim, estaria no sétimo céu. Pelo menos, teria certeza de saber fazer alguma coisa na vida.” Ele me interrompe, jogando-me o maço de cigarros. “Pare com isso”, diz com um sorriso, “você fala um monte de bobagens”, e depois acrescenta, baixinho, “e nem mesmo sabe o que quer”. Finjo não ter escutado e continuo num terreno mais seguro. “Seja como for, eu acho que você é de fato

competente, e afinal o professor também disse.” “Então, se Greci disse, estou feito”, comenta, sarcástico. “Por quê?”, pergunto, decepcionada. “É um fodido”, responde, e acrescenta, “ninguém dá a mínima para aquele lá”. “E o que isso tem a ver? E também ele é o único que sempre te defende”, recordo-lhe, irritada. “É um perdedor”, murmura, quase de si para si, sublinhando a frase com uma expressão amarga. “Ora, por quê? E nós, você acha que estamos em melhor situação? É que, dos bancos de escola e com a metade da idade, o efeito é outro”, digo, gélida, espantada pela minha rapidez, “e também eu não acho Greci um fodido, é só um cara sério

demais num trabalho de palhaços". De repente me sinto decepcionada pelas coisas que ele disse do professor. Que miserável, penso, e me levanto sem dizer nada.

Ele se levanta junto comigo, pega a jaqueta e veste. "Está com fome?", pergunta. "Vamos comer alguma coisa", e acrescenta com um sorrisinho irônico: "A gente sempre tem fome depois, não?" Ergo a vista e o fulmino com os olhos. Que babaca, penso, mas ele me dá um soquinho no braço, de leve, e sorri. "Ora, eu estava brincando. Você não deve ficar puta com qualquer besteira, isso te faz mal." "Veja só quem fala", rebato, e taco-lhe uma cotovelada. Visto

a jaqueta e finjo amarrar a cara. Quando acabo de fechar até o último botão, ele me pega suavemente pelo braço e me empurra para fora do quarto. No corredor, me puxa para si e me dá um beijo, talvez uma tentativa desajeitada de consertar a péssima piadinha.

Rodamos bastante até encontrar um lugar que ele aprove. Segundo ele, todos os bares da cidade são administrados por canalhas e frequentados por uma gente de merda, cheia da grana. Deixo-o decidir e me faço guiar por todas as ruas que ele conhece. Na contramão e em áreas de pedestres, avançamos como se fosse noite alta e não houvesse ninguém circulando. Infringimos todas as regras

de trânsito, algumas vezes provocando violentas buzinadas. Por fim, paramos num dos quiosques ao longo da rodovia estatal. Gabriel conhece o proprietário e, mal chegamos, os dois começam logo a conversar. O sujeito me lança umas olhadelas, depois baixa a voz e diz algo a Gabriel, que balança a cabeça algumas vezes; escuto claramente as palavras "é só uma colega de escola" e mais nada. Quando acabamos de comer os megassanduíches que o cara nos preparou, consulto o relógio. É quase meio-dia e já me cansei de ficar naquele quiosque, com Gabriel ali, numa cadeira branca de plástico, olhando os carros passarem e sem me dirigir a palavra.

Quando tento fazer alguma pergunta, me responde por monossílabos e parece concentrar sua atenção na estrada. Pronto, penso, o encantamento acabou, Caravaggio voltou a ser uma abóbora e eu, a garota invisível. “Vou embora, estou de saco cheio de ficar aqui”, digo a certa altura, em tom grosseiro, e, sem esperar resposta, me dirijo para a motoneta. “Ok”, escuto-o dizer, “cuide-se”, e me sinto meio mal porque ele não faz absolutamente nada para me deter. Enquanto subo na motoneta, ele me fita por alguns instantes e depois volta a olhar a estrada. Cuide-se você também, penso, e ligo o motor, mais confusa do que antes e ressentida. Sinto-me um

tanto culpada por largá-lo ali assim, mas afinal o que eu deveria fazer com um cara que depois de um tempinho nem sequer me enxerga?

Antes de seguir para casa, dou mais uma volta à beira-mar e me esforço por dar um sentido àquelas últimas horas. Durante dias e dias não acontece nada e depois, de repente, me vejo espairecendo com um cara que nem sei quem é, e, como se não bastasse, até nos beijamos. Se recapitulo todas as etapas dessa história, tudo me parece uma grande trapalhada e nada mais. Mas se eu não o tivesse beijado teria sido melhor, pelo menos agora não me sentiria tão confusa. Não entendo mais

nada, sério. É tão difícil juntar tudo, as sensações e o que a gente supõe ter compreendido sobre as pessoas... Já não sei o que pensar, nem do que preciso. Nisso, pelo menos nisso, Gabriel tem razão.

Quando chego em casa, o almoço já está pronto. Sento-me à mesa, embora não tenha fome. A televisão está ligada e quebra o silêncio opressivo que sempre desce quando começamos a comer. A vovó me pergunta sempre as mesmas coisas: como fui na escola, se me fizeram perguntas, se tenho muitos deveres de casa. E eu respondo as coisas costumeiras, todo dia. Parecemos um disco arranhado. Hoje, porém, me

sinto também um tanto culpada. Hoje sinto falta de você. Por sorte, às duas horas chega Rosa. Com ela posso relaxar, me mostrar de mau humor: mesmo que eu fingisse o contrário, ela perceberia logo. Ela sabe quanto é difícil. Compreendo isso pelo jeito como me olha, como toca as coisas quando entra no seu quarto, mãe. É delicada e forte ao mesmo tempo.

Entre um prato e outro, só se escuta o ruído dos talheres contra a louça. Em certos momentos, creio que poderia começar a berrar, assim, do nada. Chamar você aos gritos, quando estamos à mesa, como você fazia, quando estava tudo pronto e eu ficava no computador e

não vinha nunca. Recordo a cena daquele filme, *Quando o amor é cruel*, na hora em que o menino acabou de tomar banho e chama "mamãe" como havia feito sei lá quantas vezes, e depois aquele grito lhe morre na garganta porque sua mãe morreu. Coisas assim podem acontecer, mas eu agora não faria isso por engano, e sim porque não tolero esse silêncio irreal que torna sua ausência ainda mais insuportável.

Acabo de comer e vou imediatamente para o quarto, deixando minha avó sozinha na cozinha, arrumando as coisas. Ligo o computador e encontro Sonia no Messenger; ela me diz que falou com Giovanni e que está desesperada porque

ele não quer mais saber dela. Escreve substituindo quase todas as sílabas por aqueles *emoticons* imbecis, e o primeiro impulso que sinto é o de fechar tudo e ignorá-la. Em vez disso, quando ela me pergunta se pode vir à minha casa respondo que tudo bem, e depois me jogo na cama. Hoje eu aguento até Sonia, só para não ficar sozinha. Talvez também tenha sido por isso que estive com Gabriel essa manhã, para não ficar sozinha. Talvez. Também.

Fecho os olhos e relembro os beijos de algumas horas atrás, o corpo de Gabriel contra o meu, e me pergunto o que sinto, se tenho vontade de revê-lo. Nem trocamos os números dos

celulares, mau sinal. Que história de merda, que coisa de fodidos, penso. Se eu quisesse contá-la, não saberia o que dizer. Não tem um rumo, um sentido.

Sonia está com os olhos vermelhos e inchados. Espero que ninguém a tenha visto assim. Senta-se na cama e cai no choro. Funga com força algumas vezes e depois, quando começa a contar, é um rio de palavras. Giovanni não está mais com aquela outra, mas não tem nenhuma intenção de voltar para ela, assim lhe disse hoje de manhã. Confessou que não está apaixonado por ninguém (belo consolo) e que mesmo no verão passado, quando saíram juntos durante pouco tempo, nunca encarou como séria

a relação deles dois. Desde quando pararam de se encontrar, disse, não pensou mais nela. Que coisa, eu jamais esperaria essa sinceridade por parte de alguém como ele. Imaginava-o um cara que zomba da garota até a morte, e não alguém que fala claro. É terrível o que ele disse a Sonia, mas também tem algo de belo. Tento imaginar como deve tê-la olhado, o tom da voz. Gostaria de saber se disse aquilo de modo sério, como quem percebe que o outro não significa nada, porque naquele momento ninguém significa nada para ele, ou com a costumeira arrogância de quem sabe que pode ter todas as garotas que quiser. Provavelmente, a hipótese verdadeira é

a segunda, e eu estou apenas tentando atribuir a Giovanni uma profundidade que ele não tem.

Deixo Sonia chorar até a última lágrima e depois a aconselho a deixar para lá, senão vai adoecer, mas ela não responde, chora e ao mesmo tempo pensa em voz alta, só para si mesma, eu repentinamente transformada num espaço onde ela pode fazer isso em santa paz, no lugar mais conveniente: como é possível que ele agora não sinta mais nada por ela, se sentia até poucos meses atrás?, pergunta-se, entre um soluço e outro. É patético isso de ela não querer se render, de negar a evidência a todo custo, e por um instante

preciso me segurar para não perder a paciência. Dou um suspiro profundo e tento lhe sugerir, com tato, que Giovanni talvez não estivesse tão ligado nela assim. Não foi o que ele lhe disse? Mas talvez eu devesse convencê-la do contrário, dizer o que ela quer ouvir: foi para isso que veio, não? E, de fato, ela responde enfaticamente: "Não, tenho certeza, nesse verão ele estava muito a fim de mim, mas depois chegou aquela escrota..." Nada a fazer, é uma batalha perdida. Por fim, volto a lhe dizer que não se deixe abater e que olhe ao redor: talvez não encontre um melhor do que ele, mas outro canalha, sim. É só uma velha tirada, banal e previsível, mas

serve para Sonia parar de chorar. Depois fica mortalmente séria e me dirige justamente a última pergunta que eu queria ouvir. “Se ele te cantasse, você me diria, não?” A mirada daqueles olhões azuis líquidos é desesperada, mas, em vez de me dar pena, me dá só raiva, e, quando respondo, pulo literalmente da cama, irritada pela debilidade e pela hipocrisia que ela está demonstrando. “Foi por isso que você veio aqui? Para ter a porcaria de uma resposta?” Só quando me ouve levantar a voz é que ela se dá conta de ter exagerado, e então me abraça, “desculpe desculpe desculpe”, diz, e me taca um beijo na bochecha. “Tem razão, sou uma

babaca. Não sei o que deu em mim. Tem razão, essa história está me tirando do sério. Bom, vamos mudar de assunto: onde você esteve hoje de manhã?", pergunta, fingindo se recuperar. "Por aí", respondo em tom vago. "Sozinha?" "Sim", minto, e me envergonho imediatamente, mas não por ela, por Gabriel. Não é uma atitude leal. Aposto que, se contasse tudo, em dois segundos ela se esqueceria de Giovanni. "Zero também não foi à escola hoje", me informa, reclinando-se na cama. "Bom para ele", digo, com indiferença fingida, e enquanto isso estudo o rosto de Sonia para sacar se ela sabe alguma coisa e está me testando. Agora não confio mais,

sei lá o que elas conversaram naquela manhã, quando briguei com Silvia. Talvez alguém nos tenha visto juntos, e agora toda a escola sabe. De repente, aquilo que devia ser apenas uma idiotice a arquivar se transforma num problema que me aborrece demais. “Ele é mesmo um fodido”, diz Sonia. “Você já viu a mãe? Caramba, é supermaltratada, para mim é verdade que são acompanhados pelo serviço social. O pai é um alcoólatra, sabia?” Eu nem sequer respondo, concentrada como estou em analisar a hipótese de que alguém nos tenha visto e de que estamos prestes a nos tornar a grande notícia das fofocas escolares. Afinal, o que me deu na

cabeça para sair com ele? O que estou aprontando? Quase começo a rir, ao pensar que só um instante atrás considerei Sonia uma hipócrita. E eu? Por acaso não sou até pior?

Não consigo mais pensar com lucidez, só queria que Sonia parasse de falar, e em vez disso ela continua. "Seja como for", está dizendo, "você devia mudar de mesa, o que lhe deu para ir se sentar ao lado de um cara assim?" Pronto, na verdade a única coisa certa que ela disse, desde que começou a falar, é justamente essa. Amanhã mudo de mesa, penso, até porque para Gabriel tanto faz que eu esteja ali ou em outro lugar. Mas pagaria o maior mico e talvez

me sentisse pior. Não respondo e reconduzo a conversa para o assunto Giovanni, que me parece mais seguro, e ela morde a isca. Repete todas as coisas que já disse antes e eu fico ali, fingindo escutar.

Quando Sonia vai embora, uma hora mais tarde, me deito na cama e penso em Gabriel. Talvez seja melhor que eu não o veja mais fora da escola. Hoje, algumas coisas foram boas, mas ele é também uma pessoa difícil de entender, talvez demais para mim nesse momento. Enquanto isso, caiu a noite e me sinto mais calma. Depois de todo o tumulto das últimas horas, me surpreendo me perguntando se ele está pensando em

mim e sobretudo o que acha de mim. A verdade é que não nos conhecemos nem um pouco e que eu sou uma hipócrita. A verdade é que Gabriel foi gentil e que, no fundo, eu confio nele. Por sorte não tenho o número do seu celular, do contrário lhe mandaria agora uma mensagem. Que confusão, é tudo tão complicado. Ao diabo Sonia, a escola, Giovanni. Ao diabo todo mundo. Inclusive Gabriel.

---

5 Personagens da revista em quadrinhos *Diabolik*, criada em 1962 pelas irmãs Angela e Luciana Giussani e muito famosa na Itália. (N. T.)

6 Personagem de Hans Christian Andersen no conto "A rainha da neve". (N. T.)

7 Além de ser nome de um jogo de cartas, *scopa* (“vassoura”) também sugere *scopata* (“trepada”); daí a alusão a que a personagem se refere em seguida. (N. T.)

3 DE DEZEMBRO

Hoje cheguei à escola com meia hora de antecedência e em total paranoia. Desde o momento em que botei os pés na sala, não fiz outra coisa além de prestar atenção ao jeito como me

olhavam ou me cumprimentavam, como se o que é feito dos meus dias, quando não venho, de fato importasse a todos. Estão realmente alheios, agora percebo. Como era lógico pensar, não acontece nada. Tudo é tediosamente normal, e também quando Gabriel chega, quase não o olham. Enquanto ele se senta, finjo estar ocupada com os exercícios de matemática e mal nos falamos, exatamente como faríamos uma semana atrás. Percebo que exagerei tudo. A normalidade com que a manhã vai passando é um anestésico, e me dou conta, com amargura, de que sou mesmo uma bobalhona, uma paranoica. Gabriel não me diz nada e, durante o recreio, sai

para fumar, como sempre. Posso estar tranquila, ainda que, na realidade, não esteja nem um pouco. À luz de tudo o que NÃO está acontecendo, sinto uma decepção aguda. Então é assim, digo a mim mesma: ele tentou e, como as coisas não foram como queria, tudo continua como se nada tivesse acontecido. Mas então por que, naquela noite, fez questão de me ajudar, se depois não está nem aí para mim? E mais tarde, na pizzaria, se eu não lhe agradava, por que foi comigo? Afinal, o que é, ele tem pena de mim?

De repente todos os meus temores cedem lugar a uma raiva sutil, que mascaro fingindo acompanhar as aulas.

Acabou tudo, digo a mim mesma, mas nós tentamos. É a frase preferida de Claudia, aquela que eu a ouvi dizer um monte de vezes à minha mãe, sempre que esta lhe contava o fim de seu último namoro. Melhor assim, penso, no fundo era isso mesmo que eu queria, não? Boa, Gabriel, você leu meus pensamentos.

Quando termina o último tempo, ele apanha sua mochila no chão e vai embora. Dirige-me uma saudação quase sussurrada, fala tão baixinho que, em comparação, a queda de uma folha seca é um estrondo. Respondo com um "tchau" sussurrado, que com certeza ele não pode ouvir, e depois vou para casa, a fim de comemorar. Sinto-me contente

porque hoje virão Angela e Claudia, ao menos por algum tempo não vou pensar em toda essa história.

Quando chego, elas ainda não estão, então navego um pouco na internet e escuto o horóscopo de Paolo Fox: hoje vocês estarão mais nervosos do que o habitual, correm o risco de brigar com o parceiro. Que parceiro?, me pergunto.

Quem sabe o que seu horóscopo dizia no dia em que você morreu.

7 DE DEZEMBRO

Faz dois dias que Gabriel não vem à escola, e sinto certa falta dele. Hoje está chovendo, e eu o imagino deitado na cama, na casa de Petrit, lendo suas revistas em quadrinhos e fumando. Não

pensa em mim, e faz bem. Quando ele me disse que eu não sei o que quero, tinha razão. É isso que me confunde: saber que ele sabe sobre mim algo que eu não sei. Por isso me atrai. Pronto, falei. Eu não saberia dizer por quê, mas, quando está ao seu lado, a pessoa logo percebe que no fundo ele é alguém que compreende mais coisas do que ela própria. Qualquer coisa. Depois vêm suas tiradas contra todo mundo, os professores, a escola, os pais, mas todos nós implicamos com alguém.

Estou cansada e de péssimo humor, e ainda por cima, pela primeira vez na minha vida, não estudei. Que saco, ainda bem que amanhã é feriado.

12 DE DEZEMBRO

O que eu sempre temi está chegando: o Natal. Faltam menos de duas semanas e eu queria fugir, mas na realidade o motivo pelo qual estou preocupada é outro. A vovó não vem passando bem.

Um pouco de depressão, disse o médico, e acrescentou que ela precisa se distrair. Liguei logo para Claudia, que veio na mesma tarde. Talvez eu devesse ter avisado Angela também, mas Claudia é mais adequada para essas coisas: quando olha para você e diz que tudo vai dar certo, você acredita, e na maioria das vezes é o que acontece. Somente com mamãe isso não funcionou. Claudia me disse que a mãe dela estava de partida para as termas de Ischia, e se ofereceu para mandar também a vovó. Assim ela se distrai, disse. Pode ser, pensei, mas estava convencida de que a vovó jamais viajaria sem mim. Contudo, quando Claudia lhe perguntou ela

aceitou logo. Devia estar mesmo cansada, não é típico dela isso de se afastar de casa para sair de férias com uma desconhecida, sobretudo tão perto do Natal. Mas um sim é um sim, então eu e Claudia a ajudamos a fazer as malas e essa manhã ela partiu. Antes de entrar no carro, me beijou e me encarou com dois olhos brilhantes de dar medo, e por um instante tememos que ela mudasse de ideia. Em vez disso, agora estou sozinha em casa. Rosa prometeu à vovó que viria todos os dias, e acho isso bom.

Na escola, só se fala do vestibular e eu estou começando a pensar no depois, no que vou fazer, no que quero ser. Minha mãe sempre insistiu a favor da

universidade, dizia que era importante, mas, sem ela aqui, pensar no futuro se tornou mais difícil. Realmente não sei com quem falar, não sei o que quero fazer. Claro, já tínhamos conversado sobre isso, mas parecia que dispúnhamos de todo o tempo do mundo. Alguns meses antes de sua morte, ela me perguntou de novo e eu disse que gostaria de fazer matemática. Ela sorriu e disse: "Muito bem, você vai adorar. Sempre foi ótima em matemática." Parecia contente, mas também triste, porque sabia que não me veria formada na faculdade, e nem sequer diplomada na escola. Já dei uma olhada no programa, no site da universidade. Sim,

acho que farei matemática, quero manter minha palavra.

Meu querido gênio, por sua vez, me ignora mais do que antes. No último mês, deve ter vindo à escola no máximo uns dez dias, e todas as vezes que lhe perguntaram algo, ele não abriu a boca. Ontem não estava, e hoje também não apareceu. No terceiro tempo, Greci, quando faz a chamada e percebe que ele está ausente, pergunta se sabemos alguma coisa. Por um instante Sonia se volta para me olhar, e em seguida escuto suas risadinhas com Ilaria. Que escrotas. Agora são tipo Tico e Teco, mas sei que isso não vai durar muito. Ilaria até já foi minha amiga, mas é uma pessoa que tem

uma ideia flexível da amizade. É o tipo que escolhe as amigas como faz com as roupas, avaliando o momento e a circunstância. Mas é a garota mais bonita de toda a escola, e todos ficam ao seu redor. Se você precisar de uma oportunidade para ver alguém, com Ilaria vai conseguir, e Sonia só está procurando um jeito de poder falar de novo com Giovanni.

A pergunta de Greci fica sem resposta, e já que nesses dias estou sempre sozinha e não tenho nada para fazer, decido que à tarde posso brincar de detetive e ir procurá-lo. Tenho uma desculpa: ele é ou não é meu adorado companheiro de mesa? Talvez esteja

doente, ou talvez tenha resolvido desistir, tão perto do fim do curso. A primeira hipótese é a mais plausível. Se ele fosse desistir, teria feito isso muito antes, e também, quem sabe, talvez dê a esse diploma muito mais importância do que todos pensamos.

Quando a aula de Greci acaba, sigo-o no corredor e lhe digo que durante a tarde gostaria de ir procurar Gabriel. Por um instante o professor me encara, perplexo, como se minha iniciativa lhe parecesse perigosa, mas depois me pergunta apenas se eu sei onde ele mora. Estou para responder que sim, mas em seguida balanço a cabeça e finjo o contrário, esperando que ele me diga.

Toda a cena me deixa constrangida. Por fim, Greci me acompanha à secretaria, sem fazer outras perguntas. Talvez ele seja um fodido, mas não é um idiota. Ao seu pedido, a secretária abre um fichário de metal, tira uma pasta e escreve o endereço num papel. O professor me passa a folha — a mim, eles não dariam nunca — e só me pede que lhe informe alguma coisa, se Gabriel está doente ou se há outros problemas, e me encara como para se assegurar de que eu compreendi a quais problemas ele se refere. Não faço ideia, mas, quanto a mim, qualquer coisa que eu venha a descobrir certamente não me surpreenderá muito. Tomada pelo frenesi

da investigação, não vou logo à casa de Petrit: decido ir à dos pais de Gabriel.

Não demoro muito a encontrar o prediozinho onde vive sua família, embora sejam muitos e todos iguais. Tranquilizo-me ao descobrir que o bairro é menos degradado do que imaginei. Toco o interfone, ninguém atende, então aproveito que uma senhora está saindo, me meto na entrada e começo a subir a escada. No terceiro andar, leio o sobrenome na plaquinha ao lado de uma das portas que dão para o patamar. Hesito um instante e em seguida aperto a campainha. Dois tinidos longos e decididos. Um homem vem abrir, cabelos escuros, rosto

marcado por rugas profundas, expressão irritada. Quando estou para me apresentar, ouço uma voz proveniente lá de dentro, perguntando quem tocou. A voz da mulher, reconheço logo, é a da mãe. “Estou procurando Gabriel”, digo, constrangida sob o olhar do homem que está me examinando, “sou uma colega de escola”. O homem, ou melhor, o pai, responde prontamente, sarcástico: “E desde quando Gabriel tem colegas de escola?”, e enquanto ele diz isso a mãe de Gabriel se adianta, empurra-o para o lado e repete em tom ansioso: “Está procurando Gabriel? Você é colega dele?” Usa uma saia de lã xadrez e um suéter marrom com a gola gasta e puída.

Os cabelos estão recolhidos num coque, e ela tem olheiras profundas. O olhar é o mesmo daquele dia na escola, triste e preocupado. Explico que os professores me encarregaram de trazer para ele os deveres de casa. “Você é a namorada dele?”, pergunta de repente, esboçando um sorriso, enquanto lança uma olhadela ao marido como se lhe pedisse para não dizer nada, para ter paciência, para esperar. Fico tão vermelha que, por um instante, o homem sorri do meu embaraço, e em seguida, cortando o assunto, me anuncia que Gabriel foi embora, que na casa deles quem não faz nada tem que sair. Sua voz é rouca e, quando ele fala, parece um velho de 70

anos que passou a vida bebendo e fumando até as guimbas catadas no chão, e no entanto não deve ter mais de 50. Os olhos da mãe se enchem de lágrimas e, enquanto o homem a segura por um braço, ela me pede que, se encontrar Gabriel, diga que eles o amam muito. Fico ali na porta, olho aquela mulher que chora em silêncio e de repente sinto que também tenho vontade de chorar, mas não por ela. Por mim. "Gabriel já é maior de idade", continua o pai, levantando a voz, "ele pode fazer o que quiser, e, se não vai à escola, não é mais problema nosso". Mas eu já não o escuto, porque agora toda aquela tristeza me contagiou. Já não me importa saber

por que cheguei até ali, já não me importa nada de nada. Fito de novo a mulher, aquele seu olhar resignado, como por algo perdido, e sei que não é ela que me dá pena: não, sou eu. Não é sua solidão que me dá medo, mas a minha, e nos seus olhos vejo os meus nos momentos em que me sinto perdida. Balbucio alguma coisa e fujo pela escada. Subo na motoneta e tento retomar o controle da situação, engulo as lágrimas. Sinto-me terrivelmente sentimental, mas não posso fazer nada. Ligo o motor e parto. Já sei aonde devo ir, e, embora tenha dito a mim mesma um monte de vezes que não deveria, sinto

vontade de revê-lo. E também o professor me pediu, não?

Quando toco o interfone, é justamente Petrit quem atende e depois vem abrir a porta, e fico apatetada porque ele é o homem mais bonito que eu já vi. Estatura média, louro, olhos azul-celeste e um sorriso magnífico. Fala com forte sotaque, mas sua voz é gentil. Diz que Gabriel está no quarto dele e se afasta para me deixar passar. Agora que o vi, a casa me parece também mais acolhedora, menos anônima.

Gabriel está deitado na cama, no escuro. Quando entro, acende a luz da mesinha, reergue-se um pouquinho apoiando-se nos cotovelos, para me

olhar, e se deita de novo. “O que você veio fazer aqui?”, pergunta, impaciente. “Eu ia passando e quis ver se você estava”, digo, hesitante, “faz alguns dias que você não aparece na escola”. Ele se senta e me fita nos olhos, sério. “Não volto mais à escola.” Pronto, falou, e abre-se um vazio no meu estômago. Não encontro palavras para dizer nada, acabo de ouvir o que eu mais temia e, até esse momento, não sabia. “Agora a carteira é toda sua, não fica contente?” Não, de jeito nenhum, penso, e o encaro procurando algo que não soe bobo e infantil para dizer, mas ainda assim digo a coisa mais boba: “E o diploma?” Ele ergue os olhos para o céu e começa a rir,

como se aquilo fosse a coisa mais engraçada do mundo. “O que é que eu faço com o diploma?” “Não sei, talvez um dia você se canse de ser pedreiro e vá para a universidade”, respondo, tentando me sair com essa tirada. “Eu, para a universidade? Claro, como não...”, debocha, amargo. Encolho os ombros, já não sei onde me agarrar. “Achei que um cara capaz de desenhar como você poderia fazer a academia...” Falo isso baixinho, porque sei que ele agora vai se chatear para valer, e de fato me lança uma olhada indignada e começa a balançar a cabeça. “O desenho, mas claro, o desenho... E o que me importa? Para depois fazer o quê?

Para ficar desenhando todo santo dia, recebendo ordens de algum outro? Não, obrigado, não quero. Prefiro ficar ao ar livre, num canteiro de obras." "E o que faz você pensar que pode ser mais livre num canteiro de obras?", retruco. "Acha que lá não há ninguém disposto a lhe dar ordens?" "Não me importa, ao menos estou num espaço aberto, ao menos posso respirar. E, afinal, você não me respondeu: o que veio fazer aqui?" "Já lhe disse, eu ia passando e resolvi entrar." Não conto que procurei seus pais, tenho certeza de que ele viraria bicho, se soubesse. "Certo, como não", murmura de si para si, "sua casa é do outro lado da cidade, esse bairro fica

mesmo no seu caminho". Agora me envergonho um pouco, mas não ligo. "Se você quiser, posso ir embora", digo baixinho. Ele me fita nos olhos por alguns instantes, depois se afasta e me abre espaço na cama. "Venha cá", diz, dando um tapinha na colcha. Deixo a mochila deslizar dos meus ombros, tiro os tênis e me deito na cama ao lado dele. Mal fecho os olhos, escuto sua voz repetindo a pergunta: "O que você veio fazer?" "Eu queria te ver", digo num sussurro, "senti um pouco sua falta", e espero a reação. "O que houve, ninguém te emprestou a caneta?", diz, sem rir. Não respondo, em vez disso me viro para ele e o abraço. "Volte à escola",

peço, “vamos terminar o ano juntos”. Sinto seu peito se elevar numa risada leve. “E depois você vem trabalhar de pedreiro comigo?” “Se você voltar à escola, sim.” “Não, à escola eu não volto. Já me encheu o saco. Não serve para nada.” Serve para mim, eu queria dizer, mas não tenho coragem, e também me parece que fui longe demais. Para quem não queria mais vê-lo, estar aqui, em sua cama, é realmente uma grande reviravolta. “E que sentido faz, desistir agora?”, insisto, correndo o risco de enfurecê-lo. Ele se afasta um pouquinho, como para me ver melhor, e depois diz: “O que você me dá, se eu voltar?” E cai na risada. “Babaca”, respondo, mas

também rio. De repente ouvimos baterem à porta e nos sobressaltamos. Saio da cama, vou abrir e dou de cara com Petrit. Usa uma ampla jaqueta cor de anil e parece a versão moderna do anjo azul. Afasto-me para deixá-lo entrar, mas ele fica na porta. Diz que está saindo para trabalhar e que volta amanhã de manhã. Petrit trabalha numa fábrica de conservas e muitas vezes faz o turno da noite, assim me contou Gabriel uma vez. Diz também que fez compras e que a geladeira está cheia, podemos pegar tudo o que quisermos. Gabriel diz só "Ok" e depois dá tchau com o braço. Quando a porta volta a se fechar, me jogo na cama e me estreito de

novo a ele, que me passa uma mão entre os cabelos, suavemente. O assunto escola está definitivamente encerrado.

Não faço mais nada. Não digo mais nada. Fico quieta, concentrada no movimento da mão dele, prendendo o fôlego. Quando recomeço a respirar, é de leve, esperando que ele não perceba quanto estou emocionada. Agora meu coração bate tão forte que imagino ter dois. É como estar em outro planeta e ter que habituar os pulmões a uma quantidade diferente de oxigênio. E talvez seja realmente assim, quando estou com Gabriel. Outro planeta, outro lugar. Longe de tudo o que conheço, num mundo à parte, em algum nicho, como

quando eu me deitava junto de minha mãe para tentar encontrar outro tempo dentro do tempo. Agora é como naquela noite à beira-mar, um espaço só para nós, sem nada, sem ninguém. Estamos em Zerolândia.

* * *

Quando meu celular toca, acordo sobressaltada e me dou conta de que adormecemos. Solto-me do abraço de Gabriel e sigo o som, no escuro. Gabriel acende a luz, e pego a bolsa no chão. No visor, leio o nome da última pessoa sobre a terra com quem eu queria falar agora: Sonia. Jogo o celular dentro da bolsa e espero, de pé como uma retardada, que ele pare de tocar. Largo

de novo a bolsa no chão e volto para a cama. “Quem era?” “Ninguém”, respondo, mas, quando vejo a expressão desapontada de Gabriel, acrescento: “Aquela chata da Sonia, deve ser por causa dos deveres de casa”, e o abraço de novo. Depois de alguns instantes, me volta à memória a conversa de agora há pouco e penso em como será estar na escola a partir de amanhã. Se ele não vier mais, ficarei em Zerolândia totalmente sozinha. Volto a me sentar com Sonia? Nunca, *hasta siempre*. Alongo uma perna entre as de Gabriel e afundo o rosto em seu moletom. Agora não quero pensar nisso, deixo para amanhã, pensarei na escola, em tudo.

Amanhã. Adormecemos de novo, um nos braços do outro. Zero e Zeta nessa Zerolândia só para nós, anos-luz distante da Terra.

Quando acordo, já passa das oito. Daqui a pouco a vovó vai me telefonar de Ischia, é melhor eu voltar para casa. Sento-me devagar e fico um pouco assim, parada, sem muita vontade de ir. "Já vai?", pergunta Gabriel. "Sim, está tarde." "Ok", diz, e depois, em voz baixa e com um toque de incerteza que eu nunca ouvi dele: "Amanhã você volta?" Acompanha esta última pergunta com uma carícia longa e lenta nas minhas costas, um pedido silencioso e profundo ao qual não sei o que

responder. “E você? Volta à escola?”, pergunto por minha vez, levantando-me da cama. Enquanto amarro os tênis, sinto os olhos dele em cima de mim, mas em nenhum momento ergo os meus para fitá-lo. Não me responde, talvez seja melhor assim. “Faça como quiser”, digo apenas, depois pego a jaqueta e me dirijo para a porta. “Você também, faça como quiser”, escuto-o dizer, enquanto fecho a porta atrás de mim.

Quando você dormir

“Quando você volta?”

“Quando você dormir.”

E eu adormecia, e no tempo do sono você voltava. Eu acordava e a chamava logo, às vezes chorosa, às vezes

contrariada, e você vinha. Tinha mantido a promessa, tinha voltado. Eu do sonho do meu sono, você do mundo lá de fora. Às vezes eu pensava: *e se ela não voltar mais?* e queria que o sono durasse pouco, um rápido bater de cílios, como a fada Isabella, que fazia as coisas acontecerem justamente assim. Eu também tentava e depois chamava você, só movendo os lábios, sussurrando bem de leve, porque talvez a fada Isabella me visse e não quisesse que eu a imitasse. Então eu esperava, e, na calma da tarde, sobretudo no verão, dissolvia a ansiedade no sono. Ao acordar, às vezes estava toda suada.

“Esteve correndo enquanto dormia?”, você me perguntava, e eu me levantava e como um filhote de animal ia em busca do seu corpo, abraçava-a e depois me sentava no seu colo, de lado, toda encolhida. Saudade de quando eu ainda não tinha nascido e éramos uma coisa só e você nunca iria embora sem mim.

“Eu te procurei, mas não sabia onde você estava.”

“Mas estou aqui, a mamãe voltou.”

Quando você volta? Quando você dormir. Lembro-me disso inclusive agora, se acordo de um sono agitado, daqueles nos quais a gente se precipita sem cair, como fazem às vezes os pássaros. Então me levanto devagar,

como naquele tempo, e às vezes me dou conta de que não respiro: quando voam, as aves prendem o fôlego? Quando têm medo, elas também se esquecem de respirar?

13 DE DEZEMBRO

"Gabriel Righi", chama em voz alta a professora de matemática. "Está doente", respondo. Todos se viram para me olhar, todos juntos. As garotas trocam olhares espantados, arqueando as

sobrancelhas, enquanto os garotos me fitam sem compreender.

Deveria ter sido assim, mas na verdade, quando a professora chama o nome dele, eu não digo nada. Continuo desenhando florezinhas nas páginas da agenda, sem pestanejar. Agora não preciso mais prestar atenção para não avançar com o cotovelo sobre a outra parte da mesa. É toda minha. A solidão tem suas vantagens, devo encarar assim, o copo meio cheio. Ontem à noite, ao telefone, a vovó me pareceu alegre, fiquei contente. Ischia é muito bonita, disse, e acrescentou que no próximo verão, depois do vestibular, me leva lá. É quando ela diz coisas assim que me

sinto triste, porque sei que faz isso para me animar e se animar, e que, desse jeito, eu e ela nunca iremos a lugar nenhum. A professora agora pergunta: "Ninguém sabe nada de Righi?" E eu nem levanto a cabeça, por medo de cruzar o olhar de alguma miserável ainda disposta a fazer piadinhas. Mas a tentação é forte. Eu deveria contar que Gabriel Righi não virá mais, que podemos procurá-lo quanto quisermos, mas que ele decidiu ser pedreiro e que não está a fim de ficar atrás de uma escrivaninha, desenhando para um monte de idiotas. Mas não digo nada, faço como ele, tento me bastar, tomo cuidado para não me deixar envolver. Não devo

nada a ele, não estamos juntos, não somos amigos. Zero. Ou melhor, tendo ido procurá-lo ontem, sei que já fiz bastante. É verdade, pedi que ele voltasse, disse palavras precisas, mas em certos momentos a pessoa diz um monte de coisas, como quando está bêbada, e se torna patética. Ontem eu me sentia só e achei que ele pudesse ser o remédio. Só isso. Viro-me para a janela e permaneço assim por alguns instantes, o olhar perdido no vazio, refletindo: qual é o trabalho que exige a mais alta capacidade de contar mentiras e acreditar profundamente nelas? Descobrir isso seria importante, eu teria o futuro garantido.

No final do tempo, o último, por sorte, também evito Sonia, que já está ansiosa por me dizer por que me procurou ontem, e vou direto para casa. Nem sequer almoço e começo a estudar, mas, por mais que me esforce por me concentrar em Immanuel Kant, não consigo parar de pensar em ontem. Não preciso de nada, repito para mim mesma, também posso ficar sozinha. Mentira, é tudo mentira, e eu sei disso. Por absurdo, penso, se ontem, em vez de dormirmos, tivéssemos feito sexo, teria sido melhor. O sexo esconderia um monte de coisas. Assim, porém, não é possível mentir. É toda aquela ternura que de repente me deixa embaraçada.

Não devo nada a ele, repito sem parar, não preciso de uma coisa assim.

Estudo mais uma hora e depois vou à piscina. Assim que mergulho, me desligo do mundo. Só água e azul, e corpos sem rosto. Como na fotografia que uso como protetor de tela no PC, tirada embaixo d'água, por alguém provavelmente deitado no fundo, na qual só se veem os corpos que se movem. E ouve-se o silêncio, azul como a água.

Estou salva.

Quando volto da piscina, ligo para a vovó. A voz dela está diferente hoje, mais relaxada, serena. Deixo-a me contar seu dia sem interrompê-la e depois digo que não se preocupe

comigo, que estou bem, embora saiba que o fato de ter me deixado aqui sozinha lhe dá um sentimento de culpa. Assim que termino o telefonema, Claudia me liga, toda contente porque a mãe lhe disse que a vovó está melhor, que desabafou, chorou uma noite dessas. "E você, como está?", me pergunta de repente, e essas palavras me deixam em suspenso, com o telefone encostado ao ouvido e o olhar fixo à minha frente, como se a resposta estivesse escrita na parede, e não sei o que responder porque, na verdade, já não sei como me sinto. Respondo que estou melhor, que os amigos têm estado muito perto de mim, resumindo, encho-a de mentiras. É

meu esporte preferido, de uns tempos para cá. Quando desligamos, circulo pela casa e apago todas as luzes. Depois vou ao quarto de mamãe e fico sentada em sua cama de olhos fechados, tentando imaginar que ela ainda está ali. Concentro-me e relembro sua voz, a última vez que ela me tocou, me beijou, e me pergunto se a memória conseguirá abarcar tudo sem esquecer nada. Porque é só ali que você permanece. É só ali que eu ainda te encontro.

Não sei por quanto tempo fico assim, sentada, a casa completamente imersa em sua escuridão e eu na minha. Por fim me levanto, vou à cozinha e acendo a luz. Pego a bolsa e dou uma olhada no

celular sobre o aparador. Encontro uma mensagem de Sonia. Ela me procurou para me propor matarmos aula, amanhã. Aceito, e esse contato com o mundo real faz com que eu me sinta melhor por um tempinho. Amanhã deixo Zerolândia, digo a mim mesma, e, ao simples pensamento de romper o contato com a aridez do meu exílio e retornar à pátria, já me sinto triste.

Então, alguma coisa mudou, afinal. Eu também lancei raízes no nada.

14 DE DEZEMBRO

O segundo lugar onde paramos durante essa manhã interminável é uma sala de chá numa viela do centro. O assunto da manhã inteira, nem preciso dizer, é Giovanni. Agora, me conta

Sonia, aprofundando-se em detalhes chatíssimos, ele está atrás de uma garota da segunda série, uma certa Tania, superinteligente, muito bonita, enfim, o pacote completo. Finjo escutar pelo máximo possível de tempo aquela enxurrada de clichês, mas depois jogo a toalha, não aguento mais. Algumas vezes experimento mudar de assunto e outras vezes bufar de tédio, sem resultado. Penso em Gabriel, me pergunto se por acaso ele decidiu voltar e, nesse caso, o que terá pensado quando não me viu na escola. Enquanto Sonia fala, imagino uma cena tipo filme muito dramático, na qual ele chega e, não me encontrando, pensa que entre nós tudo acabou e fica

péssimo. A coisa é tão absurda que por pouco eu não caio sozinha na gargalhada, como uma louca. É claro que assisti a um monte de filmes.

Finalmente, é meio-dia e decido que posso voltar para casa. Estamos subindo a avenida a pé quando vejo Gabriel vindo em nossa direção, junto com outro garoto. Chegou o filho pródigo, penso amargurada, mas ao mesmo tempo me sinto agitada sem saber por quê, e meu primeiro impulso é fingir que não o vi, mas já é tarde demais. A poucos metros de distância, Gabriel nos dirige um olhar distraído e mal nos cumprimenta, com um aceno de cabeça. Sonia não responde, enquanto eu pronuncio um

“oi” apenas sussurrado e acelero o passo. Pronto, restabelecemos a ordem, todas as peças de novo em seus lugares: os bons com os bons e os maus em suas casas. Que alívio, penso, finalmente acabou tudo.

Volto para casa com o humor lá embaixo. Como alguma coisa e vou me refugiar na piscina. Nado sem parar por quase duas horas, só me interrompo umas duas vezes para ir tocar o fundo e depois deslizar ao longo da linha azul-escura de azulejos que delimita as raias. Sigo-a imaginando que ela não acaba nunca, até que a falta de ar me obriga a emergir.

Quando saio, estou exausta, quase não consigo botar um pé na frente do outro, tento abrir um livro e meus olhos se fecham de cansaço. Passo o resto da tarde comendo besteiras e assistindo a trailers no YouTube. Preciso aguentar só até as oito, e depois do telefonema de vovó vou direto para a cama. Às oito e dois minutos, a voz de minha avó me pergunta como estou. Ela parece relaxada, leve, as férias estão lhe fazendo bem. Voltaremos aqui juntas, depois de seu exame, me repete, eu e você sozinhas.

Estou contente porque ela se recuperou. Gostaria de dizer alguma coisa agradável, como amo você e tenho

saudade de você, mas não consigo. Quero apenas dormir. Às nove e meia já estou na cama, no escuro, sem pensamentos.

Lembra-se de Franco?

Minha avó tinha um primo pintor que nunca havia feito grandes coisas, mas que no pequeno povoado onde vivia gozava de grande consideração. Franco, assim se chamava, era O Pintor. E não

importava que nenhuma galeria quisesse expor seus quadros e que ninguém desejasse comprá-los: para todo mundo, Franco era o artista do lugar. Tinha herdado uma fortuna do pai, que, ao contrário, soubera vender muito bem suas terras, e vivia no grande palacete da família, o qual, rodeado por casas muito mais modestas, destoava bastante de todo o resto. Franco também destoava bastante, com aquele ar relaxado, o sorriso sempre pronto e as roupas manchadas não de lama ou gordura, mas de tintas e aguarrás. Eu e minha mãe íamos visitá-lo ao menos uma vez por mês. Partíamos no velho Renault 4 que parecia feito

especialmente para se adequar à redondeza das colinas, que sempre nos surpreendiam quando a vista se abria de repente sobre campos de girassóis e sobre o mar no verão, ou sobre a terra arada e nua do inverno.

A entrada do palacete era enorme e tinha uma ampla escadaria central que levava ao andar superior. Mas, percorrendo um corredor estreito que começava justamente embaixo da escada, chegava-se ao estúdio, um jardim de inverno cheio de cavaletes, latas de tinta, pincéis, bisnagas, páginas de jornal espalhadas por toda parte e velhas cadeiras de madeira. Para mim, era um lugar mágico. Minha mãe se

sentava ao lado de Franco, que pintava, me instalava sobre seus joelhos e dizia: “Agora vamos perguntar a Franco se ele nos faz um belo desenho.” Franco pegava uma grande folha em branco, fixava-a no cavalete e fazia meu retrato, ou então me perguntava se havia um animal ou algo de que eu gostasse especialmente, e o desenhava para mim. Na época eu não entendia, e nem sequer agora, quando vejo Gabriel desenhar, como aquelas mãos conseguiam imitar o mundo. Até minha mãe pensava, no fundo, que Franco não tinha um verdadeiro talento, mas sempre achava lugar para os quadros que ele nos

presenteava, e eu ainda conservo todos os desenhos dele.

O palacete de Franco era de fato imponente, e, se a entrada era impressionante e o estúdio, sugestivo, a coisa de que eu mais gostava, mais ainda do que da casa, era do amplo jardim dos fundos, com uma fonte habitada por grandes peixes vermelhos. No centro da fonte erguia-se a estátua de uma jovem com uma guirlanda de flores na cabeça, e mal coberta por um pano que contornava seu corpo delgado. Junto com o aviário vazio, em forma de castelo, que reinava pouco adiante no jardim, a estátua fazia com que eu me sentisse dentro de uma fábula.

Franco morreu há muitos anos e o palacete foi vendido e depois demolido, para a construção da enésima fileira de casinhas todas iguais. Lembro que, poucos meses antes de diagnosticarem o câncer de minha mãe, eu e ela fomos dar umas voltas pelo povoado. Ao passar em frente às novas construções, na área onde antes ficava a casa dele, nós duas tivemos a sensação de que Franco e seu palacete jamais tinham existido, eram uma espécie de sonho esquecido, cujos farrapos reapareciam de vez em quando. Uma fisgada de nostalgia me perfurou o estômago, e pela primeira vez tive a sensação exata de estar dentro de um tempo inexorável, do qual não há

escapatória. Recordo que minha mãe disse apenas "pobres de nós", e não porque as casinhas enfileiradas eram decididamente feias, mas porque o tempo havia apagado Franco, tal como ele faria com um desenho ruim.

Muitas vezes me lembro de mim e de minha mãe naquele jardim, as duas contemplando a fonte e a delgada figura da estátua. A terrível magia cuja existência eu então ignorava já estava toda ali, no aviário vazio mas estrondoso de silêncio, na donzela imóvel no centro da fonte, fria, erodida pelo tempo. Tudo fazia entender que um mago bem mais poderoso do que os das fábulas já estava em ação, emboscado

em algum canto sombrio do jardim. Nada lhe escaparia, e aos poucos ele retomaria tudo, o tempo concedido, os objetos esquecidos.

15 DE DEZEMBRO

Nestes últimos dias antes das férias, o clima de festa é insuportável. Enquanto a turma inteira exala alegria por todos os poros, eu pareço o protagonista de *Sem família*. Da minha

mesa vem um silêncio teimoso e sombrio, tão silencioso que quase faz barulho e de vez em quando obriga meus colegas a voltar-se para ver se ainda estou aqui.

No terceiro tempo temos Greci: deverei informá-lo de que seu aluno resolveu se dedicar aos tijolos. Fará capitéis de concreto armado pelo resto de sua vida. Que se divirta. Hoje estou cínica, me ajuda a suportar melhor as decepções. É para isso que serve o cinismo, não?

Quando a campainha toca, dou um suspiro de alívio. Passou-se apenas uma hora, mas eu queria que já fosse o último tempo. Hoje realmente não estou

aguentando. Enquanto nos mantemos sentados, à espera de que a professora de italiano chegue, Gabriel surge na porta. Meu queixo cai como por um repentino aumento da força de gravidade, e tenho a boca tão aberta que, se isto aqui fosse um espetáculo e precisassem escolher alguém para o papel de cesta de lixo, poderia ser eu. Ele chega e larga a mochila no chão, com um baque surdo, arrasta a cadeira com grande barulho e despenca em cima dela como um saco de batatas. Depois que ele se senta, quando até o bloco multiuso já está bem à vista sobre a mesa, eu deixo escapar, antes mesmo de refletir sobre algo melhor a dizer: “Ei,

operário, mas que surpresa, acabaram as pás de pedreiro?" Ele me dirige um olhar glacial, sem responder: até aqui, nenhuma novidade, só que hoje parece meio enfurecido. Abre o bloco de sempre e começa a rabiscar alguma coisa. Seja bem-vindo, Caravaggio: fez isso por mim? É isso que agora me deixa eufórica, a ideia de que ele esteja aqui por minha causa, porque eu pedi. Não escuto uma só palavra do que a professora diz e espio Gabriel o tempo todo. Lanço uma olhada para o bloco e vejo que ele está desenhando uma espécie de super-herói inflado de músculos, com cara de fodido. Está todo concentrado e não percebe que eu o

estou espiando. Quando levanto o olhar, flagro Ilaria me observando. Ela logo se volta, inclina-se para Sonia e lhe diz alguma coisa no ouvido. Vejo Sonia se girar um pouco e depois erguer os ombros, mas hoje não estou nem aí para as conversinhas infantis das duas.

Quando a campainha toca, me aproximo de Gabriel. Agora me arrependo um pouco por não ter aparecido e tento remediar à minha maneira, com uma mentira. “Na outra tarde eu me atrasei na piscina, foi por isso que...” ... não fui te ver, estou para concluir, mas ele me interrompe e, em tom grosseiro, me diz: “Eu também estive ocupado, se você fosse não me

encontraria", e recomeça a desenhar, calando minha boca e fazendo com que eu me sinta uma idiota. Levanto-me e saio para ir ao banheiro, a alegria completamente desaparecida.

Greci entra no terceiro tempo e, quando o vê, percebe-se logo que ficou contente. "Bem-vindo, Righi, é um prazer tê-lo de novo entre nós", diz em tom alegre. "O prazer é todo meu", responde Gabriel, sem erguer o olhar da mesa. Na sala, alguns já soltam risadinhas, mas Greci finge não notar e começa a aula.

Esta é sobre as vanguardas do século XX. Algumas vezes Gabriel levanta a vista, vejo que está escutando. Já eu não

consigo me concentrar. Penso na resposta que ele me deu: estará aborrecido comigo, porque não apareci? Mas, afinal, eu não prometi nada. E, também, uma pessoa que se importa não diz a você "faça como quiser".

No final das aulas, eu o sigo silenciosamente. Assim que chegamos lá fora, passo à sua frente e, pouco me importando com quem possa nos ver, pergunto se ele está a fim de dar uma volta à beira-mar, durante a tarde. "Tem certeza?", me pergunta em tom cortante. "De quê?", respondo como uma pateta, sem compreender. "Tem certeza de que quer ficar comigo?", repete, gélido como o zero grau no inverno. "Se eu

estou convidando...", respondo com um fio de voz, enquanto a pouca segurança que eu tinha começa a me abandonar. "Não sei se estou a fim hoje", rebate, seco, e acrescenta: "Pergunte à sua amiga, talvez ela esteja livre." Esse tom arrogante me dá realmente nos nervos e eu respondo à altura. "Claro que vou perguntar", rebato, venenosa, "ou melhor, me arrependo por ter lhe perguntado primeiro". "Não deveria ser um problema para você, que parece alguém que muda de ideia a toda hora", me diz ele com o ar de quem sabe ter acertado o alvo. Eu o encaro decepcionada, mas, em vez de responder, deixo-o ali plantado, com seu

orgulho e seu aborrecimento. Vá para o diabo, Caravaggio, penso, e sigo direto para minha motoneta. Ainda me viro uma vez e o vejo ajeitar o assento da dele. Se hoje veio à escola por mim, teria sido melhor se poupar, já que depois iria arruinar tudo: qual era a necessidade de agir assim? Durão a qualquer preço, sempre.

Olho ao redor e descubro Sonia no grupinho das escrotas. Tenho certeza de que estavam nos olhando e, agora que sabem que eu as vi, fingem conversar. Sonia se vira para mim e, dirigindo-me um sorriso falso, levanta a mão e me cumprimenta. Que miserável, penso, só

espero que Giovanni não vá mais atrás de você.

21 DE DEZEMBRO

Hoje, na aula de Greci, Gabriel lhe entregou uns desenhos que fez. São coisas tipo quadrinhos, e há também alguns retratos. Ficamos sem palavras, e eu estou contente porque de repente

todos o olham admirados. Greci nos reuniu em torno de sua mesa e nos fala de traço firme e violência da cor. Gabriel olha apenas para o professor e deliberadamente ignora todos nós. No rosto dos meus colegas, leio incredulidade e assombro, mas também autêntico interesse, e justamente aqueles que costumam ridicularizá-lo se esquecem, nesse momento, de tê-lo chamado sempre de Zero. Quanto mais olho seus rostos, mais gostaria que soubessem que estive na casa dele, que fomos ver o mar juntos, que eu fui a única a compreender que, no fundo, ele é especial. Mas desse jeito é fácil demais, como num daqueles filmes nos

quais a certa altura o fodido vira o herói. Agora é um pouco assim, e os fodidos somos nós. O talentoso é ele, e quem tem talento encontra seu caminho mais cedo ou mais tarde, mesmo que venha de um conjunto habitacional. A mamãe tinha razão, a gente deve encarar as coisas em perspectiva, do contrário perde as melhores oportunidades.

A segunda surpresa do dia chega na saída da escola, quando Giovanni se aproxima de mim e diz que precisa falar comigo. Eu o encaro, perplexa: ele tem mesmo o ar severo de quem está para fazer algo sério, e por isso concordo, de má vontade. Eu teria mais motivos para odiá-lo do que para ouvi-lo, mas ainda

assim quero ser educada. Desde a noite da festa, não nos falamos mais e, todas as vezes que nos cruzamos nos corredores, olhei para outro lado. Agora o sigo até a entrada da escola. Quando paramos, ele mete as mãos nos bolsos dos jeans e, com ar arrependido, me pede desculpas pelo que aconteceu no Mouse: tinha bebido demais e não sabe o que lhe deu. "Só isso", diz, "nada de transcendental. Simplesmente, não quero que você pense que eu sou apenas um cafajeste. Não me comporto sempre assim, me desculpe". Concordo, pouco à vontade, e não sei o que dizer. Em certo sentido, é melhor quando ele se comporta como um calhorda, pelo

menos a gente sabe o que deve pensar. Na dúvida, corto o papo e respondo que está tudo certo. “Acontece, a pessoa bebe e depois exagera”, digo. Esboço um sorriso compreensivo, embora, quando é forçado, me saia muito mal, e é esse o caso. Olho ao redor para ver se Sonia ou Gabriel estão por ali. O ciúme de Sonia desencadearia uma nova série de interrogatórios; quanto a Gabriel, simplesmente não quero que nos veja juntos.

Aceito as desculpas, ainda que no fundo não confie totalmente. “Sei que você não acredita”, diz ele a certa altura, como se lesse meus pensamentos, “mas não importa. Eu só queria lhe dizer

isso". Depois acaricia meu rosto e se afasta sem acrescentar mais nada. Permaneço imóvel alguns segundos, antes de me recompor e organizar os pensamentos. Aquele gesto, aquele afago, foi tão rápido e leve que pouco depois, relembrando-o, me pergunto se ele o fez realmente ou se eu apenas o imaginei. Não entendo mais nada: Gabriel se torna quase o gênio da classe; Giovanni se transforma de canalha em arrependido. O que aconteceu? De repente o mundo voltou à ordem? Eu sou a única de pernas para o ar?

Quando estou indo pegar a motoneta, Ilaria quase se joga em cima de mim e,

tchan-tchan-tchan-tchan, com uma voz melosa e um olhar de ratinho da Disney me convida para sua festa de aniversário. Ok, penso, tudo isso num só dia é realmente demais. Recuso delicadamente, porque minha filiação ao círculo das idiotas já venceu há algum tempo, e vou correndo para casa, onde encontro uma enorme árvore de Natal, que ocupa quase toda a entrada, e minha avó às voltas com fitas, estrelas de vidro colorido e estatuetas do presépio. Parece-me tão frágil, toda despenteada e desarrumada, que sinto um baque no coração. A última árvore de Natal ela a montou junto com a filha. Girava em torno da árvore, arrumando os enfeites,

e minha mãe, sentada numa cadeira, passava-lhe ora uma bola, ora uma fita. Mais ou menos um ano atrás, encontrei-as assim, ao voltar para casa.

"Quer uma mãozinha?", me ofereço. "Pode deixar, a vovó faz sozinha", me responde com doçura, acariciando-me a face. Pronto, mais uma carícia, a segunda desse dia feliz, e não posso deixar de pensar na primeira, a de Giovanni. Ele parecia sincero quando me pediu desculpas, eu deveria valorizar isso.

Deixo minha avó ocupada em arrumar sua árvore. Quando passo ao seu lado a caminho do meu quarto, dou uma olhada no conteúdo da caixa: fitas e

enfeites foram jogados dentro de qualquer jeito e parecem apenas uma miscelânea de purpurina e cores. Recordo que alguns dias depois do Natal as condições de minha mãe haviam piorado e praticamente sumimos com a árvore. Aquela bagunça me traz de volta toda a ansiedade daquele período, os dias vividos à espera do fim. Por um instante, sinto o impulso de dizer à vovó que deixe aquilo tudo para lá, a árvore, as lembranças, o Natal. Depois penso melhor e digo a mim mesma que, ao contrário, a melhor coisa a fazer é ajudá-la a carregar aquele fardo tão pesado.

Tiro a jaqueta e o cachecol, ajoelho-me diante da caixa e começo a desenredar em silêncio o emaranhado de fios coloridos. Ela me olha e sorri sem dizer nada. É como naquele dia na saída do cemitério, eu e ela juntas dentro de uma dor que nos rouba as palavras.

Depois do almoço, me dou conta de que à minha frente se escancaram dias e dias de vazio. No início da tarde, pego a motoneta e vou dar uma volta. Sinto necessidade de ar livre, de luz: é um dia lindíssimo. Abandono-me à melancolia como a uma fonte de vida eterna e penso que nunca mais serei feliz.

Ontem à noite sonhei com você

Debruçada no terraço de uma casa enorme, você olhava para baixo, na minha direção. O sol me cegava e eu só

conseguia ver o seu sorriso. Você estava linda. Os cabelos lhe emolduravam o rosto como naquela sua foto do liceu que você me mostrou um dia. Eu não conseguia parar de olhá-la. Você continuava a sorrir, mas eu não conseguia ver seus olhos. Depois, de repente, estamos as duas sentadas, uma ao lado da outra, no chão daquele grande terraço. Acima de nós, o céu era de um azul ofuscante. Era lindo demais estar novamente junto de você. Eu sabia que estava sonhando, e no entanto tudo parecia muito verdadeiro. Quando acordei, por um instante retive o sonho, e a felicidade penetrou no meu coração como uma bala de prata e me matou.

Se fecho os olhos e me esforço para lembrar de você, não a vejo como a vi em sonho. Era perfeito. Se eu pudesse sonhar com você sempre que preciso, talvez isso não fosse tão doloroso.

Tirando aquele vídeo que o vovô fez no dia do meu aniversário, de você só me restam as fotografias, e, poucos meses após seu desaparecimento, me dou conta de que na minha memória, quando tento reconstituir seu rosto, relembrar sua voz, alguma coisa começa a faltar, e a tristeza me invade. Eu queria recordar tudo de você, mas o que me falta são os gestos de sempre, aquilo que me ajudaria a voltar a sentir como você era, aquilo que construía o halo sutil de

sua presença: seus tchaus na porta de casa; você abotoando o casaco; você parando para pensar nas coisas que devia fazer e pegando as chaves no móvel do vestíbulo. As coisas inúteis, os instantâneos descartados.

23 DE DEZEMBRO

Primeiro dia de férias: de repente é o vazio, um acúmulo de horas que não sei como preencher, e pouco a pouco a solidão se torna minha segunda pele. Eu e a vovó parecemos as peças de uma

matrioska interrompida, a casa grande demais só para nós duas. Cada uma finge estar ocupada com os próprios assuntos. Duas abelhinhas, atarefadas e operárias, que ficaram sozinhas na colmeia, sem ninguém para ajudá-las.

Em certos momentos a angústia é insuportável e muitas vezes penso na eventualidade mais terrível: se acontecer alguma coisa à minha avó, vou ficar sem ninguém. Ela tem 64 anos, isso não é paranoia minha. Tento não pensar, mas a ideia me aterroriza, não estou preparada para ficar sozinha no mundo. Claro, existem Angela e Claudia, que me querem muito bem, mas não é a mesma coisa.

Exceto pelo meu avô, falecido muito cedo, sempre vivemos sem homens. Sempre e unicamente nós três: eu, a mamãe e a vovó, num constante confronto de gerações e humores: o rigor da vovó, a exuberância da mamãe e meus sombrios silêncios.

Sei que o vovô nos deixou bem, e portanto nunca nos faltou dinheiro. Eu e minha mãe sempre pudemos nos permitir muitas coisas, e mesmo quando a mamãe perdeu o emprego todas nós sabíamos que, embora essa situação não fosse das melhores, não terminaria em tragédia.

Três mulheres em sua toca, pão e leite quente todos os dias.

Quando Angela e Claudia vinham, tudo parecia como naquele velho filme, *Tomara que seja mulher*. A casa se enchia de vozes, do ruído dos saltos de sapato no piso e de perfumes envolventes como um abraço suave. Sobre a mesa da cozinha apareciam os cigarros de Claudia e os dois celulares de Angela, minha mãe chegava descalça, envolta no xale da minha avó, que ia fazer café, e desencadeavam-se aquelas conversas supercompridas que transformavam nossa casa no melhor lugar do mundo. Do meu quarto, eu as ouvia rir, notava sua felicidade, sua alegria já circulando, e me sentia serena.

Angela e Claudia eram as melhores amigas da mamãe, desde os tempos da universidade. Angela vem de uma família riquíssima e sai por aí com a certeza de que até as pedras devem demonstrar gratidão pelo simples fato de serem pisadas por ela quando caminha. Casou-se logo após a universidade e se divorciou dois anos depois. Desde então, teve vários namorados com os quais, segundo minha mãe, nunca se envolveu muito. O importante, diz sempre, é não ficar parada.

Claudia vem de uma família normal, mas é extraordinariamente bonita. Uma daquelas mulheres diante das quais um homem se derrete. Cabelos compridos e

louros, corpo flexível, olhos cinza-azulados, de enlouquecer. Não havia homem que não perdesse a cabeça por ela e que pontualmente, por algum motivo estranho, não fosse abandonado, assim como tinha sido escolhido. Claudia passava de um homem a outro e de um emprego a outro como um objeto, sem realmente ser tocada, mesmo superficialmente. Flutuava, leve e cândida como uma nuvem. Um ano antes da morte da minha mãe, casou-se com um engenheiro, uma espécie de criança prodígio com idade muito inferior à dela. Não acredito que tivessem muito em comum, ele queria uma mulher bonita para poder exibir, e ela, naquele

momento, sentia que podia levar seriamente em consideração a ideia de se tornar a esposa de alguém. Claudia, como minha mãe sempre dizia, sempre vivera na consciência de que, mais dia menos dia, alguém lhe ofereceria justamente o que ela desejava, mesmo que ainda não estivesse claro, nem mesmo para ela mesma, o que era isso. Quando minha mãe lhe perguntou por que ia se casar, ela respondeu "por que não?", sorrindo para um futuro fluido, de nuvens cor-de-rosa, perfumado de fartura e coisas caras. Quando minha mãe morreu, Claudia estava solteira de novo.

Era bonito vê-las juntas, as três. A sensação, quando eu as olhava, era de que aquela sua condição de jovens, independentes, fortes, duraria para sempre. Eu sempre havia imaginado que a vida reservava para elas algo especial, algo único, mas fui obrigada a admitir que não houve nada de extraordinário. Durante a doença de minha mãe, eu as vi repentinamente envelhecidas e cansadas. Em busca de um sentido para o que estava acontecendo e para aquilo que talvez jamais viesse a existir em suas vidas.

24 DE DEZEMBRO

Hoje recebi duas visitas: primeiro Sonia e depois Giovanni, a um passo de se encontrarem, ambos com um presente. O de Sonia é um ursinho, o de Giovanni um par de luvas de lã rosa e azul,

realmente bonitas, que devem ter custado muito. Por sorte, Sonia devia ir ao cabeleireiro, e assim fez uma visita-relâmpago: grandes efusões e uma declaração de amizade que assustaria qualquer pessoa, inclusive ela, se tivesse podido se ver, tão comovida e teatral. Não entendo por que ainda não tem a alma em paz, talvez as coisas com Ilaria não estejam tão bem assim.

Giovanni, porém, que em geral me deixa meio embaraçada, hoje me pareceu um garoto como todos os outros, e conversamos como dois velhos amigos, embora, depois do Mouse, tenha me restado uma certa perplexidade.

Agradeci o presente, mas me poupei dos dengos habituais, não queria deixá-lo pensar que basta um par de luvas para consertar as coisas, ainda que hoje ele tenha me parecido sincero, e foi até agradável. Talvez não seja o garoto descarado e mimado que todos imaginam. De uma coisa eu tenho certeza: é irresistível, e quando gruda aqueles olhos verdes nos da gente é difícil se concentrar no que ele diz, e você começa a imaginar um filme no qual estão juntos, só que depois percebe que está assistindo ao filme sozinha.

Fui com vovó à Missa do Galo. Umas duas vezes, me virei para ela e percebi que seus olhos estavam

marejados. Senti vontade de segurar-lhe a mão, de tocá-la, mas tive medo. Às vezes penso que, se apenas roçar sua dor, eu me arrisco a sentir a minha. Iria acordá-la como a um velho dragão adormecido no coração da montanha, e não conheço nenhum encantamento que reponha as coisas no lugar.

Na saída da igreja, encontramos Sonia com sua família. A mãe veio ao nosso encontro para nos desejar boas-festas. Depois nos dirigiu uma expressão do tipo deve-ser-muito-difícil-mas-com-o-tempo-vai-passar, aproximou-se da vovó, segurou-lhe as mãos e disse: "É preciso ser forte", com o ar de quem sempre viveu entre lutos e misérias, e

não num palacete do século XVIII com piscina e empregada filipina. Não caí na risada por respeito às circunstâncias e à minha avó, mas aquilo que vi e ouvi me fez compreender, melhor do que mil palavras, que Sonia só pode mesmo ser filha de uma pessoa assim. Minha avó agradeceu, mas as palavras da idiota haviam surtido efeito: sua voz já estava embargada pelas lágrimas. Por um instante, ela hesitou e se apoiou em mim, me pedindo desculpas com aqueles olhos que com muita dificuldade continham a dor. Quando levantei o olhar, percebi que várias pessoas estavam nos observando. Devíamos fazer um estranho efeito ali, enquanto

todos se abraçavam e trocavam votos de boas-festas: duas estranhas despencadas bem no meio de uma festa, com o cansaço da viagem nas costas, capazes de falar apenas em uma língua que ninguém entende e que não serve para nada.

NATAL

Para mim, o Natal sempre foi a melhor festa do ano. Quando criança, pelos presentes e pela atmosfera mágica; depois, quando cresci, porque é a celebração de tudo o que essa estação

representa para mim: o frio, os dias mais curtos, a chuva, mas também a intimidade, o silêncio, as avenidas do centro, cheias como o boneco da Michelin, expelindo nuvenzinhas de ar quente a cada passo.

O último Natal com minha mãe foi angustiante. Já sabíamos que seria o último. Ela mal conseguia comer e se esforçava por parecer tranquila, mas todas nós — Angela e Claudia também estavam — sabíamos que a dor estava ficando difícil de controlar, e que logo deveríamos aumentar as doses de morfina.

Ainda recordo aquele último almoço, enquanto tentávamos desesperadamente

parecer despreocupadas diante de você, mas, a cada vez que a olhávamos, por mais que nos esforçássemos, tornava-se mais difícil mascarar a angústia e a tristeza. E você, em que pensava quando nos olhava? Para quem sabe que vai morrer, os outros já não são pessoas normais, tornam-se imortais: são os que têm toda a vida pela frente. Eu a olhava e me perguntava onde você o escondia, todo o medo que trazia por dentro, porque agora bem sei que o medo de morrer se sobrepõe a tudo, não existem antídotos. Revejo-a sentada à mesa, tentando sorrir para mim, e me olhando com a doçura enfraquecida pela dor, o medo dentro dos olhos. No entanto, você

estava ali. Doente, mas estava, nossas oportunidades ainda não tinham acabado. Você ainda estava comigo, e só para mim eu a queria mesmo doente, mesmo adormecida por cem anos, só para poder escutar a mais débil de suas respirações: adormecida, mas viva. Às vezes, quando estou no meu quarto, deitada na cama com os olhos fechados, imagino ouvir a porta de casa se abrir, e você estar ali, no corredor, diante da porta do seu quarto. Seu sorriso, seus cabelos escuros, seu perfume, "não chegue tarde, fez os deveres? não vai à piscina hoje? agasalhe-se bem porque está frio, vou buscá-la se você quiser, não vai sair com suas amigas?". Você

tem a mão sobre a maçaneta e os olhos tristes. A doença curvou seus ombros, e seu olhar é aquele que nunca esquecerei e que repete incessantemente, inclusive agora: “por que comigo? por que eu?” Quantas vezes você deve ter pensado isso, ao olhar os resultados dos exames, das tomografias, imaginando raios invisíveis atravessando seu corpo para ver um emaranhado de células enlouquecidas, sempre com a esperança de que algo pudesse ter mudado, a esperança de ouvir lhe dizerem “está tudo normal, acabou tudo, acabou tudo, acabou tudo”.

26 DE DEZEMBRO

Vencida pelo tédio, chamo Sonia e pergunto se ela topa sair um pouco. Meu telefonema a surpreende, diz, mas também a deixa muito feliz, e assim ela me convida a ir à sua casa naquela

mesma noite. Também estarão Barbara, Ilaria e as outras garotas, me avisa, e, quase pressentindo que depois dessa notícia eu poderia mudar de ideia, insiste: “Venha mesmo, a gente vai se divertir bastante.” Aceito sem pensar muito, e à noite me apresento na casa dela. Vesti-me como se fosse dançar, e quando tiro a jaqueta sinto sobre mim os olhares de todas, mas apenas Sonia elogia a minha roupa. Uso uma minissaia de jeans e um suéter oversize de angorá preto que me deixa os ombros nus. Prendi os cabelos num rabo de cavalo baixo e calcei umas botas pretas de salto alto. Quando, em casa, me olhei no espelho, achei que talvez estivesse

exagerando, afinal eram só as garotas da escola, mas depois prevaleceu o não-estou-nem-aí e não troquei de roupa.

Os pais de Sonia não estão, e ela arrumou tudo no salão de festas do subsolo, a mesa com as comidinhas e bebidas e o equipamento de som que propaga a voz de Shakira. Sonia se aproxima e cochicha no meu ouvido que também estão para chegar alguns garotos. Giovanni inclusive, óbvio. Por isso ela está tão animada, esta é a oportunidade para tentar reconquistá-lo.

Enquanto comemos, fala-se de escola, do vestibular, de garotos, de roupas, o blá-blá-blá de sempre. As coisas das quais eu também falava

apenas dois anos atrás: agora, sinto náusea. A cada vez que alguma diz o nome de um garoto considerado bonito, a sala se enche de risadinhas e gritinhos dos quais me abstenho rigorosamente. Demais, talvez, porque de repente a escrota da Ilaria percebe e começa a falar de Gabriel e do último dia de aula, quando ele levou seus desenhos para mostrar a Greci. Diz que, vestido de outro jeito, ele não pareceria tão fodido, e que poucos dias antes o viu com uma garota. Enquanto fala, me dá uma olhada, como para ter certeza de que estou escutando, e eu, para não dar o braço a torcer, finjo uma expressão de espanto. Sinto-me como naqueles velhos

filmes de madames fofocando com as cabeças metidas nos secadores do cabeleireiro. Não digo nada, embora saiba muito bem o que todos esperam que eu faça: sou ou não sou a colega de mesa dele? Nem mesmo a troca de olhares maliciosos, bem embaixo do meu nariz, me faz sair da concha. Continuo a comer e a beber como se fosse a prima estrangeira de Sonia. De vez em quando sorrio, mas na maioria das vezes finjo que o assunto do qual estão falando não diz respeito a mim: sou sueca e frequento um colégio finlandês. Em outro momento, talvez eu dissesse a Ilaria que ela é mesmo uma imbecil e iria embora, mas agora essas

conversas não me atingem. Deixo para lá.

Quando os garotos chegam, a atmosfera se reanima, enche-se de uma energia nova e do frio que, ainda impregnando as jaquetas deles, logo se espalha pelo ar com seu aroma gostoso. Muitos parecem surpresos por me encontrar ali e me lançam olhares indagadores. Quando chega Giovanni e me descobre fumando num canto, vejo nos seus olhos uma expressão de surpresa e de admiração que infelizmente não escapa a Sonia. Pronto, isto vai acabar mal, penso, de modo que finjo não perceber e mal o cumprimento. À minha frieza ele responde com um

débil aceno de cabeça, e começa a conversar com Ilaria.

Terminada a confusão dos cumprimentos, depois que todos se familiarizaram com o ambiente e as bebidas, Sonia abaixa a luz e Shakira cede a vez a uma música mais lenta e sensual, enquanto um baseado começa a passar de mão em mão. Alguns se deixam cair sobre o comprido sofá que ocupa quase toda a parede do fundo, outros arrastam a mesa e começam a dançar no meio do aposento. Quando Luca, um da turma B, me passa o baseado, recuso o fumo, mas me levanto do sofá e vou pegar outra cerveja. Estou bebendo quando, com o canto do olho,

vejo alguém se aproximar de mim. Viro-me e vejo à minha frente Giovanni, que me convida para dançar. Eu queria dizer não, mas, quando ele me tira o copo da mão e me puxa para me levar até o centro da sala, vou atrás, dócil como um cordeirinho. Tenho os olhos de Sonia em cima de mim e pela segunda vez sinto, sei que aquilo vai acabar mal, mas decido ignorá-la e me abraço a Giovanni, enquanto ela nos olha, de cara amarrada.

Terminada a nossa dança, Giovanni volta para perto dos seus amigos, que enquanto isso enrolam outro baseado. Ilaria está no sofá junto com Francesco, um amigo de Giovanni: riem como dois

imbecis. Giovanni se deixa cair ao lado dela e, passando um braço à sua frente, puxa o baseado dos dedos de Francesco. Eu me aproximo de Sonia e logo percebo sua hostilidade. “Você disse que ele não lhe interessava”, reclama, desfechando-me uma olhada furiosa. “E não interessa mesmo”, respondo, calma e decidida, “eu não trepei com ele, apenas dancei”. Vejo-a estremecer e ficar vermelha. “Sossegue”, diz, com uma risadinha nervosa, “até porque não quero mais saber daquele canalha”. “Ah, é? Então, por que o convidou? Foi ele que te dispensou, não?” Sonia me encara lívida, sem responder. Há raiva e ressentimento em seu olhar. De mim ela

esperaria tudo, menos tanta maldade. “Achei que você fosse minha amiga”, diz, com voz de menininha prestes a chorar. “Oh, Cristo, só nos faltava a cena da amizade traída”, digo, e resfolego com ar impaciente. Barbara e as outras estão nos observando, assim como Giovanni e seus amigos. De repente sinto sobre mim os olhos de todos, ninguém fala mais, e parece que só esperam que a situação degenere: está para começar o espetáculo-surpresa da noitada. Até Ilaria, já encarapitada sobre Francesco, me encara como se eu fosse a mais escrota da Terra. Falei tão alto assim? É impossível que tenham me ouvido, e também o que eu disse de

ruim? Viro-me de novo para Sonia, que mantém os braços estendidos ao longo do corpo e os punhos cerrados, como uma garotinha de 5 anos. “Escrota”, sibila, “de você eu não esperava isso”. “Não esperava o quê? Afinal, o que eu te fiz, cacete?” Percebo que quase gritei, minha bronca não é só com ela, é com todos, agora. Covil de monstros, pensei, quem me mandou vir? Encaro-os como se pudesse fulminá-los, e depois vou embora. Pego a jaqueta no espaldar de uma cadeira e me encaminho velozmente para a porta. Passo diante de Sonia e lhe agradeço o convite, deixando-a sem palavras. Não me despeço de mais ninguém. Percebo que Giovanni me

observa, sem compreender, e justamente quando ele está para se levantar e vir falar comigo, atravesso a porta e bato-a atrás de mim com toda a força que tenho.

Flutuar no espaço

Antes que fechassem o caixão, me inclinei sobre você e te beijei.

Lembra quando falávamos dos astronautas, quando os víamos fora da nave, flutuando no espaço, e não

compreendíamos como eles conseguiam se sustentar ali, naquele vazio infinito? A cada vez eu tentava imaginar a situação, e então o medo me apertava o estômago e fazia meu coração disparar.

Inclinei-me para beijar você e foi como me perder no espaço, no vazio. Sem retorno, sem espaçonaves que me trouxessem de volta para casa.

Quando fecharam o caixão, saí para a sacada porque não queria ouvir.

Um dia desses, vi na cidade uma mulher parecida com você. Não distinguia bem o rosto dela, mas o corte de cabelo era o mesmo, e ela também usava um casacão escuro. Um baque no coração. Comecei a segui-la

instintivamente, um jogo estranho. Pensei que você não tinha morrido, apenas precisara desaparecer por algum tempo, como naqueles filmes de espionagem nos quais o protagonista simula a própria morte e depois volta com outro nome. Você não pudera me dizer nada, mas, agora que havia voltado, já não podia ser minha mãe. Era outra, aquela que eu seguia, e não podíamos fazer mais do que nos olharmos de longe.

Segui aquela mulher com saudade do seu abraço, de sua voz. Vi quando ela parou no sinal, atravessou a rua e em seguida olhou as vitrines de uma sapataria. Caminhava exatamente como

você, com passos desenvoltos e seguros. Fazia frio, e umas duas vezes eu a vi afundar o pescoço no casaco e apertar ainda mais os braços em torno do corpo, enquanto as mãos desapareciam, metidas nos bolsos. Por um instante, tive medo de me deixar levar e de chamá-la, ou mesmo abraçá-la. Sentia uma vontade feroz e, pelo jeito como as pessoas me olhavam na rua, minha expressão devia ser estranha. Enquanto a seguia, trombei com algumas pessoas, mas não pedi desculpas, fui em frente. Você era mais importante.

A certa altura, estávamos tão próximas que me bastaria estender a mão para tocá-la. Temi que de uma hora

para outra ela se voltasse, interrompendo o jogo, e eu não queria que aquilo acabasse, porque sentia uma felicidade silenciosa me invadir o cérebro. Por alguns instantes absurdos, fui de novo feliz. Feliz.

Finalmente ela parou sob a marquise do ponto de ônibus e eu fiquei olhando, até que ela embarcou no primeiro coletivo que chegou.

26 DE DEZEMBRO – DOIS

Quando deixo a festa de Sonia, passa um pouquinho das onze, mas não quero voltar para casa. Umas duas voltas de motoneta pela cidade, e depois crio coragem e sigo para o apartamento de

Petrit. Enquanto toco o interfone, olho o relógio: acaba de dar onze e meia. Ninguém responde, mas o portão se abre e eu entro. Gabriel não está, me informa Petrit, com um sorriso. “Mas acho que volta logo”, acrescenta, “você pode esperar aqui, se quiser”, e se afasta ligeiramente para me convidar a entrar. Eu o sigo até a cozinha e, assim que entro, sinto um forte cheiro de café. Junto ao fogão há um rapaz que me cumprimenta com um aceno de cabeça. “Este é Milon”, me diz Petrit, e depois se volta para mim. “E ela é...” “Alessandra.” Sorrio, mas já me sinto encabulada, porque este é o último lugar onde eu deveria estar. “Fizemos café,

você quer?" "Não, obrigada", respondo, e aperto os punhos dentro dos bolsos da jaqueta, porque realmente não sei o que dizer ou fazer. "Posso esperar por ele lá?", pergunto a Petrit, indicando com a cabeça o quarto de Gabriel. "Claro, faça o que quiser", me diz ele, dando de ombros e acompanhando o gesto com um sorriso. Vou até o quarto de Gabriel e, assim que fecho a porta atrás de mim, tiro as botas e a jaqueta, deito-me na cama, no escuro, e fico esperando.

Quando a porta se abre, acordo sobressaltada. Sento-me e, com o braço, tento me proteger da luz repentina e não consigo ver o rosto de Gabriel. Por um longuíssimo instante ele fica parado,

encostado no batente, me examinando com olhos semicerrados. Sem dizer nada, fecha a porta atrás de si, deixa o capacete no chão e tira a jaqueta, devagar, como se estivesse muito cansado. Não me encara uma vez sequer, não me diz nada. Cada gesto seu é só para ele mesmo, eu não estou. Depois de alguns instantes, vira-se para o interruptor e apaga a luz. Eu me reclino de novo e espero, sem saber o que fazer, o que dizer. Pergunto-me por que vim, e a situação me aparece em todo o seu absurdo. Sinto-me uma louca. Eu sou louca. Ainda escuto um atrito de roupas, um ruído de sapatos jogados em algum

ponto do quarto. Sinto que ele se deita no outro lado da cama.

"Eu não sabia para onde ir", digo baixinho, recuperando a coragem junto com a voz, "mas, se você quiser, vou embora". Ele não responde, permanece imóvel.

Lá fora começou a chover, as gotas estão batendo na vidraça. Começo a sentir frio e, sem pensar, me enfio embaixo do cobertor, e Gabriel faz o mesmo, logo depois. Então se vira para mim e me abraça, delicadamente, como se temesse que um gesto errado pudesse me fazer escapulir. Retribuo sem dizer nada, agradecida por ele não me fazer perguntas.

Neste preciso instante, se alguém nos visse observaria uma figura semelhante a um daqueles desenhos de ilusão de ótica: somos nós, assim abraçados, mas também outra coisa, que antes não conseguíamos ver porque estávamos muito longe. Permanecemos longamente apertadas um ao outro antes de começarmos a nos beijar e depois a nos despir, devagar, espalhando as peças ao redor.

A cama agora é um barco e as roupas se afastam, flutuam à deriva. O mar que nos embala é negro e denso e esconde os corpos e os rostos. Fazemos amor como dois desconhecidos que não voltarão a se ver, como duas sombras que se

destacaram do escuro para se encontrar nesta cama.

Por fim, ficamos abraçados demoradamente e, logo quando estou prestes a cair no sono, Gabriel me diz: “Eu te esperei, naquele dia.”

2046

Minha mãe gostava muito de um filme intitulado *2046*, de um diretor que se chama Wong Kar-wai. É um filme sobre o amor e sobre as recordações de amor. Ela adorava certos filmes

estranhos, cheios de nostalgia. Desse, até comprou a trilha sonora.

Eu sei por que a mamãe gostou tanto daquele filme. Também esperava sua história de amor, aquela verdadeira, que ela não esqueceria nunca, que reviveria em suas lembranças, sempre com a mesma intensidade. Penso que desejava um homem que sem ela se sentisse perdido, que a levasse sempre consigo, aonde quer que fosse. Só que, primeiro, esse homem nunca existiu, e depois não houve mais tempo.

Se ela estivesse aqui agora, eu cobriria seus olhos com a mão e lhe perguntaria qual era sua recordação de amor. Como a androide do filme, eu

seria a guardiã dessa lembrança. Mas, em vez disso, não tenho segredos a guardar.

Minha mãe gostava de me contar os filmes. Sempre que voltava do cinema, me dizia ter uma bela história para me contar e, enquanto ela falava, eu lia nos seus olhos o desejo de uma vida mais intensa, diferente. Durante seu último ano de vida, assistimos a muitos filmes. Nós os víamos juntas na cama, mas ela sempre adormecia antes do fim, vencida pelo cansaço e pela dor. De vez em quando eu observava seu sono e acabava de ver o filme sozinha. No dia seguinte, de brincadeira, dava-lhe uma bronca, e ela dizia "desculpe,

Alessandra, eu estava cansada", e então era eu quem lhe contava o enredo, ou então lhe pedia que adivinhasse o final.

Ainda e sempre escuto aquela frase: eu estava cansada, estou cansada. E então eu já sabia o que significava: que, pouco a pouco, não faríamos mais nada juntas.

Recordo uma tarde, não mais que três meses após a cirurgia, em que saímos porque ela queria comprar um jogging novo, e tivemos de voltar logo porque de repente as pontadas de dor eram tamanhas que ela não conseguia ficar de pé. Eu a vi empalidecer, enquanto a vendedora lhe mostrava o blusão de um jogging azul-escuro. Ela me sorriu e

pediu uma cadeira para se sentar, e depois me disse baixinho, para não ser ouvida pela moça: “Ligue para sua avó, Alessandra, não estou aguentando”, e eu lia a dor em seus olhos, enquanto com seus braços magros ela se segurava aos meus para conseguir se sentar, e a vendedora perguntava “A senhora está passando mal?”, num tom que queria ser gentil, mas que deixava transparecer a irritação pela venda perdida. Minha mãe se desculpou e depois me mandou comprar o jogging, aquele ou qualquer outro, tanto fazia. Eu queria dizer algo à vendedora, mas fiquei quieta, porque deixaria minha mãe ainda mais embaraçada.

No carro, fiz um esforço imenso para conter as lágrimas. O medo me apertava a garganta, e eu não conseguia dizer nada, as palavras tinham virado areia.

27 DE DEZEMBRO

Quando acordo, não encontro Gabriel ao meu lado, e a casa está mergulhada no silêncio. Saio da cama morrendo de frio e, tateando, procuro o interruptor: a luz que banha o quarto

com seu feixe amarelo faz tudo parecer ainda mais surreal. Recolho minhas coisas do chão, me visto às pressas e vou até a cozinha. Encontro-o de pé junto ao fogão, às voltas com a cafeteira. "Bom dia", me diz, virando-se um pouquinho, "quer café?" "Sim, obrigada", respondo, e permaneço na entrada da porta, pouco à vontade. "Se quiser se arrumar, coloquei para você umas toalhas limpas no banheiro. É todo seu. Petrit só volta mais tarde." "Obrigada", respondo, passando a mão pelos cabelos. Depois me viro e fujo para o banheiro. Sou grata a ele por ter me tirado do embaraço. Quando saio, o café está pronto, e sobre a mesa, junto

da xícara, há um pratinho com biscoitos. Bebericamos o café em silêncio, evitando cuidadosamente nos olhar, eu encostada à mesa, ele apoiado no fogão, a luz fria e azulada do início da manhã entrando pela porta.

"Dormiu bem?", me pergunta instantes depois, lançando-me uma rápida olhada.

"Dormi, e você?"

"Eu também", responde, e logo acrescenta: "Gosto de dormir quando está chovendo."

"Eu também, muito", digo, relembrando quando esta noite acordei e fiquei escutando a chuva cair.

“Vai embora tão cedo?”, pergunta, enquanto enxágua a xícara. Depois a coloca em cima da pia, vira-se e se aproxima de mim. Abraça-me devagar e pousa os lábios no meu pescoço. “Sim, preciso ir, minha avó deve estar preocupada”, sussurro, com o rosto afundado em seu moletom azul. “Vou te dar o número do meu celular, se você quiser, me ligue”, cochicha ele em meu ouvido e depois começa a me beijar e me acariciar. Ficamos ali na cozinha, assim abraçados, por um tempão, e por fim digo a mim mesma que não há pressa e voltamos para o quarto.

Em casa, encontro a vovó já de pé. Está na cozinha. Repito mecanicamente

a desculpa que preparei durante o trajeto, e respondo antes mesmo que ela me faça a pergunta. “Dormi na casa de Sonia”, vou logo dizendo, “depois da festa começamos a conversar e eu me esqueci da hora”. Ela tem o rosto tenso de quem dormiu mal e percebe-se que não acredita numa só palavra do que eu falei. Encara-me por alguns instantes e em seguida diz: “Na próxima vez, me telefone, mesmo que seja tarde. Não me deixe preocupada”, mas não é isso que queria me dizer. Falta-lhe a força para me repreender a sério.

De repente, sinto-me muito cansada. Seu olhar pesado me deu uma bela dose de sentimento de culpa, que me dá logo

vontade de dormir. Mais tarde, pensarei num jeito de me fazer perdoar.

Quando estou no corredor, me detenho e fico olhando a porta do quarto de minha mãe.

Isso acontece comigo com frequência: me ver ali em frente e ter medo de entrar.

Amputaram um quarto da casa, ele está ali mas é como se não existisse. É uma porta fechada, e atrás dela só há coisas, objetos.

Nos últimos meses, arrumamos tudo, mas alguma coisa ainda aparece, esquecida pela casa: um papelzinho com a lista de supermercado, um número de

telefone anotado às pressas num envelopinho vazio de açúcar.

Conservamos tudo o que encontramos, e guardamos numa das gavetas, como se de uma hora para outra ela pudesse nos perguntar onde estão essas coisas.

Tudo o que era seu, mãe, agora está no seu quarto, naquele pulmão enfermo que se tornou sua ausência.

28 DE DEZEMBRO

Hoje também estive com Gabriel, mas não foi tão bonito quanto ontem. Não que ontem tenhamos feito grande coisa, além de ficarmos trancados no quarto dele por toda a tarde, mas eu

gostei. Fizemos amor e depois assistimos a um daqueles filmes velhíssimos que passam na tevê nessa época. Foi divertido, me senti bem. Hoje, ele deveria me ligar na hora do almoço, mas já eram duas da tarde e ele ainda não tinha se manifestado, então eu telefonei e marcamos encontro na casa de Petrit, mas ele não parecia muito convencido de querer ficar comigo. Como o tempo estava fechado e fazia frio, eu levei dois filmes para vermos juntos. Mas, depois de apenas dez minutos, ele quis sair para dar uma volta de motoneta. Montei na garupa, fomos primeiro à beira-mar e depois subimos a colina. Na praia, passeamos por uns

quinze minutos e parecíamos duas pessoas que fazem o mesmo caminho por acaso. A certa altura, parei e ele continuou em frente, sem sequer se voltar para ver onde eu estava. As palavras que trocamos podem ser contadas nos dedos de uma mão. Não suporto quando ele faz isso: se não queria me ver, bastava me dizer não. Quando voltamos à sua casa, tive que subir porque havia esquecido o celular no quarto. Petrit estava na cozinha. Eu devia estar com uma tromba comprida até o chão, porque ele percebeu e, quando voltei, me perguntou como iam as coisas. Dei de ombros e devo ter feito uma cara engraçada, que o fez

sorrir. “Hoje de manhã, a mãe dele veio aqui”, me disse baixinho, como se quisesse me dar uma explicação para aquela tarde que não tinha sido como eu esperava. “Eles sempre brigam”, continuou, “depois ela chora e ele fica assim”. “Por que brigaram?” “Gabriel não quer que a mãe fique com o pai. Ele bebe e não trabalha mais, rouba o dinheiro dela e a trata mal, muito mal”, explicou Petrit, e acompanhou esta última frase com um olhar preocupado. Entendi e em seguida me despedi dele, porque Gabriel estava me esperando lá embaixo.

Deu-me um beijo apressado e não me perguntou se eu tinha algum programa

para a noite ou para o dia seguinte. Eu também não lhe perguntei nada e fui embora sem sequer responder ao seu tchau. Talvez, depois daquilo que Petrit me contou, eu devesse ser mais compreensiva, mas cada um de nós tem seus problemas, e essa não é uma boa razão para tratar mal o mundo.

Que belas férias, pensei quando voltava para casa, justamente o que eu precisava.

Ontem de manhã me encontrei com Sonia, que se desculpou pela outra noite, explicando que estava nervosa e que por estes dias se comporta assim com todo mundo, não é só comigo. Depois, entre uma coisa e outra, surgiu mais uma vez o

assunto Giovanni, e, quando a notei sondando de novo o terreno, encarei-a bruscamente pedindo que parasse com aquilo, e acrescentando que ela parecia uma retardada, por ficar atrás de alguém que não lhe dá a mínima. Depois, como se o que tinha falado já não fosse suficiente, eu disse também que ela era a última com quem Giovanni queria ficar. Em um segundo ela empalideceu, enquanto as lágrimas lhe enchiam os olhos. “E o que você sabe disso?”, gritou. Estávamos no Caffè del Centro às onze da manhã, e metade da cidade também. Friamente gentil, pedi-lhe que se acalmasse, mas não adiantou nada. “Que merda você sabe?”, rebateu, a voz

dois tons mais alta do que o normal, o olhar de histérica. Eu não aguentava mais, não tinha vontade de ficar explicando, escutando, compreendendo. Só me deixara arrastar até ali para poder dizer a mim mesma que ainda faço coisas normais, no fundo sou aquela de sempre, e o mundo, comigo dentro, ainda é o mesmo. Por fim, me lixei para os que nos olhavam — duas garotas brigando, afinal qual é o problema? — e deixei que desabafasse, mostrando um controle do qual nunca me acreditaria capaz. Sonia me xingou de escrota duas vezes, e eu nada, fiquei olhando o penteado da senhora na mesa diante da nossa e me perguntando quantos anos ela

teria. Quarenta e cinco? Cinquenta esplendidamente suportados, como Sharon Stone? E eu seria assim aos 50 anos? Seria bonita, feia, infeliz? Nem sequer olhava mais para Sonia. Seu ataque histérico estava literalmente me nauseando. No fundo, ela sofre, pensei, mas não me importa.

Mas e o amor, aonde foi parar?

29 DE DEZEMBRO

Depois da voltinha de ontem, ainda nenhuma mensagem de Zerolândia. É como diz Petrit, provavelmente Gabriel quer ficar por conta dos próprios assuntos. Agora, porém, sou eu que não

quero ficar sozinha. Não aguento passar o tempo todo presa aqui em casa, pensando. Eis por que disse sim a Giovanni, quando ele apareceu hoje. Sua visita foi uma verdadeira surpresa, ainda que, depois do presente de Natal, talvez eu quase a previsse. Ele tinha ido ao treino de vôlei e ainda estava com os cabelos molhados. Perguntou se eu tinha programa para o ano-novo e se queria ir passá-lo com ele. A mãe irá para a casa de amigos e ele organizou uma festinha, coisa para poucos. Falou com uma seriedade que me fez sorrir, porque parecia um convite para o Palácio de Buckingham, e não o encontro de sempre entre os conhecidos de sempre. “Sonia

vai?”, perguntei à queima-roupa. “Não”, respondeu ele, me fitando direto nos olhos, “não a convidei. Por quê? Acha ruim?” Nem sequer respondi, a resposta ele já sabia, porque naquela noite nos viu brigando. “E os outros, quem são?”, continuei, e também esta me pareceu uma pergunta inútil, porque conheço quase todos os amigos dele, ao menos de vista. “Você conhece todos”, confirmou, e enumerou uma série de nomes. “Não sei”, respondi, “vou pensar”. “Você está com aquele cara?”, perguntou, aborrecido. “Que cara?”, perguntei por minha vez, fingindo não ter entendido. “Ora, você sabe muito bem de quem estou falando.” Mantinha a

vista sobre a bolsa de ginástica no chão, entre os pés, e depois voltou a me encarar com aqueles fabulosos olhos verdes. “Por que você quer que eu vá à sua festa?”, perguntei, cortando o assunto. “Porque é uma oportunidade de estarmos juntos um pouco e de nos conhecermos melhor”, respondeu tranquilo, sem baixar o olhar. E acrescentou: “Aliás, se você não tiver compromisso para amanhã à noite, que tal fazermos alguma coisa? Uma pizza, um cinema, o que preferir. Assim, vai descobrir que eu sou um canalha simpático e que você tem mais um amigo.” Deu um chutezinho na bolsa e em seguida me dirigiu um sorriso aberto,

sincero. Lindo. Impossível ficar indiferente, a beleza dele é quase hipnótica. A gente não consegue parar de olhá-lo porque fica pensando que a certa altura entenderá de onde ela vem, se são apenas os olhos, ou os lábios bem desenhados, ou os cabelos recém-cortados que lhe caem desfeitos sobre a testa e acentuam o olhar. É inegavelmente um belo conjunto, uma maravilha da natureza. Mas, enquanto o olhava, eu pensava em Gabriel, e, no momento exato em que disse a mim mesma que não deveria, aceitei. Talvez seja isto mesmo, pensei, talvez eu descubra que tenho mais um amigo. "Ok, tudo bem", respondi, silenciando todas

as vozinhas na minha cabeça que gritavam o contrário. “Pizza ou cinema?”, perguntou ele, todo contente. Não creio que esperasse um sim. “Vamos dar uma volta, depois veremos”, sugeri, cautelosa. “Ok, então venho te buscar às nove e meia”, disse, e se inclinou para apanhar a bolsa. “Ok, às nove e meia”, repeti. Enquanto o observava subir na moto, pensei que ainda poderia detê-lo para dizer não, mas por fim fiquei olhando enquanto ele se afastava.

Claro que depois me lembrei do Mouse, mas refleti que aquela noite não valia, que nós dois tínhamos bebido e que, afinal, se ele tinha sido escroto uma

vez não significava que seria sempre. Seria uma oportunidade para conhecê-lo melhor, no fundo o que eu sabia dele, além das poucas coisas que todos conhecem?

Sei que mora com a mãe, uma bela mulher que passou um pouco dos 40 e possui uma das butiques mais prestigiosas da cidade. O pai, um pequeno empresário local, trocou-os pela secretária de 30 anos, com quem, dois anos atrás, teve um filho. Por algum tempo a mãe esteve mal e depois arranjou outro, um arquiteto cheio da grana, de quem Giovanni não gosta. A nova companheira do pai também não lhe agrada, portanto cuidado para não

lhe falar deles e especialmente do novo irmão. Giovanni não é do tipo que apronta confusão, mas na verdade só faz o que lhe dá na telha, estuda apenas o suficiente para que lhe comprem as coisas que ele quer. Os amigos, a moto, o vôlei, a garota do momento e um monte de dinheiro, muito. Se a gente o pegar num bom momento, ele até é muito divertido, mas na maioria das vezes tem uma expressão aborrecida e tensa, embora sua cara bronqueada o deixe até mais bonito. Quando aceitei, percebi que ele estava realmente contente, e não como naquela noite no Mouse, quando até me deu um pouco de medo.

Tento parar de pensar em Gabriel com uma sacudida de ombros, mas não basta, ele persiste. Não se manifesta desde ontem e não tenho vontade de ligar outra vez para passar uma tarde sentindo que estou sobrando. Preciso ver outras pessoas, digo a mim mesma, mas depois, por todo o dia, não faço outra coisa a não ser conferir o celular.

30 DE DEZEMBRO

Às nove e meia em ponto, Giovanni está em frente à minha casa. Vamos para o centro de motoneta e depois resolvemos andar um pouco e achar um local onde beber alguma coisa. Por

sorte, não há muita gente circulando e conseguimos encontrar dois lugares na cervejaria. Conversamos muito, e realmente ele me surpreende com todas as coisas que sabe, e ainda por cima tem uma verdadeira paixão pelo cinema. Não lhe digo que era a coisa de que minha mãe mais gostava, mas não consigo evitar imaginar os dois juntos, falando de seus filmes preferidos. Uma hora se escoa tão depressa que nem sequer percebo, parecemos velhos amigos que se reveem depois de muito tempo. Quando saímos do local, estou tranquila e realmente me sinto bem, e assim, quando ele me convida para sua casa a fim de assistirmos a um filme, me

parece natural aceitar. “Não vamos incomodar sua mãe?”, pergunto a certa altura. “Minha mãe saiu para jantar, e em geral volta tarde”, diz, “não se preocupe. De qualquer modo, ela não reclama se de vez em quando eu levo alguém”, e conclui: “Basta que eu não toque fogo nas cortinas e molhe as plantas.”

A casa de Giovanni é linda. Dois andares, interiores brancos e luminosos, parece uma daquelas que a gente vê nas revistas. Assim que entro, fico sem palavras e minha expressão de espanto não passa despercebida. “Sossegue, é só uma casa, e não o palácio de Versalhes”, diz ele, sorrindo.

“É maravilhosa”, digo, retribuindo o sorriso. “Obrigado”, diz ele, “legal que você gostou. Venha, vamos lá em cima, quero lhe mostrar o resto”.

Para subir, percorremos dois lances de uma escada de madeira escura, com parapeito em plexiglas. Lá em cima há três quartos de dormir e dois banheiros que parecem salas. O quarto de Giovanni é grande e, além da cama, há um sofá e um móvel baixo para a tevê. Desnecessário dizer que esta é uma daquelas de plasma, quase tão grande quanto as telas dos cineminhas de arte, e, considerando-se o tamanho do aposento e a qualidade do aparelho, o efeito é magnífico. A cama é baixa, e a

cabeceira é da mesma cor dos painéis do guarda-roupa. Ao pé da cama há um pufe escuro onde foi pousada uma pilha de jeans recém-passados a ferro. Uma escrivaninha de madeira maciça e uma estante de metal opaco completam a obra do decorador. Não existem pôsteres nem fotos nem outros trecos, e tudo está perfeitamente em ordem. Minimalista, é assim que se diz, acho. Giovanni me aponta a fileira dos DVDs e me manda escolher o que eu quiser ver. Pego uma comédia à qual já assisti, mas não lhe digo, porque revê-la me agrada, e assim nos acomodamos no sofá. Giovanni me passa um braço pelos meus ombros e me ajeita sobre os

joelhos uma manta supermacia que ele tirou do guarda-roupa. Pega um dos dois controles remotos que tem no colo e apaga as luzes. Depois, aciona o leitor de DVD.

Começamos a ver o filme e, umas duas vezes, eu me flagro pensando em Gabriel, em seu quarto despojado, em como é estar com ele, embora às vezes tudo pareça complicado, e encontrar as palavras certas seja tão difícil. No entanto, agora sinto falta de alguma coisa dele, alguma coisa que não existe neste quarto belíssimo, sua presença silenciosa e calma.

Estamos no meio do filme, mas já nenhum dos dois ri, perdidos nos

próprios pensamentos. A certa altura Giovanni se vira para mim e me dá um leve beijo no pescoço, em seguida outro, pouco abaixo da orelha. Afasto-me delicadamente, talvez demais, porque ele não capta logo a mensagem e insiste, me abraçando, procurando minha boca com a sua. Revivo por um instante a cena no Mouse e começo a me sentir desconfortável. Então o empurro com as duas mãos e digo baixinho que não estou a fim. Agora me sinto uma cretina total. Pronto, mais uma das minhas cagadas de sempre, só que desta vez tenho a sensação de que não vou me safar com alguma desculpa, e de fato estou para dizer que talvez seja melhor eu ir

embora quando o vejo mudar de expressão.

"E quer ir para onde, vai procurar seu amiguinho marginal?" Um sorriso perigoso, os olhos repentinamente frios.

Eu o encaro e naqueles olhos vejo um ódio e uma raiva que me deixam logo em alerta. Não respondo.

"E então, quer ir para onde?", repete ele em tom cortante.

"Para casa", digo, e minha voz parece um sussurro. Esboço um sorrisinho nervoso. Tento me levantar do sofá, mas ele me segura por um pulso e me senta de novo com um puxão. De repente começo a tremer e olho em

volta, com a sensação de ter caído numa armadilha.

"Você não vai a lugar nenhum, entendeu bem?", rosna Giovanni, inclinado para mim, me apertando o pulso com mais força ainda, e quando tento me soltar ele me esmaga com todo o seu peso.

Grito para que me largue, depois tento afastá-lo com toda a força que tenho, mas ele é mais forte, e enquanto com uma mão me bloqueia os braços acima da cabeça, com a outra me levanta primeiro a camiseta e em seguida o sutiã.

Sinto na boca o sabor do medo, e o coração me explode no peito e nos

ouvidos. Grito, mas é como se não escutasse mais a minha voz, enquanto o quarto começa a rodar. Já não sou eu, sou um animal empalhado de medo, e quando sinto a mão dele entre as pernas taco-lhe uma joelhada que o faz relaxar a pressão sobre meus braços. Consigo me libertar e me levantar do sofá, mas ele é mais ágil do que eu e me dá um empurrão com tal violência que rolamos juntos no chão, e começa uma luta de arranhões e tapas, enquanto sinto as lágrimas me banharem o rosto e o medo me apertar a garganta ainda mais. Ele me xinga de vagabunda, de puta, depois me agarra pelos cabelos e me dá um tabefe que me tira o fôlego. Em soluços,

suplico-lhe que pare, mas é tudo inútil. Ele me puxa por um braço e me faz levantar de novo, mas, enquanto me arrasta para a cama, dou-lhe um chute numa perna. Ouço-o gemer, mas agora, em vez de me largar, ele me acerta um soco no estômago com a mão livre e eu vou parar no chão, caída de costas. Da garganta me sai um som rouco, um som ruidoso que não parece me pertencer. Sou o animal que estão matando de pancadas. Encolho-me e levo os joelhos ao peito por causa da dor, começo a tremer convulsamente, e, quando o sinto aproximar-se de novo, o terror me provoca uma onda de náusea que me invade o estômago e me faz vomitar.

“Caralho, que nojo!”, ouço-o dizer. “Caralho, que nojo!”, repete. Reabro os olhos e o vejo de pé, acima de mim, gritando: “Agora limpe, entendeu bem?”, os traços alterados por uma raiva cega.

Faço sim com a cabeça e o vejo dirigir-se ao banheiro. Instintivamente compreendo que é minha oportunidade e, indiferente à dor, com um esforço sobre-humano me firmo nos joelhos já debilitados. No momento em que ele abre a porta do banheiro, me levanto e sinto a adrenalina invadir cada célula do meu corpo. Em dois segundos estou fora do quarto e corro escada abaixo, depois em direção à porta, e quando estou lá

fora começo a gritar, ali mesmo, no patamar, com todo o fôlego que tenho na garganta, mas não me detenho, continuo correndo até quando já estou na rua.

Não me viro para trás, corro sem saber aonde estou indo. Atravesso sem olhar e por pouco um carro não me atropela. Ouço o barulho da buzina e é como se ela me explodisse no peito, junto com o coração. Escorrego algumas vezes, batendo violentamente os joelhos no chão e, enquanto me apoio nos braços para me reerguer, sinto-os vibrar como se alguém estivesse me sacudindo com força. Recomeço a correr. Assim que vejo o portão aberto de um prédio, entro e me apoio à parede. Deslizo com as

costas até o piso e abraço os joelhos. Tento parar de tremer, mas não consigo, enquanto o ar me queima os pulmões, provocando-me uma fisgada de dor insuportável. A luz se acende, escuto vozes. Levanto-me e volto para fora, e, quando o ar frio me gela o suor sobre o corpo, um violento arrepio me faz estremecer. Tento guardar meus pensamentos. Olho ao redor, mas não há ninguém. Recomeço a correr, mas agora não consigo mais, então vou caminhando. Para casa.

31 DE DEZEMBRO

Acordo quase às onze. Quando cheguei ontem à noite, entrei com a chave de reserva que mantemos escondida no jardim. Tudo — minha jaqueta, a bolsa, a motoneta — ficou na

casa de Giovanni. Fui ao banheiro e tomei uma chuveirada, mantendo os olhos fechados, as palmas das mãos apoiadas à parede, deixando que a água escorresse demoradamente e levasse todo o frio e o medo. Tentei fazer o mínimo de barulho, mas por sorte a vovó já estava dormindo e não acordou. Quando saí do banho e me vi no espelho, fiquei apavorada. Minha expressão estava transtornada, os olhos pisados, a pele do rosto lívida, sem cor. Embrulhei-me no roupão quentinho e me sentei no chão, com as costas apoiadas à parede. Não fazia senão repetir "mamãe, mamãemamãemamãe", baixinho, sem conseguir interromper aquela ladainha

sussurrada, como se ela pudesse me ouvir, como se ela ainda pudesse me salvar. No quarto, vesti o pijama, devagar, e tudo me doía: as costas, os braços, mas sobretudo a barriga. Tentei não pensar em nada, atordoada por aquela violência tão repentina e barulhenta que ainda ressoava na minha cabeça com seus ruídos surdos, em contraste com o pesado silêncio da casa toda. Parecia-me que o mundo tinha virado de cabeça para baixo e voltado à posição normal em poucos segundos, impedindo-me de compreender o que tinha acontecido. Enfiei-me embaixo das cobertas e comecei a chorar baixinho e a

tremer, e continuei até que, esgotada, adormeci.

Agora sinto frio e, quando levo a mão ao rosto, sinto-o superquente. Procuro lembrar os acontecimentos de ontem à noite, mas, a cada vez que tento, algo dentro de mim se recusa, e eu fico imóvel na cama, como um daqueles animais hipnotizados pelos faróis dos carros, que se limitam a esperar a pancada.

A vovó entra devagarzinho e, quando percebe que acordei, me pergunta como estou. Já sinto uma nota de preocupação em sua voz: tento me proteger com as cobertas, para ela não ver meu rosto, e respondo que estou com febre.

Ela me olha e depois, sentando-se na beira da cama, pergunta por que deixei a motoneta com a bolsa e a jaqueta em frente ao portão. Foi a senhora que mora ao lado quem percebeu: hoje de manhã cedo, saiu para levar o cachorro lá fora e tocou aqui em casa, informando a vovó. Quando esta viu a motoneta com todas as minhas coisas em cima, alarmou-se e veio logo me procurar no quarto, para se assegurar de que eu estava em casa, mas me deixou dormir, transferindo as explicações para mais tarde, ou seja, agora, mas a verdadeira explicação eu não posso dar: afinal, foi culpa minha, não? Fui eu que aceitei ir à casa dele.

A vovó fala baixo como se intuísse que devia ter me acontecido algo desagradável e talvez até terrível. Tento pensar às pressas numa desculpa, mas assim, na lata, não me ocorre nada melhor do que dizer que briguei com minhas amigas e vim embora de repente, pela raiva, e depois, fingindo ainda estar sonolenta e cansada, peço que me deixe dormir um pouco mais, digo que falaremos depois. Em seguida me viro de lado e espero que ela tenha caído na conversa. Sinto que ainda está me olhando e intuo toda a sua preocupação. Ouço-a levantar-se e dirigir-se para a porta sem falar nada. Depois se detém e me diz: “Hoje à tarde Claudia vem aqui,

quem sabe vocês conversam?" Levanto um pouquinho a cabeça do travesseiro e pergunto: "Foi você quem a chamou?" Ela balança a cabeça e responde que Claudia ligou ontem à noite, para saber o que vamos fazer no ano-novo. Eu a encaro e sei que ela está mentindo, que deve ter procurado Claudia quando viu todas as minhas coisas lá fora. Não importa, me alegra que Claudia venha, assim posso me distrair. "E você, o que disse?", pergunto, me metendo de novo embaixo das cobertas. "Nada, falei que você certamente iria passar com seus amigos", responde, desviando o olhar de mim para a escrivaninha em frente à cama. "Tenho certeza de que estou com

febre", digo de repente, "você me traz uma aspirina?" Acena que sim e suspira profundamente. Sei em que está pensando, porque é na mesma coisa que eu, embora por motivo diferente: estou pensando na minha mãe porque tenho medo, e ela porque não se acha suficientemente forte para enfrentar tudo isto.

Depois de tomar a aspirina, adormeço profundamente. Quando acordo são duas da tarde, mas Claudia ainda não chegou. Sinto-me exausta e meus músculos estão doloridos, mas acima de tudo o que mais me incomoda é aquele soco no estômago. Em todos os sentidos. Apoio-me um pouco nos

cotovelos e vejo que minha bolsa está em cima da cadeira da escrivaninha. Pego-a e confiro o celular: nenhuma mensagem. Melhor assim, penso, embora saiba que não é verdade e que, depois da noite passada, já não terei coragem de ligar para Gabriel. Depois da noite passada, me pergunto o que ainda terei coragem de fazer. A simples ideia de voltar à escola e rever Giovanni me deixa em pânico. A quem eu poderia contar? E, afinal, contar o quê? Ninguém nos viu, ninguém sabe que saí com ele, ninguém, acho, o viu me devolver a motoneta. Sinto-me indefesa, esmagada pelo medo. Vou encontrar uma

desculpa, não voltarei à escola até o fim do ano letivo.

Se você estivesse aqui, iria me bombardear com perguntas e já teria telefonado a todas as minhas colegas para saber a verdade. Se você estivesse aqui, eu não estaria tão imóvel nesta cama de medo. Deixo-me recair sobre os travesseiros e me sinto desesperada e vulnerável.

Claudia chega. Depois das frases habituais, ouço a vovó baixar a voz e lhe dizer alguma coisa, e em seguida os passos de Claudia se aproximam da minha porta. Bate de leve e entra sem esperar resposta. Só de vê-la eu caio no choro, ela se senta na minha cama e me

abraça com força. “Você está queimando de febre”, diz. Continua me abraçando e me embala devagar. Não me pergunta nada, simplesmente me mantém assim, mas não adianta para afastar a angústia, o desespero de ontem à noite e de todos estes meses. Pouco depois adormeço como se, à minha revelia, meu corpo tivesse decidido não sentir mais nada.

Claudia ficou conosco para o ano-novo. Disse que não fazia questão de ir à sua própria ceia e eu fiquei realmente feliz. Não me fez perguntas, disse apenas que está aqui, para o que for preciso. Provavelmente a vovó lhe explicou que foi uma briga entre amigas, e ela também deve ter acreditado.

Logo depois da meia-noite Angela também telefonou, da montanha. Está lá com os pais, o velho não vem passando bem e ela não quis deixá-los sozinhos. Disse que na próxima semana vem nos ver. Quando passei o celular a Claudia, ela se afastou e compreendi que estavam falando de mim. Com Claudia aqui, eu me senti melhor, ainda que o medo não tenha passado. A febre ainda está alta e às vezes começo a tremer e não consigo parar. O corpo recorda tudo e tenta me sacudir, quer que eu fale, para se sentir em segurança, protegido.

Desisti de ficar conferindo o celular, como se dali pudesse me chegar algo ameaçador. Claudia ajudou a vovó a

preparar nossa festinha a três. Todas comemos pouco, e a muito custo fiquei acordada até o brinde da meia-noite. Antes de ir dormir, abracei Claudia com força e agradeci uma infinidade de vezes.

2 DE JANEIRO

Hoje Claudia foi embora, mas prometeu que voltará logo e disse que, se eu quiser, posso ir passar uns dias com ela. Respondi na mesma hora que gostaria muito. Perguntei quanto tempo

poderia ficar, e ela disse que todo o tempo que eu quiser. Eu não queria que ela partisse preocupada, então contei que havia brigado com minha melhor amiga por causa de um garoto e que, num momento de raiva, tinha deixado a festa, como uma louca, porque estava furiosa com ela. Por sorte Claudia me fez aquelas perguntas meio tolas de mulher, tipo se estou apaixonada por esse garoto, e se se trata de uma amizade importante, portanto não precisei entrar em detalhes. Não gostei de mentir para ela, mas sinto que não tinha escolha. Mamãe me acuaria até que eu lhe dissesse toda a verdade, e com isso me

salvaria de mim mesma, assim como de Giovanni.

A febre baixou, mas ainda me sinto fraca. Passo a manhã inteira na cama. À tarde, acordo com o som do interfone. Ouço vovó atender e em seguida seus passos no corredor. O sangue gela em minhas veias. Imagino que poderia ser Sonia, ou então Giovanni — teria vindo fazer o quê? —, mas a vovó aparece na porta do quarto e me diz: "É Gabriel, um amigo seu, mandei entrar."

Fico imóvel, muda, uma estátua. Estou dividida entre a felicidade, ou algo semelhante, e o sentimento de culpa. A vovó vai recebê-lo. Ouço os passos se aproximarem e em seguida

uma leve batida na porta. Assim que o vejo ali, parado, me olhando, compreendo muitas coisas e me dou conta de como fui tola. Recebo-o com um sorriso sem graça, mas espero que mesmo assim ele perceba quanto estou contente.

"Oi", ele diz, meio constrangido, olhando ao redor.

"Oi", respondo baixinho, enquanto tento me recuperar da surpresa. "Fique à vontade", digo, e aponto a cadeira da escrivaninha.

Ele sacode a cabeça algumas vezes e permanece imóvel no meio do quarto. "Não vou demorar", e acrescenta "passei só para dar um alô".

A vovó ficou alguns passos atrás dele. “Estou lá na cozinha, Alessandra”, diz, “se vocês precisarem de alguma coisa, me chamem”, e sai, deixando-nos sozinhos.

“Sente-se”, repito, apontando de novo a cadeira.

“Eu te mandei duas mensagens”, diz Gabriel, entrando logo no assunto, “você não me respondeu”. O tom é calmo, mas é impossível não perceber uma pontinha de irritação.

“Não”, respondo, “ou melhor, eu não vi, tenho andado doente. Não pego no celular há pelo menos dois dias”, explico, esperando que ele acredite e sabendo que provavelmente essa é a

única verdade que poderei lhe contar. Em seguida acrescento: “Estou contente por te ver.”

Ele me encara sem falar nada, como se tentasse descobrir se estou sendo sincera.

“Você não me ligou mais”, corta, afundando as mãos nos bolsos da jaqueta, que ele não tirou. “Achei que você havia saído com algum dos seus amiguinhos”, diz. Desta vez, deixa transparecer todo o sarcasmo e me fita diretamente nos olhos.

“Você também não, portanto estamos empatados”, respondo, não muito convencida, e enquanto isso penso que,

se ao menos um dos dois tivesse telefonado, eu agora não estaria assim.

Ele me olha como se intuísse que estou escondendo alguma coisa, e sinto meu coração bater forte. Por um instante, penso em lhe contar a verdade, mas sei que ele iria embora e eu não o veria mais.

"Não saí com meus amiguinhos", digo, tentando evitar seu olhar, e acrescento em voz baixa: "E, também, não imaginei que você se importasse", como se tivesse acabado de confessar o que sinto por ele e me envergonhasse.

O quarto se enche de um silêncio estranho. Sinto que, pela primeira vez, está acontecendo algo importante entre

nós e lamento profundamente não poder viver isso até o fundo. A sombra do medo é venenosa. Ele me olha como se estivesse avaliando se deve me responder ou não. Se eu mereço, se ele pode confiar. Por alguns instantes, só se escutam os ruídos que vêm da cozinha.

"O que você fez no ano-novo?", pergunto, para quebrar aquele silêncio que já não consigo suportar.

"Comemorei na casa de Petrit, só isso", diz, dando de ombros, e acrescenta: "Eu tinha lhe mandado uma mensagem perguntando se você queria ir. Não havia percebido que você tinha outros compromissos", conclui, em tom ofendido.

“Fiquei em casa”, repito, “não fui a lugar nenhum, lamento se você não acredita”.

Ele me encara bem nos olhos e compreendo que não acreditou nem um pouco na história do celular, e agora que me dou conta disso minha felicidade desmorona e eu fico enterrada sob a pilha de escombros da minha estúpida leviandade.

“Eu teria ido, se estivesse bem”, digo, e acrescento “e teria gostado muito, sério”, tentando em vão consertar.

Ele desvia o olhar e depois volta a me fitar. “Ok”, diz apenas, inspirando profundamente, “então a gente se vê na escola”.

“Não sei se vou voltar à escola”, me apresso a dizer, “talvez seja como você diz, não serve para nada”. Enquanto falo, minha voz treme. Espero que ele não tenha percebido.

“Mas ninguém vai te contratar como pedreiro”, diz, sem sorrir. Vê-se que a frase lhe escapou, e que ele não tem a menor intenção de brincar.

Dou de ombros e também não consigo rir. Tenho vontade de sair da cama e de abraçá-lo e de lhe dizer quanto fui estúpida e ingênua.

“Quanto tempo você deve ficar em casa?”, pergunta.

“Não sei, acho que mais dois ou três dias.”

“Então a gente se vê na escola. Sem falta”, e me encara sério, como se quisesse dizer que estará me esperando lá.

“Ok”, respondo, e tento sorrir, mas sinto as lágrimas se formando.

Ele se aproxima da cama e se inclina para me dar um beijo. No instante em que me beija, eu lhe envolvo o pescoço com os braços e o puxo para mim, afundo o rosto em sua jaqueta e, logo quando ele está assim tão perto, recomeço a tremer. Ele me aperta com força e sussurra: “O que você tem?” “Estou com frio”, respondo, “é a febre”.

Quando ele sai, pego o celular na bolsa, antes de me meter de novo sob as

cobertas. Há três mensagens, as de Gabriel e uma de Giovanni. Leio as de Gabriel: a primeira é aquela na qual ele me convidava à casa de Petrit para o ano-novo, a segunda a dos votos de boas-festas. Depois crio coragem e leio a terceira, a de Giovanni: "Feliz ano-novo, gatinha." Em um instante revejo a cara dele, escuto de novo sua voz, as palavras daquela noite, cheias de obscenidade e de raiva, e me deixo cair para trás, depois me deito de bruços e aperto o rosto contra o travesseiro, para não ouvir os soluços que chegam de repente e que não consigo conter.

9 DE JANEIRO

No dia em que volto às aulas, a ansiedade me esmaga os pulmões. Chego supercedo e me sento logo no meu lugar. Abro os livros, finjo recapitular as lições, passar anotações a

limpo. Depois conto quantos dias ainda deverei vir à escola: são muitos, para eu tentar me manter sempre escondida.

Depois daquela mensagem sádica, Giovanni não se manifestou mais, e Sonia também não me ligou depois da cena no bar, mas ela é o mal menor, e de fato quando chega me dou conta de que não estou nem aí, e o mesmo vale para as outras. Realmente é verdade, quando a gente tem um problema sério todo o resto desaparece. Hoje, porém, Sonia me parece mais tensa do que de costume. Mal cumprimentou Silvia, e quando Ilaria chega e se senta ao lado dela, as duas quase não se olham. Sabe-se lá o que aconteceu depois, naquela

noite, sabe-se lá por que brigaram. Bem, isso faz com que eu me sinta melhor, menos no olho do furacão. *Divide et impera, dividir para governar.*

Quando Gabriel chega, nos cumprimentamos para valer, pela primeira vez desde que estamos juntos na mesma mesa. Um belo "oi" que todos escutam e que desperta muito menos surpresa do que eu imaginaria. Alguns se voltam e nos olham, mas distraidamente, como se olhassem o escaninho, ou lá fora, pela janela. Nenhuma risadinha, nenhum comentário sussurrado. Nada de nada. No resto do tempo, seguimos o mesmo roteiro. Eu tomo notas e ele desenha, e enquanto

isso observo como suas mãos se movem sobre o papel, como seguram o lápis, e a certa altura fico tão fascinada que me dá vontade de abraçá-lo. Aproximo minha perna da sua, esperando que ele não perceba que estou fazendo isso de propósito, e quando, como única resposta, ele interrompe o desenho e com uma carícia toca minha perna por baixo da mesa, fico vermelha. A voz da professora chega até mim como se a aula fosse no corredor, e paro de fazer tudo: escutar, escrever, compreender. Esqueço até o medo com o qual cheguei à escola e que me acompanhará até em casa. Fecho os olhos e por um instante me imagino contando tudo a ele, penso

como seria se eu pudesse fazer isso a sério. Mas não posso, não quero. Ele não acreditaria, não ia querer mais ficar comigo. E quem pode lhe tirar a razão? Em seu lugar, eu faria o mesmo.

No recreio, não saio do lugar. Gabriel sai para fumar, mas quando se levanta não me diz nada. Tudo bem, aquele gesto de agora há pouco já me basta. Olho lá para fora e vejo as garotas conversando e rindo junto da janela. As únicas que ficam à parte somos eu e Sonia, que hoje quase me dá uma certa pena. Com certeza no verão passado ela não teve aquele namoro todo com Giovanni, mas talvez goste dele de verdade, embora só de pensar

isso eu sinta uma náusea, porque com certeza um cara daqueles nem sequer sabe o que é ternura. Sei lá o que Sonia diria se soubesse do que aconteceu, na certa o defenderia e brigaria comigo. Você procurou, me diria, e provavelmente teria razão.

Quando a aula recomeça, tento fazer o mesmo jogo de antes e volto a me concentrar nas mãos de Gabriel, mas desta vez não dá certo porque já estou pensando no depois, em quando tiver de sair daqui e correr o risco de encontrar Giovanni. Durante o recreio, em nenhum momento olhei para a porta e não tenho a mínima ideia de quais são as suas intenções. Isso de não saber é que me

mata, embora a mensagem que ele me enviou não prometa nada de bom. Quando lembro como ele me chamou no torpedo, aquele "gatinha" tão nojento e ofensivo, a única coisa que me ocorre é que sua vontade de brincar ainda não passou. Portanto, continuo com problemas.

Quando toca a campainha do último tempo, o único pensamento que tenho na cabeça é ir embora o mais rápido possível, voltar para casa. Despeço-me de Gabriel com um tchau apressado e me encaminho velozmente para a saída, sem esperar sua resposta. Assim que me vejo lá fora, corro para a motoneta e justamente quando estou colocando o

capacete, com mãos trêmulas, percebo uma sombra ao meu lado e me volto. Não sei por quê, mas mesmo com medo eu tinha pensado que se tratava de Gabriel. Meu sorriso morre nos lábios quando vejo Giovanni à minha frente.

Fico toda encolhida, e a primeira coisa que noto é que não consigo decifrar sua expressão. Ele me examina com calma, como se esperasse ver minha reação. Estou como que hipnotizada por esse olhar que não diz nada e que se assemelha ao dos répteis, sempre igual, sempre vigilante. Engulo em seco e torço para que ele não tenha percebido, depois instintivamente dou dois passos para trás e de repente me

flagro sorrindo com lábios trêmulos, enquanto a alça da mochila escorrega da minha mão. Por quê?, me pergunto. Por que, ao contrário, não começo a gritar? É desconcertante quanto estou lúcida e confusa ao mesmo tempo.

"Naquela noite não aconteceu nada. Bico calado, entendeu?", sibila ele, aproximando-se.

Não respondo e continuo a olhá-lo como uma palerma, capaz apenas de acenar com a cabeça, enquanto, com dificuldade, tento conter as lágrimas. Giovanni está para dizer mais alguma coisa quando, de repente, Gabriel se materializa às suas costas, e aquela

espécie de encantamento malévolo se interrompe assim que escuto a voz dele.

"Algum problema?", pergunta Gabriel, em tom ameaçador.

Vejo Giovanni se sobressaltar e se voltar rápido. Gabriel é maior do que ele pelo menos um palmo e o domina com sua altura, enquanto o fita com olhar severo.

"Que problema?", replica Giovanni, em tom seguro. Até demais, para quem não quer demonstrar medo. Talvez pense que ninguém percebeu, mas, quando ele viu Gabriel, eu notei aquele seu ligeiro tremor da pálpebra.

"Não sei", rebate Gabriel, sem parar de encará-lo, "por isso estou lhe

perguntando. Porque, se você tiver algum problema, podemos conversar", e acrescenta devagar, após uma pausa: "Mas só eu e você, como amigos", acentuando esta última palavra.

"Eu só estava perguntando se ela viu Sonia, não é?", diz Giovanni, virando-se para mim: dá as costas a Gabriel para esconder aquele olhar cheio de ameaças que me traz de novo a sensação de ter caído numa armadilha. Não é necessário pensar muito para compreender que ele acaba de me sugerir a resposta.

Concordo e ao mesmo tempo engulo em seco, enquanto procuro perceber se afinal a intervenção de Gabriel piora ou

melhora minha situação. Digo: “Sim, foi isso, não há nenhum problema.”

Os dois ainda se encaram por alguns instantes, até que Giovanni se despede de mim e se afasta. A expressão de triunfo que ele exibe na cara não escapa a Gabriel, que diz baixinho “escroto” e depois se volta para me olhar, enquanto puxa do bolso o maço de cigarros e tira um.

“O que ele queria com você?”, pergunta, em tom gélido.

“Sonia”, respondo, não muito convicta e evitando seu olhar, “ele me perguntou por Sonia”, acrescento, e apanho no chão a mochila.

Gabriel balança a cabeça algumas vezes e joga fora o cigarro recém-aceso. “Claro, Sonia, como não”, diz com um sorriso forçado. Dá um suspiro profundo e acrescenta apenas: “Como queira...”, e vai embora.

Enquanto o vejo afastar-se, tenho certeza de duas coisas: que Gabriel é realmente o único em condições de me proteger e que não posso contar a verdade a ele. Enfio o capacete e corro para casa ainda mais apavorada do que antes, embora tenha sido muito bom ver Giovanni bater em retirada daquele jeito.

Durante a tarde, tento me concentrar nos livros. Queria ligar para Gabriel,

mas me contenho: para dizer o quê? Para continuar mentindo? Da parte dele, nenhuma mensagem. O que me preocupa não é o fato, em si, de ele estar com raiva de mim, mas sim que o esteja por achar que entre mim e Giovanni existe alguma coisa e que eu estou curtindo com a sua cara.

Pego o celular e releio as duas mensagens que ele me mandou no final do ano, como se de repente pudesse entrever algo como "Estou com saudade" ou algo mais do que um simples "Feliz ano-novo" e "Quer vir à casa de Petrit hoje à noite?". Por que fui tão idiota? Por quê?

Assim que a vovó sai para o supermercado, vou ao quarto da mamãe e me sento na costumeira poltroninha verde. Fico ali um tempão, fitando o lugar vazio na cama.

10 DE JANEIRO

Hoje, durante o intervalo, Giovanni veio à minha sala. Começou a falar com Sonia, mas sei que ele estava ali por minha causa. Gabriel já havia descido para fumar, e provavelmente Giovanni,

antes de entrar, esperou que ele saísse. Sonia, quando o viu, recuperou a cor, mas eu, ao contrário, senti o sangue abandonar cada centímetro de minha pele. A certa altura me levantei e saí também, mas, quando eu estava no meio do caminho entre a sala de aula e o banheiro, ele me alcançou e, me segurando pelo braço, me empurrou até a sala dos inspetores no final do corredor, longe da escada onde Gabriel, ao subir de volta, poderia nos ver.

"Ai de você se contar a alguém, entendeu?", me disse furioso, me empurrando contra a parede. "Ai de você", repetiu, e acrescentou: "E,

também, quem iria acreditar, caralho?" Então me soltou e se afastou.

Foi tudo tão rápido que eu só tive tempo de me sentir aterrorizada, com os olhos marejados e o coração batendo enlouquecido.

Quando ergui a vista para me assegurar de que ele estava se afastando, vi Gabriel surgir no final do corredor, onde termina o vão da escada, e Giovanni indo parar justamente na trajetória dele. Ao vê-lo, Gabriel foi ao seu encontro, e quando chegou perto deu-lhe uma ombrada que o jogou contra a parede. Todo mundo viu, e por um instante um silêncio irreal baixou no corredor. Gabriel não parou e continuou

a caminhar na minha direção. Olhou-me com frieza e no último trecho dobrou para o banheiro. Giovanni se virou para trás e o fitou, mas não teve coragem de dizer ou fazer nada. Ficou apertando o ombro com a mão e me encarando, como se quisesse retroceder e me encher de pancada. Por sorte, deve ter pensado que não era uma atitude inteligente, com Gabriel por perto, e voltou para sua sala. A essa altura, eu também corri para a minha e me sentei, tentando acalmar a respiração. Quando Gabriel entrou de volta, não trocamos uma só palavra. Percebi que ele estava fora de si, de tanta raiva, e não consegui suportar que tudo aquilo estivesse acontecendo só

por minha culpa. Quando a professora entrou, me aproximei, disse que não me sentia bem e perguntei se podia ir para casa. “Realmente, você está um pouco pálida”, respondeu ela, e me deu permissão para sair. Juntei minhas coisas às pressas e saí sem sequer olhar para Gabriel.

11 DE JANEIRO

Hoje cheguei em frente à escola, mas no último minuto resolvi não entrar. Passei a manhã gastando até o último centavo do cartão de crédito pré-pago que Angela e Claudia me deram no

Natal. Na volta, guardei as sacolas na garagem e à tarde, quando vovó foi descansar, trouxe tudo cá para cima. Se ela me visse com todas aquelas sacolas, me daria a maior bronca e eu seria obrigada a confessar que não fui à escola.

Comprei umas coisas lindas, que nunca vou usar: uns escarpins com salto bem alto, um vestido justo de lã e seda e um foulard rosa-pálido. Experimento tudo e olho no espelho: pareço pelo menos dez anos mais velha. Uma daquelas moças muito sofisticadas com quem, até um ano atrás, eu queria me parecer. Nem sei se gosto ou não dessa minha imagem. É como se eu não

conseguisse mais me ver. O vestido me chega até o meio das pernas e os sapatos me obrigam a caminhar rebolando de maneira artificial. Para quem comprei tudo isto? Guardo tudo de volta nas sacolas e meto-as embaixo da cama, como se fossem velhas coisas inúteis. Sinto uma tristeza angustiante me apertar o peito e então, vencendo o medo de sair, vou à natação e ali permaneço até que o cansaço me manda sair da água. Em casa, visto o pijama e desabo na cama. A última coisa que penso, antes de mergulhar no sono, é que estou vivendo em fuga dentro de uma gaiola.

13 DE JANEIRO

Voltei à escola depois de dois dias de ausência. Ontem Angela nos fez uma surpresa, chegou às oito da manhã, e vovó disse que não aconteceria nada se eu perdesse um dia de aula: obviamente,

não sabia que eu tinha matado aula também na véspera. Enquanto tomávamos o café da manhã na cafeteria, Angela me perguntou se estava tudo em ordem e, depois de um passeio no centro, voltamos para casa e passamos a manhã conversando com vovó. Na hora do almoço, ela nos levou para comer fora, num lugar que abriu há pouco tempo, e à tarde eu e ela fomos dar uma longa volta pela praia. Eu estava contente com sua presença ali e lhe disse isso. Angela respondeu que me bastava pedir e ela viria correndo, ou então, se eu preferisse, poderia ir à sua casa. Abracei-a e me senti melhor. Hoje de manhã ela foi embora muito cedo,

mas disse que dentro de alguns dias virá de novo. Isso me dá um prazer incrível. Agora me sinto menos sozinha, menos triste. Angela parece menos solícita do que Claudia porque é mais tímida, mas é de uma eficiência metódica e isso me faz gostar ainda mais dela: é uma daquelas pessoas que poderiam desmontar um relógio até a última pecinha e depois remontá-lo sem o mínimo erro. É reconfortante. Sobretudo agora.

Já Gabriel não apareceu hoje e isso me deixou em paranoia, porque é um claro sinal de que não quer mais saber de mim. Eu também não o procurei mais, não tive coragem.

A professora de italiano nos fala do vestibular, de como organizar a monografia, mas hoje a única coisa que sinto é esta solidão silenciosa, mais profunda do que o medo, que me lança num estado de contemplação. Durante o intervalo, encontro Giovanni no corredor, mas desta vez, para minha grande surpresa, ele nem me olha. Eu me volto para conferir se Gabriel ou algum professor não está atrás de mim. Durante as aulas, penso o tempo todo: será que finalmente Giovanni resolveu me deixar em paz? Sinto-me tão aliviada que saboreio algo parecido com felicidade, e me vêm lágrimas aos olhos.

Na saída acontece a mesma coisa, quando por acaso topo com ele na minha frente, enquanto estamos indo descer a escada. Nada, como se eu não existisse. Como se eu fosse alguém que ele nunca viu nem conheceu. Por um instante, a felicidade desaparece e na minha cabeça se insinua a suspeita: será que ele decidiu me surpreender quando toda esta gente não estiver em volta?

Volto para casa levantando mil hipóteses e já me vejo numa cova. Minha imaginação passa em revista todos os casos policiais dos últimos tempos que têm como protagonistas garotas que confiaram demais.

21 DE JANEIRO

A semana passou sem outras surpresas e ameaças, mas também sem Gabriel. Faz quatro dias que não o vejo. Sinto demais a sua falta, como nunca me aconteceu, e tenho vontade de vê-lo, mas

não assim, não com esse segredo entre nós, não sem poder esclarecer tudo.

Na escola já se respira um clima de vestibular e quando conversamos com os colegas é só para dizer o que faremos depois, aonde iremos, ou para trocar ideias sobre a monografia. Muitos já começaram a estudar bastante para entrar em alguma faculdade, ao passo que eu ainda não decidi nada. Tenho a impressão de que minha vida parou e não quer ir adiante.

Espalho toda a minha tralha sobre a mesa e de repente me invade a assustadora sensação de que não vou rever Gabriel, de ter desperdiçado todas as minhas oportunidades, de ter perdido

algo importante. Nenhum dos professores pergunta por ele, nem mesmo Greci, e isso me deixa ainda mais agitada, como se ele tivesse desaparecido para valer. Relembro os momentos que compartilhamos e todos me parecem lindos. Na volta para minha casa, passo em frente à de Petrit, mas não paro; em vez disso, estendo um pouco o trajeto e sigo em direção ao mar.

24 DE JANEIRO

Hoje a professora de matemática está doente, então nos deixam sair um pouco mais cedo. É um belo dia de sol, e vou até o mar. Muita gente passeia pela praia, então desço da motoneta e dou

também uma volta a pé. Estaciono no lugar onde a deixei na última vez que vim com Gabriel e caminho até a orla.

A sensação é gostosa, embora o ar ainda esteja frio. Mas o céu está azul. Azul como naquele dia.

DESPEDIDA

No ano passado, quando foi ao hospital para os exames de rotina, você passou mal e resolveram interná-la. O médico com quem falamos disse estar convencido de que você não superaria,

que a situação era muito crítica. Passaram-se dois dias e você se recuperou, miraculosamente, como disse o mesmo médico.

No domingo em que fui visitá-la você estava lá fora, no jardim do hospital, sentada num banco. Usava uma bata azul e seu rosto, embora marcado pela doença, parecia menos tenso e cansado do que o habitual. Quando cheguei, você me pediu para fazer uma pequena caminhada. Era primavera, o ar estava quente e o jardim, cheio de flores. Enquanto caminhávamos, nenhuma de nós falou, e a certa altura, como se todo o medo de perdê-la tivesse chegado naquele momento, eu a

abracei como um namorado tímido que de repente encontra toda a coragem do mundo. Não sei quanto tempo ficamos assim nos abraçando, de pé junto ao canteiro, no sol daquela tarde de abril.

Terminada a visita, você quis me acompanhar até o portão e, enquanto descia a alameda, eu me voltei e você ainda estava ali, me vendo caminhar. Quando levantou a mão para dar tchau, precisei me conter para não correr em sua direção. Retribuí o gesto e continuei a caminhar, como um autômato, as lágrimas me riscando o rosto.

Sempre pensei que nós nos despedimos naquele dia, sem alarde, de maneira privada, longe dos olhos de

todos. Uma despedida de amor na estação mais leve do ano.

Ainda 24 de janeiro

Enquanto caminho, olho o mar. Quando sinto alguém se aproximando às minhas costas, meu coração dá um salto. Viro-me de repente. Diante de mim está Gabriel, um cigarro apagado entre os

dedos, a jaqueta jogada sobre o ombro. Olho para ele e o medo desaparece num instante. Solto todo o ar que contive e me dirijo a ele com o último fôlego que me sai dos pulmões.

"Ora, quem vejo...", digo sorrindo, "achei que você havia desaparecido para sempre".

"Andei ocupado. Só isso", responde, apertando os olhos por causa do sol forte.

"Chegou agora?", pergunto, e enquanto isso observo ao redor para conferir se não há mais ninguém com ele.

"Sim, estava dando uma volta e vi sua motoneta. Até lhe mandei uma

mensagem, mas pelo jeito você continua passando mal", diz, com um sorriso nervoso.

Confiro logo os bolsos da jaqueta e não encontro o celular. Depois jogo a mochila no chão e a revisto até achar o aparelho.

"Desculpe", apresso-me a dizer, encabulada, "eu o guardei aqui dentro quando coloquei o capacete e depois não peguei de volta. Mesmo assim, você me encontrou".

"Mesmo assim, eu te encontrei", repete, começando a dar uns chutezinhos na areia e jogando-a em cima dos meus pés.

“Pare com isso, vai entrar areia nos meus sapatos”, reclamo, rindo, e dou uns passos para trás.

“Depois você tira, qual é o problema?” Diz isso sem rir, e não compreendo se está brincando ou não. Eu também paro de rir e continuo a recuar, enquanto ele avança, sem parar de jogar areia nos meus sapatos. Tem uma expressão indecifrável, que me deixa pouco à vontade, e já não sei o que dizer. Então me detenho e ele continua avançando, até ficarmos cara a cara. Ele me fita sem expressão, sem dizer nada.

“Que tal a gente se sentar um pouco?”, pergunto, esperando que ele já

não esteja chateado comigo por aquele dia.

Sem sequer responder, ele atira no chão a jaqueta e se senta, e eu faço o mesmo. Observo-nos de fora, nós dois, ombro a ombro, e, à nossa frente, o mar. De vez em quando me volto para olhar o perfil de Gabriel, que fuma. É tudo tão bonito que aos poucos o medo desaparece e, justamente aqui, nesta praia que hoje parece infinita, encontro coragem para lhe contar tudo. Começo devagar, hesitante, mas depois não me interrompo mais, até o fim, sem nunca olhar para ele. Quando acabo, cai um silêncio irreal. Não sei como me sinto e ainda não sei se fiz bem ou mal. Agora

já fiz, não tem mais sentido me perguntar. Gabriel se levanta, sacode a areia da calça e me olha, balançando a cabeça. Sorri, amargo, e continua balançando a cabeça. Em seguida se volta e, em amplos passos velozes, começa a subir a areia até a pista de asfalto. Enquanto o observo ir embora, sinto um nó na garganta que não consigo desfazer. Também me levanto e de repente o vejo parar e voltar na minha direção, com a mesma fúria com que se afastou.

Quando estamos de novo um diante do outro, ele joga a jaqueta no chão, com força, e me encara com a expressão transtornada pela raiva.

“Por quê?”, grita na minha cara. “Por que saiu com ele?”, repete, gritando ainda mais forte. “Você topou, não?”

“Não, eu te falei a verdade, acredite. Se eu estivesse a fim, não estaria aqui lhe contando.”

Ele larga os braços ao longo do corpo e me olha com um misto de raiva e desolação.

“Se as coisas foram como você diz, por que não o denunciou?”, pergunta, como se estivesse pensando em voz alta.

“Seria a palavra dele contra a minha. Quem acreditaria em mim?” E acrescento, abrindo os braços: “Veja, nem você acredita. E também eu tive medo e não sabia com quem falar.”

“Por que saiu com ele?”, me pergunta de novo, repentinamente calmo.

“Você não me ligou mais e eu me sentia só”, digo com voz incerta, “ele passou lá em casa e achei que não havia problema se... se a gente saísse”. Enquanto falo, fito-o nos olhos e percebo que ele não me perdoará nunca, e que lhe contar o acontecido foi um erro claro. “Eu contei porque não queria mentir para você”, digo, esperando de todo o coração que ele acredite. “Você é importante para mim”, concluo, hesitante, porque sei que a esta altura é uma frase ridícula.

“Claro, como não, eu realmente percebi. Ora, quem você acha que eu

sou, um canalha idiota?"

"Eu te disse a verdade, não aconteceu nada com Giovanni, entendeu?", grito, entre as lágrimas que já não consigo conter.

"Não me venha com mentiras", grita ele de volta, fora de si pela raiva. "Não me venha com mentiras", reclama, gélido, aproximando-se ainda mais.

"Por que ele iria me ameaçar, então?", explico, tentando fazê-lo raciocinar. "Você também estava lá fora, também viu."

"Eu não vi nada", responde em tom cortante, "só vi que vocês estavam conversando".

“Não é verdade, você viu que eu estava apavorada. Mas agora não quer admitir.”

“Eu só vi que você está me sacaneando, foi isso que eu vi. Desde o início, desde quando se instalou na mesma carteira que eu. É ou não é?”

“Está enganado”, digo, “não me sentei na sua carteira para te sacanear”.

“Então, por quê? Estou ouvindo”, diz em tom sarcástico.

Hesito um instante, mas depois vou em frente. A esta altura, mentir não adianta nada. “Porque, depois que minha mãe morreu, eu estava com raiva de todo mundo, e me sentar ao seu lado era a melhor maneira de demonstrar isso”,

confesso, constrangida. “Não me interessava te conhecer, eu não lhe dava a mínima. Você era o jeito mais simples de manter os outros longe, o jeito mais rápido de provar a mim mesma que nada seria como antes. Agora, porém, é diferente”, continuo, “agora a gente se conhece um pouco”, mas já me sinto uma babaca por aquela voz infantil que me saiu, e porque não vai adiantar nada.

“De fato, disse bem”, rebate ele, furioso, “agora eu te conheço. Vá à merda, volte para o seu amiguinho. Vocês formam o par perfeito”.

“Eu errei, mas não transei com Giovanni. Se é isso que você pensa, está redondamente enganado. Foi um erro, já

admiti, e me sinto uma perfeita idiota, mas naquele momento não achei que estava fazendo nada errado. Não me dei conta", digo, tentando me desculpar, e acrescento baixinho "apenas precisava sair e não achei que você se importasse muito comigo. Mas, quando você foi à minha casa, então percebi que estava enganada", concluo.

"Quer dizer que agora a culpa é minha, então? Como eu não telefono, você pega e vai com outro cara, não é? Sabe qual é o seu problema?", diz ele em tom de desprezo. "Uma hora você quer estar comigo, outra hora quer ser deixada em paz e cuidar da sua vida, mas, se lhe acontecer alguma coisa, o

babaca da vez deve correr para te salvar, é ou não é?" Inclina-se para apanhar a jaqueta e acrescenta, me fitando direto nos olhos: "Para mim chega, acabou." E se afasta.

"Acabou o quê?", grito atrás dele, numa explosão de raiva, "por acaso nós começamos alguma coisa?". Ele não para, continua caminhando, nem sequer se volta. Não suporto vê-lo ir embora assim e corro atrás. "Aonde você vai? Espere um instante", suplico, agarrando-o pelo braço.

Ele se solta de mim, com força, repete "Para mim chega" e recomeça a caminhar.

De repente me invade uma raiva profunda, maldosa. “Então, por que foi atrás de mim, caralho?”, grito às suas costas. “Você só serve para bancar o durão, não é? E sabe por quê? Porque tem um monte de problemas do cacete.” Não contente, afundo a faca na ferida. “Deixou sua mãe sozinha com aquele monte de merda do seu pai porque não tem colhão para enfrentar os problemas. É mais fácil se afastar, certo?”

Antes que eu termine essa frase, ele está junto de mim. Segura com força os meus braços e depois aproxima sua testa da minha, fazendo-as bater uma contra a outra.

“Lamento se sua mãe morreu”, grita, me apertando os braços até doer e devolvendo os desaforos com juros, “mas minha vida não é da sua conta. Entendeu bem? Você não sabe porra nenhuma sobre mim, não sabe porra nenhuma”.

Fecho os olhos e concordo, entre lágrimas. “Me solte, por favor”, suplico baixinho, “está me machucando”.

Ele me solta. Caio de joelhos e os soluços me invadem. “Você e aquele escroto são iguais”, digo baixinho, “vá embora, pode ir”.

Escuto-o soltar um palavrão e depois o vejo se inclinar sobre mim para me ajudar.

Empurro-o com força e me levanto sozinha, cambaleando.

"Vá embora", repito. "O que quer que tenha acontecido entre nós, agora acabou mesmo. Também não quero mais te ver", digo, tentando recuperar a calma. Depois começo a subir até a pista, deixando-o ali sozinho.

Não me volto nem sequer uma vez para olhá-lo. Não me importa se não o vir de novo. Agora, só quero ir para casa e não pensar mais em nada.

Dois arco-íris

Uma tarde, quando eu estava estudando no meu quarto, você entrou e me disse que lá fora se viam dois arco-íris. Eu me levantei, fui até a janela, afastei a cortina e os vi recortar-se

contra a linha do horizonte: dois arcos brilhantes e nítidos. Havia chovido muito, até poucos minutos antes, e não parecia verdade que de repente o sol tivesse chegado.

"Eles acabam no mar, vamos vê-los", você disse sorrindo, e então pegamos o carro e fomos até a praia. Estávamos felizes, parecia-nos estar fazendo uma coisa ao mesmo tempo mágica e boba, mas pela primeira vez sua doença parecia estar olhando para outro lado.

Naquele dia com você, encontrei o pote de ouro escondido nos seus olhos, que não paravam de rir enquanto você dirigia e comentava tudo, porque tudo merecia ser olhado: o cara que

atravessava puxando o cachorro pela correia; as senhoras esperando o sinal abrir; o homem no Jaguar, que parou ao seu lado no cruzamento. Você registrava a vida de maneira frenética, como se tivesse fome, como se não quisesse perder nem sequer uma migalha.

Eu me sentia feliz e por um instante imaginei que o milagre ainda podia acontecer: você finalmente curada, eu com o seu amor.

Aquela lembrança é o feitiço mais poderoso que eu conheço: você se torna terra e meu coração, vidro.

25 DE JANEIRO

Hoje, na escola, foi como se eu tivesse me tornado realmente invisível. Não falei com ninguém, e ninguém me dirigiu a palavra. Quando Gabriel chegou, sequer levantei a cabeça e agi

como se ele não estivesse ali. Foi como no começo, quando ele era apenas Zero e eu ainda não era Zeta. É incrível, pensei, como o final das coisas sempre se parece com o início. Como se entre nós nunca tivesse acontecido nada. Quando penso nas vezes em que estivemos juntos, me parece uma história que só eu conheço, que eu poderia ter inventado. Se tivesse de contá-la, não saberia como, mas, se não posso contá-la, então talvez simplesmente a tenha imaginado.

Na saída, quando estava indo pegar a motoneta, vi a mãe de Gabriel parada entre dois carros, no outro lado da rua. Ela olhava para um lado e para outro,

tentando identificá-lo na multidão de alunos que saíam. Instintivamente, fui ao seu encontro e, quando me reconheceu, ela sorriu para mim.

Perguntou se eu o tinha visto e, quando fiz que sim, quis saber se ele estava bem e se estava indo à escola todos os dias. Respondi que sim e disse que este ano ele com certeza se forma. Ela sorriu, contente, pousou a mão sobre meu braço e me agradeceu. Fiquei alegre por vê-la sorrir e, enquanto ela continuava procurando Gabriel naquele tumulto, eu pensava no que poderia lhe dizer para agradá-la. Não sei por que queria fazer isso, não era gentileza, mas uma necessidade que eu sentia naquele

momento, como se fazê-la feliz equivalesse a me sentir, por minha vez, menos infeliz.

Não estava fazendo frio, mas ela apertava sobre o corpo o agasalho preto e não parava de correr o olhar de um lado a outro da escola, embora, àquela altura, Gabriel certamente já tivesse sumido. De repente pousou de novo a mão no meu braço, disse que precisava ir e me pediu que dissesse a Gabriel, se o visse, que ela mandava lembranças. Concordei, mas se percebia que minha concordância não lhe bastava, que se pudesse ela ficaria ali por dias inteiros, esperando-o. Agora eu entendo este vínculo de sangue, de amor, de

pensamentos. Quando ela foi embora, senti uma pena profunda. Relembrei o que dissera a Gabriel ontem, na praia, e fiquei chateada.

Quanto a Giovanni, hoje também não o vi. Ainda não me sinto tranquila, mas, quando não o vejo, fico um pouco mais serena. Deveria tê-lo denunciado. Agora já é tarde, e de qualquer jeito seria apenas a minha palavra contra a dele. Talvez alguém pudesse pensar que, depois da morte da minha mãe, eu só preciso chamar a atenção, e, sem testemunhas e sem provas, esta seria a coisa mais fácil de acreditar. Sempre que relembro tudo, me dá uma raiva

imensa, uma sensação de impotência que me deixa mal.

Daqui a uns dias vou partir ao encontro de Angela e Claudia. Ficarei fora uma semana. Não vejo a hora. Na escola, só contei isso a Greci, que me sorriu e disse que mudar de ares vai me fazer bem, que sabe quanto deve estar sendo difícil para mim. Sem minha mãe, era o que ele queria dizer. E acrescentou: "Quase não consigo acreditar, quando penso." Nós nos fitamos e eu sorri para ele, com os olhos marejados. Fui embora antes de conseguir dizer alguma coisa, mas gostei que alguém me falasse dela. Ninguém

nunca faz isso, e eu queria que acontecesse mais vezes.

26 DE JANEIRO

Hoje, na minha sala, não se fala de outra coisa. Assim que entro, Sonia, Ilaria e Silvia param de conversar e me olham, depois vejo Sonia fazer para as outras um gesto com a mão, tipo “a gente

fala disso mais tarde". Mal me sento, Pietro se aproxima. "Já soube?", diz, e com um aceno de cabeça indica o lugar vazio ao lado do meu. "Do quê?", pergunto em tom indiferente. "Ontem, na hora da saída, Giovanni empurrou Zero escada abaixo." "Como assim?", digo, apalermada. Ilaria e Sonia me observam, mas finjo não perceber. "Pois é", continua Pietro, "e Zero ficou puto para valer. Encostou Giovanni na parede, levantou o braço e parecia que ia dar um soco nele". Conta e dá umas risadinhas. Pobre idiota, penso, fodido e também sádico. "E depois?", pergunto, tentando disfarçar a apreensão. "Depois, nada", continua ele, "Zero o sacudiu

contra a parede, disse alguma coisa e depois foi embora.” Faz uma pausa, e percebe-se que ainda está querendo rir. “Giovanni ficou todo cagado”, diz, dirigindo uma olhada rápida a Sonia, que ainda está nos olhando, “achou que Zero estava esperando por ele lá fora. Aquele babaca arrogante subiu na moto como se o diabo o perseguisse”, prossegue, disparando uma série de risadas. “E por que ele empurrou Zero?”, pergunto, baixando a voz. “Sei lá. Gori, aquele da quarta série, disse que Zero, quando descia, se aproximou de Giovanni e disse alguma coisa, daí aconteceu o empurrão.” “E o que Zero disse a ele?”, pergunto, aflita. “Não sei.

Mas tome cuidado, não vá você aborrecer o Hulk.” “Quando ele chegar, talvez eu pergunte”, digo, séria. “Ficou maluca?”, alarma-se Pietro, arregalando os olhos. “Ele te mata”, e solta de novo umas risadinhas. “Bem”, conclui, contente por ter cumprido seu dever de informante, “vou voltar para minha mesa. Ontem não abri o livro, se a professora de matemática me chamar, no próximo ano quem vai se sentar no lugar de Zero sou eu”. Finjo estar ocupada tirando os livros da mochila, mas não paro de pensar no que Pietro acaba de me contar. Agora, com certeza Giovanni sabe que eu contei a Gabriel, do contrário por que aquela reação? Se,

como diz Pietro, Giovanni ficou apavorado, espero que tenha sido mortalmente, senão estou perdida. Respiro fundo e não sei se fico contente ou se vêm por aí outros problemas. Mas, por outro lado, significa que Gabriel acreditou em mim. Não consigo pensar direito e não vejo a hora de perguntar a ele. Olho o relógio e espero. São oito e vinte, agora ele não vem mais.

No terceiro tempo, não aguento e lhe envio uma mensagem. Quando toca a campainha do último tempo, ainda nenhuma resposta. Corro lá para fora e ligo para ele. Levo o celular ao ouvido e escuto a mensagem gravada, o usuário

está fora de área. Detenho-me e olho ao redor, desesperada.

Afinal, onde você foi parar?

Eu estou aqui.

27 DE JANEIRO

O apartamento de Claudia é num prédio antigo, em pleno centro histórico. Uma fileira interminável de quartos que dão para um corredor amplo. Na separação, o marido, o gênio da física,

ou da matemática, não me lembro, deixou para ela. É isso o que mais me agrada em Claudia: por mais que enfureça as pessoas, ela sempre consegue ser perdoada. Minha mãe ria quando ela lhe contava os epílogos de suas histórias de amor, e Claudia as contava à minha mãe porque só esta sabia lê-las como deviam ser lidas, para rir depois. Angela, não, às vezes era severa demais, e Claudia preferia não lhe contar tudo.

Meu quarto é lindo: uma cama enorme, com lençóis e edredom, numa estampa floral em tons de vermelho-escuro e azul-petróleo. Cortinas combinando e uma escrivaninha que

deve ter mais ou menos a minha idade multiplicada por dez, e também o piso: tábuas de madeira escura, com nuances irregulares que deixam a gente com vontade de andar descalça ou de se sentar no chão. Já na sala há uma mesa comprida à qual poderiam se instalar vinte pessoas e um sofá verde-escuro que deve ter custado uma fortuna. Mas a coisa mais bonita é a lareira, ampla e sobretudo funcional, com um sofazinho de veludo cor-de-rosa que Claudia colocou bem diante de uma mesinha em cerejeira — foi o que ela me disse, explicando que esta é a única coisa que sabe de todos os móveis da casa. Nas paredes, dezenas e dezenas de quadros

que devem valer uma fábula, e algumas antigas fotos de família. Sei lá por que um homem deixa uma casa dessas a alguém que o largou praticamente logo após o casamento.

"Ele era tão insuportável assim?", pergunto.

"Você nem faz ideia", ela responde, virando os olhos. "Queria me ensinar a jogar bridge, imagina só", e cai na gargalhada. "Consegue me ver nesse papel?"

"Afinal, quantos anos ele tinha?", pergunto, incrédula.

"No registro civil, poucos", diz Claudia, "mas mentalmente parecia ter nascido no início do século XX", e

acrescenta em tom irônico: “Olhe ao redor e me diga se vê alguma coisa com menos de cem anos.”

Eu começo a rir e ela continua.

“Nas manhãs de domingo, íamos correr juntos. Todos os domingos, às oito. Parecíamos o casal presidencial. Meu Deus, como éramos ridículos”, comenta, jogando os cabelos para trás e descobrindo o rosto perfeito. “Mas esta casa é fabulosa, e imagine que ele a odiava só porque era do pai”, conclui, com uma careta de desaprovação.

“E por quê?”, pergunto.

“Porque o pai traía a mãe com todas as mulheres bonitas que encontrava e nunca estava em casa: a história de

sempre", conclui, soprando a franja que acaba de lhe cair sobre os olhos.

"Você está trabalhando, agora?", pergunto, mudando de assunto.

"Agora, não, mas um amigo me pediu para dar uma mãozinha em sua livraria. No fundo deve ser divertido, e além disso pode-se conhecer um monte de gente." Ela me olha e pergunta: "Você me vê como livreira?" Ri sozinha, e eu a acompanho. Joga-me uma almofada centenária e diz: "Por quê? Não tenho cara de intelectual?"

Chegamos à hora do almoço assim, entre tagarelices e bobagens, e a impressão que tenho é de estar com alguém da minha idade, e não com uma

mulher feita. Mas Claudia me diverte, agora compreendo por que minha mãe gostava de vê-la sempre. Com ela a gente consegue não pensar em nada, tudo parece possível e os problemas somem.

Falamos de vários assuntos, sentadas nos sofás históricos, mas não de você.

Terminado o almoço, Claudia me diz que vai descansar um pouco. Angela só chegará à tarde, e ela quer estar em forma para a sessão de compras desenfreadas que nos espera.

"Faça um monte de compras hoje", diz, mordendo uma maçã. "Você é uma garota bonita. Sabe disso, não?" Depois, como se só naquele momento se lembrasse da minha mentira sobre o

namorado disputado, pergunta: “E com aquele rapaz que te deixou com raiva, como ficaram as coisas?”

“Não ficaram”, respondo. “Ele não sabe o que quer.”

“Então deixe para lá”, diz, com cara de quem entende disso. “Não vale a pena.” Em seguida se levanta, aproxima-se de mim e me dá um beijo.

“Até mais tarde”, diz, e acrescenta atenciosa: “Pode ver televisão. Sinta-se livre para fazer o que quiser”, e vai para o quarto dela.

Deito-me no sofá. Ligo a tevê e adormeço, acho, porque de repente vejo Angela na minha frente, sorrindo, e eu nem a ouvi chegar.

Eu não fazia ideia do que Claudia queria dizer com compras desenfreadas até que saímos. Angela foi logo me aconselhando a calçar um sapato confortável e me vestir de um jeito prático. Agora entendo por quê.

Acho que entrei em pelo menos vinte lojas e experimentei todas as coleções de inverno de pelo menos cinquenta estilistas. No final, estou exausta e carregada de sacolas. Com meu dinheiro, paguei só um perfume. Todo o resto foi presente de Angela e Claudia. Angela passou o tempo todo fazendo piadinhas sobre Claudia, ou então do lado de fora das lojas, ao telefone, falando de assuntos de trabalho. Tentei

imaginar você no meu lugar, naquela situação, e me perguntei se Claudia e Angela, ao me verem, também pensavam em você.

Fomos jantar em um belíssimo restaurante bem atrás da casa de Claudia, um daqueles com o garçom sempre pronto a servir mais vinho quando a taça da gente está vazia. À mesa falamos de tudo um pouco, mas não de você, nem sequer uma menção. Terminado o jantar, voltamos para casa, onde Claudia se ofereceu para fazer seu famoso ponche quente de tangerina.

Quando estávamos sentadas em silêncio diante da lareira acesa, vi você chegar.

Sentou-se conosco, as mãos juntas sobre os joelhos e o olhar suspenso, paciente. Não estava triste, olhava para nós como que à espera, em seu rosto uma amargura doce, incrédula, que parecia dizer: “E eu? Já se esqueceram de mim?”

Foi Claudia quem primeiro começou a falar de você, e então você me olhou e me sorriu.

Claudia e Angela te conheciam como eu já não poderei. Falaram-me de você como se o simples fato de eu estar ali com elas significasse ter ainda sua presença. Contaram sobre aquela vez em que você entrou numa loja porque queria comprar um agasalho e Claudia

começou a provar dezenas de casacos, fazendo você esquecer que acabava de vestir um para experimentar. Quando saíram, você ainda estava com o agasalho e havia deixado lá dentro sua velha capa. Ninguém tinha percebido, e você não sabia o que fazer. Então as três passaram uma hora na pracinha em frente à loja, perguntando-se se o devolveriam ou não. Por fim, você o levou de volta e o pessoal da loja, como prêmio pela sua honestidade, lhe deu um desconto tão generoso que deixá-lo ali seria um crime. O seu casacão. Eis por que você gostava tanto dele: porque o casaco tinha uma história.

E também falaram daquela vez em que você havia escrito “Canalha” com marcador permanente em todos os vidros do carro do professor de filosofia, que a tinha reprovado na prova, para depois descobrir que aquele carro não era o dele, mas o do capitão dos policiais do quartel próximo. Claudia e Angela tiveram de arrastá-la dali, entre gargalhadas, enquanto você repetia que queria se entregar. No dia seguinte, deixou para o oficial um bilhete de desculpas preso no para-brisa.

Enquanto conversamos, você está serena.

Agora compreendi: não é verdade que os mortos já não precisam de nada. Bastou falar de você, e você voltou.

Esta noite, eu também estou serena. Tudo aquilo que aconteceu comigo desde o momento em que começou minha vida sem você me parece, agora, algo que não me pertence, que não faz parte de mim, ao menos não da maneira certa.

E Gabriel?

Por um instante vejo-o sozinho, naquela carteira que parece ter ficado pequena demais, e desenha e desenha, e então me aproximo e olho a folha e sobre a folha estamos nós dois, numa paisagem branca, onde não existe nada.

Pronto, penso, esta é Zerolândia, e sorrio.

Da boca de Gabriel sai um balão, como aqueles dos quadrinhos, e dentro há um texto que diz:

"Afinal, onde você foi parar?"

Eu estou aqui.

2 DE FEVEREIRO

Hoje Greci me parou no corredor e disse que queria falar comigo. Fomos até a sala dos professores, mas ficamos na porta. “Você sabia?”, me pergunta de repente, puxando do bolso um pedaço de

papel todo dobrado e balançando-o na minha frente. “Sabia o quê?”, digo. “De Gabriel, não sabia de nada?” Encaro-o com ar interrogativo e, enquanto olho a folha que ele segura, espero que se explique. “Gabriel Righi”, diz, me fitando nos olhos, “largou a escola. Deixou isto para mim na sala dos professores”, continua, sacudindo de novo aquele pedaço de papel, “não lhe falou nada?”. Nego com a cabeça e sinto o vazio me contrair o estômago. De repente não quero mais entrar na sala de aula, quero só ir embora, sair para o ar livre, respirar. O professor me encara e diz: “Lamento.” Finjo que a notícia não me abalou e, olhando além da janela que

dá para o pátio, respondo: “Lamenta por quê? Nem sequer somos amigos.” Percebo que estou tentando manter a voz firme. “Ele foi para Amsterdã”, diz, “você não sabia de nada mesmo?”. Nego de novo com a cabeça e me concentro para manter a indiferença. “Agora preciso ir”, diz ele em tom gentil, “e você também deve ir para sua sala. Mais tarde, se quiser, voltamos ao assunto”. Concordo e volto à minha sala. Assim que entro, olho para a nossa mesa e quando a vejo vazia sinto um baque no coração. Por um instante não sei se vou me sentar ou fugir, mas agora é tarde demais. Puxo a cadeira e me sento devagar. Passo o primeiro tempo meio

petrificada, tiro desanimada os livros da mochila e só depois de alguns instantes, a jaqueta. É o segundo abandono da estação, neste inverno que parece não acabar nunca. Só agora me dou conta de todas as manhãs em que o esperei, e tudo bem se ele não vinha, porque eu sabia que ele estava em algum lugar e, mais cedo ou mais tarde, voltaria. Amsterdã é muito longe. Olho para a outra metade da mesa e a saudade me aperta a garganta. Por um instante sinto o odor de frio da jaqueta dele e o revejo debruçado sobre a mesa, desenhando. Estendo um braço sobre o tampo, imaginando pegar sua mão. Quantas horas eu tive para fazer isto de verdade?

Quantos minutos? Sorrio, porque agora é um gesto vazio e ridículo.

Ele nem sequer me ligou, nem sequer me mandou uma mensagem. Desapareceu, simplesmente. Pego o celular e penso que eu mesma poderia lhe telefonar, mas de que adiantaria? Se ele quisesse, teria me avisado.

Para retornar à minha casa no final da manhã, faço o trajeto mais longo, e queria que não acabasse nunca. Somente se eu não parar de me mover é que será mais fácil suportar tudo.

Não queria, mas, quando chego em casa, é mais forte do que eu: ligo. Uma mensagem automática avisa que o número está desativado. Eu não merecia

pelo menos uma despedida? Será que o decepcionei tanto assim? Não havia realmente nada que se pudesse salvar? Não foi por minha causa que ele foi embora, não é culpa minha, eu sei. Você conseguiu me surpreender mais uma vez, Caravaggio. Saiu de cena como verdadeiro profissional, um instante antes de baixarem o pano. Parabéns!

Em Zerolândia, agora, tudo desaparece pouco a pouco, coberto pela neve branquinha que não para nunca de cair. Zerolândia não tem estações, não tem primaveras, mas só um inverno longo e silencioso que agora acabou. A passagem está fechada, os duendes e as fadas foram embora, a magia

desapareceu, o tempo expirou, e nós nunca existimos.

17 DE FEVEREIRO

Esta tarde fui até a casa dos pais de Gabriel, mas uma vizinha me disse que eles foram embora. Para onde, não sabe, mas com certeza não para Amsterdã. Imagino o desespero da mãe, longe de

Gabriel: que dor infinita deve ser para ela. Pergunto-me se antes de partir ele lhe informou para onde ia, se os dois se falaram. Uma pergunta atrás da outra, e nenhuma resposta.

Afinal, era assim tão necessário apagar qualquer rastro seu? Provavelmente, para o nosso não namoro, um não fim deve ter lhe parecido a melhor conclusão. Sei lá se você imaginava que eu ficaria tão mal. É um castigo por não o ter compreendido, por de algum modo tê-lo traído, por quê? Não é nada, respondi a mim mesma. É assim que você é, como sempre foi, sem estar realmente presente, como eu. Nós nos encontramos

porque eu despenquei na sua vida e depois, sei lá, surgiu uma relação que jamais começou nem terminou. Agora, porém, sinto falta de Zerolândia.

Em casa, passo todo o tempo trancada em meu quarto. A vovó acha que estou estudando para o vestibular: melhor assim. Angela e Claudia me ligam com frequência, neste fim de semana vou passar uns dias com Claudia. Você desapareceu justamente quando eu estava na casa dela. Talvez, na volta, eu o reencontre, tomara.

7 DE MARÇO

Eu achava que não suportaria toda essa solidão, agora que Gabriel foi embora, mas fiquei muito boa nisso. Há mais de um mês, parei até de ir à piscina, só saio para ir à escola. Não

sou mais uma nadadora, tornei-me uma acrobata, estou em equilíbrio sobre uma longa corda de dias todos iguais, e não caio nunca. Tenho os olhos sempre fechados, o vazio me chama, mas não me apavora.

As únicas pessoas com quem falo são Angela e Claudia, e com elas ao telefone eu até poderia não fingir, mas agora já estou tão boa nisso que finjo do mesmo jeito e digo sempre que estou um pouco melhor, que as coisas melhoraram. A ausência se torna presença, o vazio se torna suportável, o tempo faz o resto.

Em que se transformam as pessoas que não existem mais: aquilo que existiu

ou tudo aquilo que desapareceu?

Quando a felicidade voltar, vou fingir que não é nada

Quando a felicidade voltar, vou fingir que não é nada. Fingirei não

perceber, como alguém que pode dispensá-la, que aprendeu e se basta. Quando a felicidade voltar, não vou dizer nada a ela. Fingirei não a ver e pronto. Do mesmo jeito como, quando estudava, eu ouvia você se movimentando em seu quarto, ouvia o rádio transmitir a música baixinho, e não prestava atenção porque aquilo me parecia uma coisa de nada. Era aquilo, a felicidade, e eu não sabia.

Às vezes no silêncio me parece haver alguma coisa do outro lado da parede e começo a escutar. Encosto o ouvido ali e espero. Da minha parte, só o vazio; da sua, a ausência. E vencem

sempre. Deixo que me aniquilem com o poder das coisas invisíveis.

Quando voltar, a felicidade poderá até começar a gritar, até porque agora compreendi, não me deixo enganar.

Quando eu era pequena, você me botava na cama e encostava a porta. Eu ouvia a vovó lhe perguntar baixinho "Ela dormiu?" e você respondia "Sim, estava cansada. Passou o dia brincando", e depois "Se amanhã fizer tempo bom, vou levá-la à pracinha". Vou levá-la à praia, vou levá-la comigo. Até o fim do mundo. Sempre. Para sempre. Vozes de outro aposento. E depois eu adormecia. A felicidade não era um grito, mas apenas um sussurro.

Vozes de outro aposento. Devo me lembrar disso, embora saiba que nada será como antes, nada volta igual no tempo. Aquele cochicho bem baixinho é toda a felicidade que eu conheço.

23 DE MARÇO

Volto da escola e encontro um envelope para mim no aparador do vestíbulo: selo holandês. Não tenho coragem de abri-lo. Corro para o meu quarto e grito para a vovó que estou sem

fome, depois me sento na cama ainda sem tirar a jaqueta e seguro o envelope sobre os joelhos como se ele fosse de vidro. Abro tomando cuidado para não o rasgar e imagino que, quanto mais delicada eu for, mais precioso será o conteúdo. Dentro encontro um desenho: sou eu, na praia, atrás de mim está o mar, e acima da linha do horizonte se adensa um acúmulo de nuvens cinzentas. O desenho me retrata de frente, e meus olhos fitam alguém ou alguma coisa diante de mim. Ou melhor, justamente enquanto o observo eu sei: estou olhando para você. Mal sorrio, alguns cachos de cabelo dançam diante do meu rosto e tenho um olhar um pouco tímido.

Eu te olhava assim? Viro a folha, mas no verso não há nada escrito, nem sequer um endereço ou um número de telefone. Nada. Mas você assinou: Zero, está escrito, e não Gabriel, não quem você é, mas aquele que todos sempre acharam que você fosse. Pego o envelope e o examino melhor, mas endereço, afora o meu, não há mais nenhum. Você é competente em não deixar rastros. Mesmo assim fico feliz, feliz com que você esteja em algum lugar pensando em mim, me imaginando ainda. Recordo aquele dia na praia e é fácil, porque hoje, lá fora, o céu está cinzento como então. Nosso primeiro encontro: mas, naquela vez, eu não sabia. Agora sei.

Quando nos beijamos, você tinha gosto de cigarro. Depois jogamos baralho na casa de Petrit. Agora estou feliz porque sei que, para fazer este desenho, você pensou em mim, ao menos um pouco.

Sabia que Giovanni foi suspenso? Tinha enviado a todos os seus amigos, pelo celular, fotos de uma garota da terceira série, nua e bêbada. Ela, quando descobriu, contou aos pais e estes, ao diretor. É a filha de Ravelli, o juiz. Giovanni foi primeiro denunciado e depois suspenso: desta vez, não vai se safar.

Comecei a estudar para o vestibular, mas estou sem vontade. Na escola, não

falo mais com ninguém, e nossa mesa é ainda e somente nossa.

Mas com quem estou falando? Enquanto lhe digo tudo isto, percebo que ainda estou imóvel, sentada na cama. Examino seu desenho e lhe conto um pouco de mim. Depois me detenho, fecho os olhos e tento pensar em sua voz, tento rever seu rosto. Sabe quais os gestos seus que eu recordo melhor? Quando, depois de fumar, você jogava o cigarro no chão, apagava-o com o pé, depois metia as mãos nos bolsos e, com o pescoço afundado na jaqueta, observava as coisas ao seu redor, e seus olhos já lhe diziam o que você lembraria

mais tarde, com uma folha de papel na sua frente e um lápis na mão.

Pouso o papel em cima da escrivaninha e sorrio para a mamãe, que me encara da moldura de prata sobre a mesa de cabeceira. Depois me levanto, vou até a janela, afasto a cortina. Hoje o ar está tão cinzento e penetrante que parece quase um outro inverno, e no entanto há dois dias já é primavera. Inspiro profundamente e penso que você não me esqueceu, que não me apagou. A partir de hoje, é primavera.

10 DE ABRIL

Na semana passada, a vizinha nos pediu de volta o cortador de grama. Ela havia nos emprestado o aparelho no verão passado, e nos esquecemos de devolver. Por delicadeza, nunca veio

nos cobrar e, mesmo quando finalmente se apresentou em nossa casa, parecia ter medo de incomodar. Depois que ela saiu, a vovó e eu descemos à garagem e começamos a procurar. Enquanto deslocávamos tudo o que se acumulou com o tempo, vi a vovó levantar um encerado e depois se dobrar para a frente, com uma mão diante da boca. Quase pensei que ela estivesse passando mal ou prestes a chorar, mas, em vez disso, me surpreendi ao vê-la rindo. Tentei entender o motivo daquela alegria repentina, mas, quando baixei o olhar, só vi umas latas que pareciam de tinta e dois rolos de papel de parede. “O que foi?”, perguntei sorrindo, e primeiro ela

só disse “Nada, uma bobagem”, mas depois começou a contar. Quando eu era muito pequena, disse, minha mãe cismou de forrar meu quarto, fazendo tudo sozinha. Comprou tudo o que era necessário e um manual daqueles que explicam tim-tim por tim-tim como fazer. Dois dias depois, a vovó entrou no quarto e viu as paredes se descascando, as folhas do papel da forração despencando como línguas penduradas. Como se não bastasse, enquanto ela e a mamãe assistiam à calamidade, a faxineira entrou, atraída pelos gritos de surpresa e lamentações, e ao abrir a porta bateu na banqueta de trabalho, derrubando-a. Em cima

estavam as latas de cola ainda abertas, óbvio. A mamãe, exausta e exasperada, agarrou cada faixa de papel de parede e em poucos segundos arrancou tudo, enquanto o vovô e a vovó, divertidos, observavam-na pular e pegar o papel para puxá-lo. Ao contar, a vovó ria até às lágrimas, de vez em quando dizendo "Desculpe, Ale, desculpe", e afinal comentou: "Que coisa estranha", depois enxugou as lágrimas e não falou mais nada, mas via-se que estava serena, que recordar não lhe custara nenhuma dor, pelo contrário.

Mas não acaba aí. Na semana passada, choveu o tempo todo. Rosa, quando chegou para a faxina, abriu a

janela do quarto da mamãe e se esqueceu de fechá-la depois. No final da tarde, ouvi a janela bater e fui até lá. A cortina subia e descia suavemente, e via-se uma chuva leve cair dentro, iluminada pelo feixe de luz dourada que entrava pela janela aberta. Eu me aproximei para fechá-la, mas depois me detive. O ar estava fresco e sentia-se o cheiro de maresia. Por fim, não a fechei e fiquei ali por alguns minutos, escutando o leve farfalhar da cortina ao subir e descer, o ar que entrava acariciando cada coisa, como se tudo tivesse começado a respirar.

A coisa mais estranha, porém, aconteceu dois dias depois. Foi na

sexta-feira, quando voltei da escola. Assim que abri a porta de casa, minha avó veio da cozinha ao meu encontro e me entregou o guarda-chuva de Magritte, dizendo: “Vieram devolver isto.” Sua expressão era estranha, cúmplice, como a de alguém a quem acabam de revelar um segredo. O guarda-chuva com nuvens de Magritte havia sido brinde de uma livraria pela aquisição de certo número de livros, e era disputado aqui em casa porque nós três gostávamos dele. Minha mãe não o dava a mim “porque você vai acabar perdendo”, minha avó o tomava de minha mãe “porque afinal você tem capuz, não precisa de guarda-chuva”, e eu o escondia na esperança de que o

esquecessem, porque as nuvens não são coisa de velhas. Um dia o guarda-chuva desapareceu mesmo, e cada uma acusou a outra de não ter tido cuidado com ele. Até a semana passada, quando uma moça se apresentou em nossa casa e o restituiu. No trabalho de corretora, mamãe a ajudara a encontrar casa e tinha sido tão gentil, contou a moça à vovó, que um dia, logo após a compra, ela a convidara para tomar um café no jardim. A casa ainda não estava mobiliada, mas a moça queria agradecer e convidou assim mesmo. Naquele dia, mamãe esqueceu o guarda-chuva, que acabou indo parar num caixote e depois no sótão. Um mês atrás, a moça o encontrou

e, quando lembrou a quem ele pertencia, procurou a imobiliária, que lhe deu a triste notícia. Ela hesitou dias e dias, e acabou decidindo trazê-lo. Nenhuma de nós se lembrava mais daquele guarda-chuva. Nem mesmo eu, durante todo este inverno. Refleti longamente sobre isso e não sei o que pensar.

Talvez haja um momento em que tudo racha e depois se rompe devagarzinho: minha avó rindo na garagem; a chuva dentro do seu quarto; uma coisa que a gente considerava perdida e que recuperamos.

E, por fim, até você se torna algo diferente, mas de certo modo mais equilibrada. Você não será o pensamento

constante que dói, mas a coisa inesperada que nos surpreende e nos liberta.

Não colocamos o guarda-chuva no seu quarto: ele está bem à vista num canto do vestíbulo. Fica ali, em pé, e resplandece de algo que nós já não conseguíamos ver.

28 de abril

Eu temia que você não escrevesse (desenhasse) mais para mim. Hoje, no entanto, eis que chega outro envelope do país de Van Gogh. A propósito: você esteve lá, no museu dele?

Abro devagar o envelope, como na primeira vez: outro desenho. Agora, porém, você também aparece. Somos eu e você, em sua motoneta, de noite. Ao fundo, de novo o mar. É a noite do Mouse, não? Foi bom me sentir a salvo, em segurança e a salvo. Depois da minha mãe, ninguém mais fez com que eu me sentisse assim. Já naquela noite compreendi muitas coisas sobre você, só que não queria pensar nisso, achava que não era importante, e sim algo acontecido por acaso. Quanto tempo ficamos circulando? Você deve ter morrido de frio, mas não se importava.

Agora me pergunto por que, em vez de me lamentar por você não conversar,

nunca lhe falei de mim, de minha mãe, das coisas que me apavoravam. Você foi também o único amigo que eu tive, mas não percebi logo. Que babaca.

Sabe por que saí com Giovanni? Porque não confiava em nossa relação, aquilo no fundo nem parecia uma relação. O que eu podia fazer? Teria lhe explicado, se tivesse tido tempo, se você não tivesse agido sempre do seu jeito, se não tivesse ido embora.

E agora, o que está fazendo? Trabalha? De pedreiro, como havia dito? Sorrio ao pensar isso, porque sei que nem mesmo você acreditava quando repetia com ênfase que essa era a única coisa que gostava de fazer.

Guardo o segundo desenho numa pastinha azul que comprei especialmente para isso. Tento te imaginar naquela cidade desconhecida, mas não consigo. Coloco os desenhos um ao lado do outro e examino-os de novo. Suas palavras estão aqui, nestes signos sobre o papel. São para mim, mas sobretudo para você. Fez bem em ir embora, se era o que você queria, de longe talvez dê para compreender melhor as coisas. Lembra-se do que diziam sobre os casais que se formavam na festa da escola? Fique sabendo: nós dois já somos estatística. Pena, se aquilo tivesse durado talvez pudéssemos ser a exceção, e não a regra.

Agora vou estudar. Tchau, Zero,

sua Zeta.

30 DE MAIO

Um desenho por mês. É assim que funciona, agora entendi. Este, porém, é fenomenal: eu e você sentados à nossa mesa, tomada frontal, plano americano, diria alguém. Você olha para a janela,

como fazia sempre, e eu olho direto à frente, provavelmente estou acompanhando a aula porque tenho a expressão concentrada, tensa. Já você está com a testa franzida e o olhar severo. O resto da turma está apenas esboçado, um conjunto de linhas e círculos. O resto não conta: naquele mar confuso, o que se vê somos só eu e você. Sorrio, saudade de Zerolândia, a pátria perdida. É aquele o espaço onde me refugiei, onde aportei quando pensava ter de fazer alguma coisa, anunciar que na minha vida tudo havia mudado, para sempre. E ali estava você, o rei de um reino vazio. Sente falta de Zerolândia?

Estamos à sua espera, sabe? E você se perguntará: mas quem está à minha espera? Todos. Os sinais que você deixou na mesa da escola, os chicletes grudados sob a borda, o tampo gasto, a janela que só você olhava, sua cadeira vazia. Não é verdade que somente as pessoas sofrem de saudade, as coisas também sabem o que é. Aprendi isso olhando as que minha mãe deixou, quando entro em silêncio no quarto dela. Tudo está ali, à espera, e, como eu, não quer se resignar. Pequenos objetos teimosos, obstinados. E também estou eu. Eu escuto sua ausência, e sua ausência me fala de você, me conta pequenas coisas, me recorda os

detalhes: como você mantinha a mão suspensa sobre o papel, antes de começar a desenhar; seu perfil que eu espiava com o canto do olho; como você bufava quando não aguentava mais e fazia parecer que era um suspiro profundo. Coisas assim: nada de sério, nada que se possa realmente contar a alguém.

Quanto a mim, há uma novidade. Neste verão, depois do vestibular, vou à Grécia com Angela, de navio. Legal, não? E também decidi: vou me matricular em matemática, sempre gostei de números, eles me tranquilizam. Foi você quem me botou a Grécia na cabeça, você e minha mãe. Com ela não posso ir

porque morreu, com você também não porque desapareceu. Quando eu voltar, a quem contarei o que vi?

3 DE JULHO

No dia do exame oral, visto uma saia azul até o joelho e uma camiseta branca. Prendi os cabelos num rabo de cavalo baixo e pareço uma garota que vai receber a crisma. Sento-me diante da

banca examinadora com o coração na garganta. Escuto minha voz falando de Zola, de Giovanni Verga e do verismo, de Capuana e do positivismo. Todos concordam com grande seriedade, estão muito atentos. No final da minha exposição, vêm algumas questões de história e de literatura. Justamente quando começo a me sentir à vontade, o exame termina.

Lá fora estão à minha espera Claudia e Angela, a vovó e meus colegas de escola, que me fazem um monte de perguntas. De repente são de novo meus colegas, sem excluir ninguém. Ilaria e Sonia me abraçam e, desta vez, não me esquivo. Sonia me sorri, e naquele

sorriso se anulam meses e meses de incompreensões, maus humores, garotos errados.

Sinto-me estranha, talvez até meio perdida, porque agora que a escola acabou compreendo quanto era tranquilizador o fato de ir até lá todos os dias e de não precisar pensar em mais nada. Talvez até Gabriel viesse à escola só por isso, porque assim não precisava tomar decisões, podia fingir ter algo a fazer, a concluir. Eis por que ele foi embora, não porque não lhe interessasse o diploma, mas porque sabia que teria de tomar uma decisão, encontrar seu caminho. Quem sabe se terá conseguido, faz dois meses que não recebo mais o

desenho costumeiro, talvez o último fosse realmente o último, era um presente de adeus e eu não compreendi. Por sorte, com o vestibular e todo o resto, não tive muito tempo para pensar nisso. Melhor assim.

A vovó me abraça e tem lágrimas nos olhos, e nós duas sabemos por quê. Ontem fui ao cemitério, levei para a mamãe umas margaridas lindas. Hoje de manhã, antes de vir para cá, acenei para a foto dela no vestíbulo e, quando entrei, antes de me sentar, meu pensamento se dirigiu a ela.

Claudia e Angela me fotografam diante da escola, com meus amigos, e em seguida pedem que eu as fotografe

junto com a vovó, e por um momento ficamos todas felizes. Depois, no carro, quando nos dirigimos para o restaurante, há uns minutos de silêncio. Sempre acontece quando estamos juntas, quando todas nós, quase ao mesmo tempo, começamos a pensar no que você faria, no que você diria. Nenhuma o confessa, mas não é necessário, e agora isso me agrada. Sofrer é também um modo de amar você, e eu agora sei quanto te amei, e só o sei quando me sinto assim. Talvez seja uma estupidez pensar desse jeito, mas às vezes acho que com a felicidade não se aprende nada.

Hoje, porém, estaríamos todas felizes, ou melhor, felicíssimas.

Estaríamos todas tontas de prazer e perderíamos a cabeça. Você, Claudia e Angela se embebedariam no restaurante, a vovó as veria rir, tranquila como sempre. Eu curtiria esses momentos como uma promessa de felicidade. Talvez nem pensasse em Gabriel porque provavelmente não o teria conhecido, se as coisas tivessem sido diferentes.

No restaurante Angela me diz que já organizou tudo para a viagem à Grécia, partiremos em agosto, e então eu começo a abrir os presentes. Angela me deu um iPad, Claudia uma bolsa Gucci — "é importante para quando você for à universidade", diz — e a vovó, uma pulseira de berloques. "Sua mãe tinha

comentado comigo", explica, e em seguida duas lágrimas velozes lhe sulcam o rosto e desta vez ela sequer faz o gesto de enxugá-las. Eu me levanto e a abraço, e assim ficamos até eu me sentir segura de ter conseguido conter as minhas.

27 DE JULHO

Na volta da praia encontro seu envelope. Logo agora que eu pensava em você um pouco menos, que havia me habituado à ideia de não te ver mais. Não sei por que às vezes me vem toda

esta pressa de te esquecer e depois, quando alguma coisa sua me alcança, percebo que isso seria uma estupidez, se acontecesse mesmo.

Largo a bolsa de praia no vestíbulo e vou me sentar à mesinha do terraço. A vovó não está, deve ter saído, só eu estou em casa. Abro o envelope sem a ansiedade das primeiras vezes, embora, no momento em que o vi, um sorriso tenha me escapado. Desta vez há duas folhas. Pego a primeira e cubro logo a outra: surpresa dupla, quero curti-la com calma.

Olho o primeiro desenho e levanto a vista à minha frente, esperando compreender esta emoção. Lá fora, a

copa da faia ondula com a brisa, o céu está muito azul, o ar tem perfume de verão. O desenho é um retrato de minha mãe, que me sorri, serena. Examino-o longamente e respiro a atmosfera ao meu redor. Depois me levanto e vou ao quarto dela, abro as janelas e deixo entrar o ar, sento-me na cama e olho de novo o desenho. É lindo. Do papel os olhos parecem realmente me seguir, a mirada muito intensa, muito viva. Por um instante você está de novo aqui comigo, neste instante suspenso. Sinto sua ausência e sua presença ao mesmo tempo, enquanto me mantenho imóvel por alguns momentos e curto esta

sensação, esta felicidade calma e dolorosa.

A única fotografia de minha mãe que você pôde ver é a da lápide dela, mas você foi competente e não se limitou a copiá-la. Você a repensou, para mim. Por quê? É o seu presente?

Volto ao terraço e pego a outra folha. E desta vez é você, dentro de um quarto, que provavelmente é onde você vive agora. Está sentado na cama, de perfil, e olha lá para fora pela janela aberta. Meio como eu, agora. É bonito que você não me esqueça.

Estou para guardar os dois desenhos no envelope quando descubro que, atrás

do segundo, há uma coisa: um endereço e um número de telefone.

Meu coração começa de repente a bater forte: era isso que eu queria? Eu tentava não pensar em você porque não queria te desejar. Vou buscar o celular na bolsa, volto e me preparo. Sento-me e penso no que quero lhe dizer, embora saiba que, quando ouvir sua voz, vou confundir tudo. Teclo o número. Escuto tocar uma, duas, três vezes. Em seguida, sua voz.

"Oi", me diz Gabriel de lá.

"Oi", respondo, e sorrio.

Silêncio.

"É bonito, o retrato de minha mãe", digo, emocionada.

Do outro lado, apenas silêncio.

“Alô?”

“Sim, estou aqui”, responde ele, e acrescenta: “Sua mãe era bonita.”

“Sim”, digo apenas, e espero.

Mais um longuíssimo silêncio.

“Então, a escola acabou”, diz ele, e percebo que também está emocionado.

“Pois é, finalmente. Eu não aguentava mais”, respondo. Sorrio nervosamente.

“Está trabalhando?”, pergunto.

“Terminei”, responde. “Agora estamos fazendo uma pausa.”

Silêncio. Só silêncio.

“Eu penso muito em você”, diz, como se fosse um problema que ele não consegue resolver.

“Eu também, em você”, digo, e sorrio, feliz porque ele voltou.

7 DE AGOSTO

Gabriel retorna amanhã, e depois, quem sabe? Nem sei quanto tempo ficará. Veremos. Avisei a Angela que não irei à Grécia, mas sugeri que ela vá mesmo assim. Quero esperar e ver o que

acontece. A verdade é que eu queria ir, mas com ele.

Ontem fui ver o mar. O céu ameaçava tempestade, e tinha subido um vento forte.

Lembrei-me de você, mãe, num dia como de mil anos atrás.

Recordo aquele dia na praia como se fosse ontem. Eu era muito pequena, devia ter 4, 5 anos, não mais. O tempo estava incerto, à noite havia chovido, mas ainda assim nós fomos, junto com a vizinha e os filhos dela. O mar estava agitado, disso me lembro bem, assim como do vento no rosto e da maresia.

Revejo você sentada numa espreguiçadeira e me vejo brincando com a areia, a expressão emburrada porque você me proibira de me aproximar da água, ao passo que as outras crianças tinham permissão para entrar no mar.

A praia vazia, naquele dia, me parecia tão grande... Um espaço inclinado de areia, céu e água, infinito.

Dali a pouco comecei a chorar: teria me machucado? Tinha entrado areia nos meus olhos?

Você me pegou nos braços e fomos passear pela orla, eu abraçada a você como a uma árvore, coração contra coração. De vez em quando você me

dizia alguma coisa, e de vez em quando me dava um beijo leve na bochecha.

Volta e meia eu sentia no rosto o sol, quando ele se liberava daquelas amplas nuvens recortadas. E também o vento e suas palavras. O que você me contava? Se ao menos eu pudesse recordar tudo...

Aquele foi o tempo em que éramos imortais. A vida nos parecia tanta.

Volta e meia eu sentia no rosto o sol e o vento e as suas palavras, e nada mais importava.